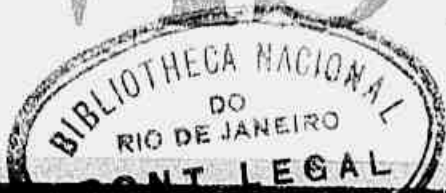


REVISTA DA SEMANA

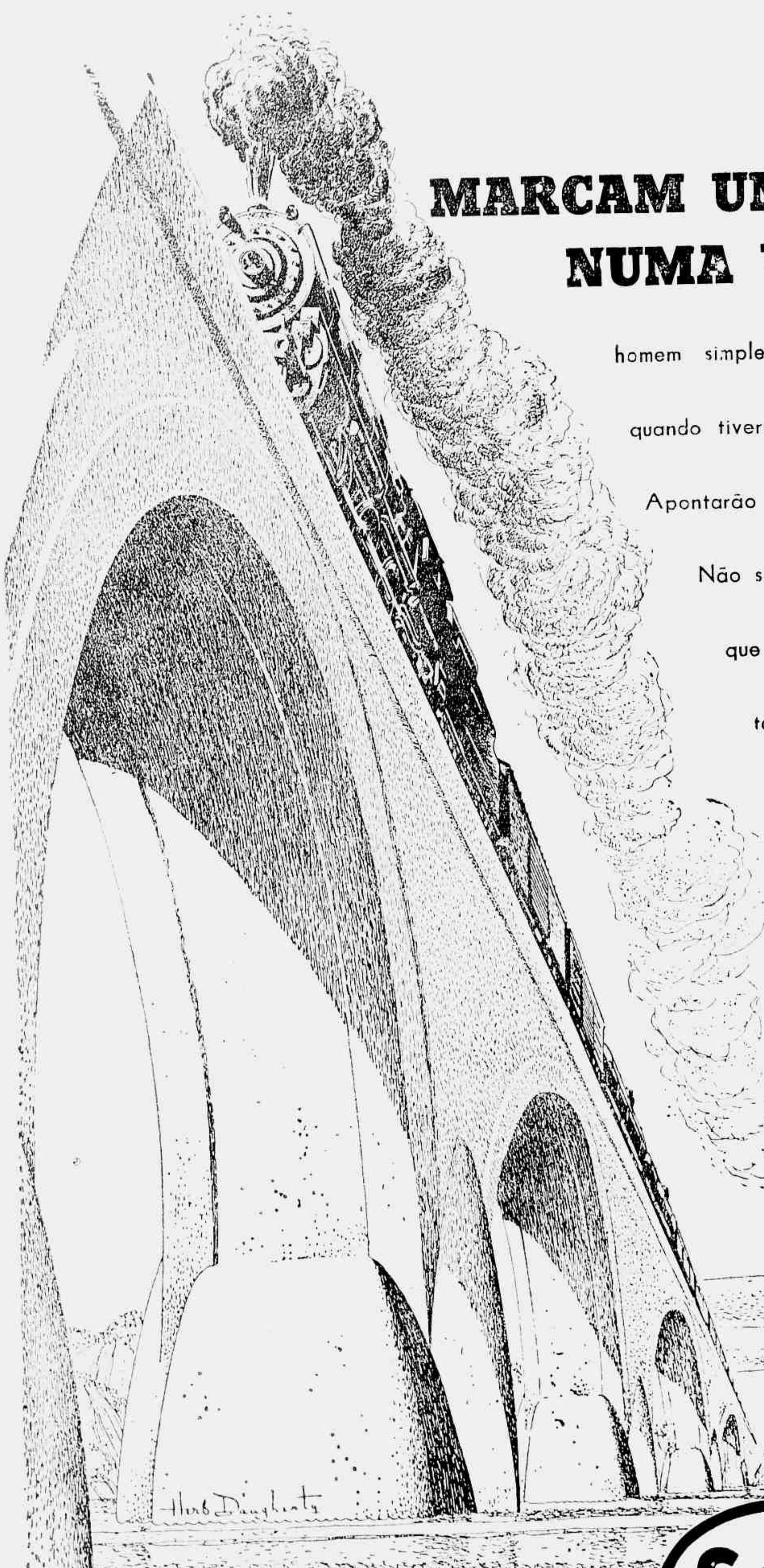
N.º 25



CR\$ 2,00 EM TODO O BRASIL

21-5-47





MARCAM UM DIA NUMA VIDA!

Ninguém define melhor a

importância das ferrovias

brasileiras do que o

homem simples do campo. Indague-se de muitos deles

quando tiveram a maior impressão de sua existência.

Apontarão o dia em que viram o primeiro trem-de-ferro.

Não só o homem simples, mas todos os brasileiros

que acompanham a evolução do país sabem da

tarefa vital, desbravadora e progressista das

ferrovias nacionais. A Standard Oil tem a

satisfação de dizer que, por

Trabalhando

milhares de quilômetros

com Esso,

Brasil afora, seus produtos

Brasil Afóra

prestam diariamente serviços à segurança

e à eficiência dos comboios em tráfego.

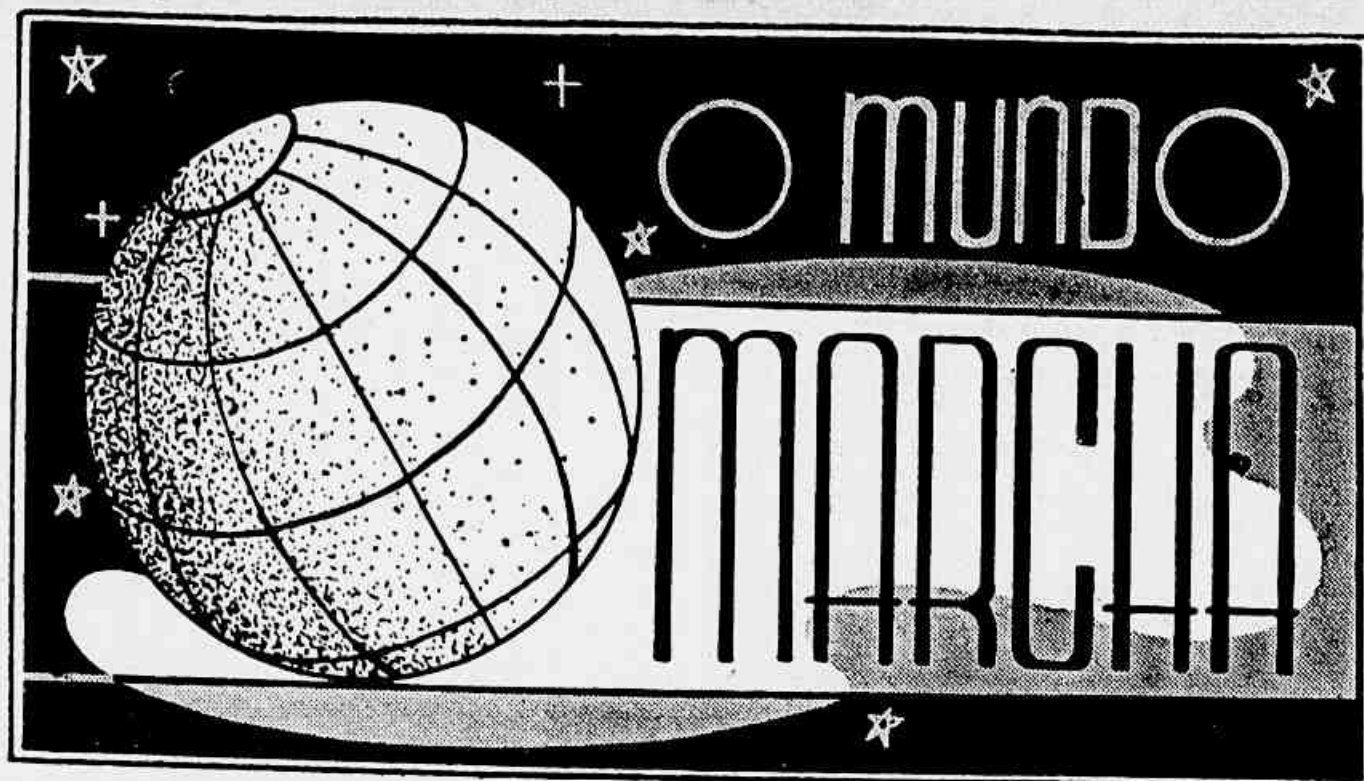
☞ A eficiência das ferrovias modernas repousa principalmente na conservação do seu material rodante, conservação cada vez mais fácil hoje em dia graças ao progresso da lubrificação especializada.

Esso



★ **STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL**

☆
McConn



DEPOIS do caso do tubarão que matou o jovem estudante na praia de Copacabana, um vespertino carioca descobriu uma cabeça humana no ventre de outro tubarão, lá para os lados de Mangaratiba. E no dia seguinte, anunciou sensacionalmente, que a cabeça humana encontrada no ventre do monstro marinho era de... um homem! Em Copacabana, entretanto, não operam apenas esses "tubarões"... Há outros, sobretudo os dos negócios de alugueis. Ainda outro dia, a rua Barata Ribeiro, foi preso o porteiro de um edifício, quando o Sr. Mario Barbado, recém-chegado de Curitiba, pagava dezesseis mil cruzeiros de "luvas" para conseguir alugar um apartamento... Outros que foram presos em flagrante, por motivo semelhante: Manuel Morais e Alvaro Geraldo Lorena Martins. Crime sensacional da semana: o do garçon Osmar França do Telhado, — será parente do famigerado José do Telhado? — que matou uma tia cartomante, na rua Canindé, a golpes de machado, impaciente para recolher-lhe a herança... Disse o criminoso que havia uma grande divergência entre ele e a tia, a respeito de programas de rádio com horários semelhantes, querendo, a velha ouvir sempre um, que não era o da sua escolha... Daí, machado na velha! Vários prêmios literários foram distribuídos na semana passada. O Sr. Josué de Castro, médico, técnico de alimentação e autor de "Geografia da fome", conquistou o prêmio Pandiá Calógeras, da Associação Brasileira de Escritores. Na Academia Brasileira de Letras, foram distribuídos os prêmios: Coelho Netto (romance) ao Sr. Ciro dos Anjos, autor de "Abdias"; José Veríssimo (erudição), ao Sr. Helio Viana, autor de "Contribuição à história da imprensa brasileira"; Carlos de Laet (crônicas, viagens, etc.), ao Sr. R. Magalhães Júnior, autor do livro "Janela Aberta", título também de sua extinta seção no vespertino "A Noite"; João Ribeiro (filologia, etnografia e folclore) ao Sr. Oton Xavier de Brito Machado, autor de "Os Carajás", estando ainda por decidir alguns prêmios, inclusive o Grande Prêmio Machado de Assis, o qual, segundo consta, será atribuído, ou ao Sr. Azyone Costa, ou ao Sr. Tobias Monteiro. A Paraíba foi o primeiro Estado brasileiro a entrar no regime da lei, com a aprovação de sua Constituição. Após o ato solene da promulgação da lei básica, os deputados à Assembléia Legislativa visitaram o governador Oswaldo Trigueiro, sendo trocados significativos discursos. No Rio Grande do Sul, como no Ceará, foram aprovadas as emendas parlamentaristas, manifestando-se o governador Walter Jobim contra a intervenção federal no Estado. O governador cearense, julgando-se prejudicado pelo neo-parlamentarismo do seu Estado, pediu mandado de segurança, afim de ser declarada pela justiça a inconstitucionalidade dos artigos parlamentaristas da Constituição do seu Estado. Conseguirá ele o que deseja? As opiniões estão muito divididas... O governador Coimbra Bueno, de Goiás, deu um grande golpe no Sr. Pedro Ludovico, ex-donatário do território goiano, no tempo das capitâncias hereditárias do Estado Novo... Assinaram um manifesto, deixando o Sr. Pedro Ludovico, os deputados estaduais José de Souza Porto, Domingos Jacinto Pinheiro, Benedito de Araújo Melo e Serafim Carvalho, os quais se solidarizaram com o governador do Estado, o qual, para eles, é como político e administrador, é realmente "bueno"... Foi revogado o registro, como sociedade civil, da famosa Klu-Klux-Klan, uma das vergonhas dos Estados Unidos, foi criada para incentivar a luta racial e para negar aos negros os direitos civis e políticos. Nascida em Atlanta, na Geórgia, um dos Estados mais ferrenhamente reacionários do Estados Unidos, pode-se dizer que a Klu-Klux-Klan já vai tarde... A respeito da situação do porto, houve um início de polémica entre o diretor da Administração do Porto e o "Correio da Manhã". Houve uma nota oficial, a cujos termos esse jornal assim revidou: "O sr. Miranda Carvalho, na sua nota oficial, atribui a uma empresa de navegação a "campanha infamante contra o porto, o Departamento de Portos e o Ministério da Viação". Tudo isso porque essa empresa forneceu dados à imprensa na esperança de liberar um dos seus navios, depois de oitenta dias de estadia, em virtude de se acharem os armazéns e as plataformas tão cheios que o serviço de descarga se fazia a passo de cágado. Afirma a Administração que o "Mormacow" não esteve oitenta dias no porto, e sim cinquenta e oito. Cinquenta e oito dias são o bastante para um barco fazer duas viagens redondas do Rio a Nova York. Ainda ante-ontem estava atracado no armazém 2 o "Mormacport", pertencente à mesma empresa, que atracou a 5 de maio, depois de dez dias de espera na fila. Não resta dúvida que "a opinião pública deve estar prevenida contra as campanhas que provocam pânico no exterior, quando divulgadas pelas agências telegráficas", porém quando os armadores ingleses e americanos aumentaram de 50% os fretes para o Rio, não tiveram em mente campanhas telegráficas, mas tão só os dados que eles próprios colheram, visto que são os grandes prejudicados". Por falar nisso: fizeram anos, na semana passada, o "Correio da Manhã", agora na casa dos quarenta e sete, e o "Diário de Notícias", agora na casa dos dezito. REVISTA DA SEMANA, que os viu nascer e crescer, manda-lhes o seu efusivo abraço. Foi um sucesso, a volta de Jayme Costa ao palco, em "O homem que volta", peça de Celestino Silveira e Berliet Júnior. Desta vez, o retrato de Jayme não está apenas na fachada do teatro. Lá dentro, está ele em pessoa, fazendo o público rir ou emocionar-se... Será no dia 15 de julho a Conferência Inter-Americana do Rio de Janeiro. O advogado James Bruce é o novo embaixador dos Estados Unidos na Argentina. A senhora Eva Peron, esposa do presidente da Argentina, está na Espanha, fazendo sucesso pessoal... e "boa vizinhança" com Franco. Foi nomeado prefeito do Distrito Federal e já se empossou nesse cargo o general Angelo Mendes de Moraes, cuja escolha para o posto vago com demissão do Sr. Hildebrando de Góes repercutiu bem no Senado Federal. Está sendo esperado no Rio a 26 do corrente o Sr. Gabriel Gonzalez Videla, presidente da República do Chile. O Rio Grande do Sul está nadando em arroz... Tanto é assim que acaba de exportar dois e meio milhões de sacos para os Estados Unidos. Preço, 75 cruzeiros o saco, CIF Porto Alegre ou Pelotas. Nos Estados Unidos, está diminuindo o número de desempregados. No Hotel 3 de Maio, à rua Moncorvo Filho, o rumeno Nicolai Burmalto, vindo de São Paulo, tomou uma injeção com um "médico" que fora seu companheiro no avião e dormiu profundamente, verificando, ao acordar, que o "Dr." lhe levava todo o dinheiro e mais um relógio de pulso, no calor de cinco mil cruzeiros... Para terminar uma estatística macabra. Houve a 14 do corrente, nos Estados Unidos, mais um grande desastre de aviação, chocando-se um aparelho da Pennsylvania Airlines com um p.c.o do Estado de Virginia e morrendo 50 pessoas. Os outros grandes desastres de avião dos últimos tempos foram: (Dados na seguinte ordem: local do desastre, data e número de mortos): Bogotá, 24 de julho de 1938, 53; Ommori (Japão), 23 de agosto de 1938, 28; Lovettsville (Virginia), 31 de agosto de 1940, 25; Califórnia, 3 de março de 1946, 27; Northern Califórnia, 19 de março de 1946, 26; Richmond (Virginia) 16 de maio de 1946, 27; Equador, 18 de julho de 1946, 32; Ganderfield, 19 de setembro de 1946, 39; Brasil, 20 de setembro de 1946, 25; Amsterdam, 14 de novembro de 1946, 26; Thingtao (China), 5 de janeiro de 1947, 43; Bogotá, 15 de fevereiro de 1947, 53; Caracas, 8 de abril de 1947, 27; Nova York, 29 de maio de 1947, 42; Islandia, 29 de maio de 1947, 25; Port Deposit (Maryland), 20 de maio de 1947, 53. E, agora, aquele, de 50, na Virginia!



Adolescentes

Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais rapidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.

Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projetos e inquietações povoa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade,

o início da adolescência constitui por isto mesmo uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêse período de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—espôsa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em boas condições a mocinha deve ser preparada física e psicologicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam—e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso—são as primeiras providências a tomar. Para isto **Regulador Gestelra** é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dores durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos esses distúrbios, que frequentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até evitados com o uso do **Regulador Gestelra**.

A ação que o **Regulador Gestelra** exerce sobre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do **Regulador Gestelra** o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na rólha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

O PINCE-NEZ

OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS

R. CARIOCA N.º 28

Joalheria

DE OURO

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES

BRAÇOS PARA O BRASIL

PELA primeira vez o Brasil está tentando uma "imigração dirigida", dizem que com absoluto rigor científico. Os trabalhos de seleção procedidos nos "campos de deslocados", mantidos pela UNRRA nas zonas de ocupação da Alemanha e Austria, são seguidos de uma série de providências, delineadas há muito tempo. A emigração e o repatriamento de milhares dos deslocados dos diversos países da Europa, que estavam trabalhando como forçados na indústria alemã, criou dois grandes problemas ao ser empreendida, após a capitulação nazista, a recomposição dessas grandes massas humanas que a guerra acumulou em um só país. Gentes da Lituânia, Letônia, Estônia, Bulgária, Polônia, Grécia, Iugoslávia, Ucrânia e até mesmo da Rússia formaram um aglomerado heterogêneo dentro da Alemanha derrotada. Para o equilíbrio da situação do continente europeu é necessário reenviar com urgência esses milhares de pessoas para os seus países que têm a lavoura e a indústria arrazadas, afim de que os homens recomencessem a reconstrução. Este

A HOSPEDARIA DA ILHA DAS FLORES ESTÁ CHEIA DE NOVOS INQUILINOS — VÁRIOS PAÍSES DA AMÉRICA LATINA LUTAM PELA CONQUISTA DE IMIGRANTES — ATÉ MESMO INDÚS, NAQUELA BABEL EM MINIATURA — CHEGAM, COMO IMIGRADOS, UM BARQUEIRO DO VOLGA E UM OFICIAL DO CZAR — "CR\$ 1.800,00 É MUITO POUCO PARA SE VIVER NO RIO" — DECLARA UM "DESLOCADO".

Reportagem de **NEY MACHADO**

Fotos de **ARNALDO VIEIRA**

é o grande problema do repatriamento, a cargo da UNRRA. Mas surgiu uma outra solução para os milhares de famílias que tiveram suas fazendas e suas casas incendiadas pelas operações de guerra. Muitas delas preferem começar a vida

em terras estranhas, onde as possibilidades de vida sejam mais compensadoras. Para essas famílias os Estados Unidos, a Inglaterra e a França, organizaram "emigração dirigida", entrando em coordenação com os países que necessitam de bra-

ços para a sua lavoura e sua indústria. Com este fim foi criado o "Inter-Governmental Committee of Refugees — IGCR — que estabelece as quotas e controla o encaminhamento dos emigrantes. Apenas da zona da Alemanha ocupada pela Rússia, não é permitida a saída de emigrantes, proibição imposta pelos comunistas, que por isto não aderiram ao IGCR — O Brasil foi um dos primeiros países a se filiar a essa organização, tendo enviado à Europa uma comissão de médicos e técnicos em imigração, sob a chefia do Dr. Arthur Neiva, com a incumbência de estudar o tipo racial dos imigrantes que mais nos conviessem e com maiores probabilidades de aclimação ao nosso ambiente.

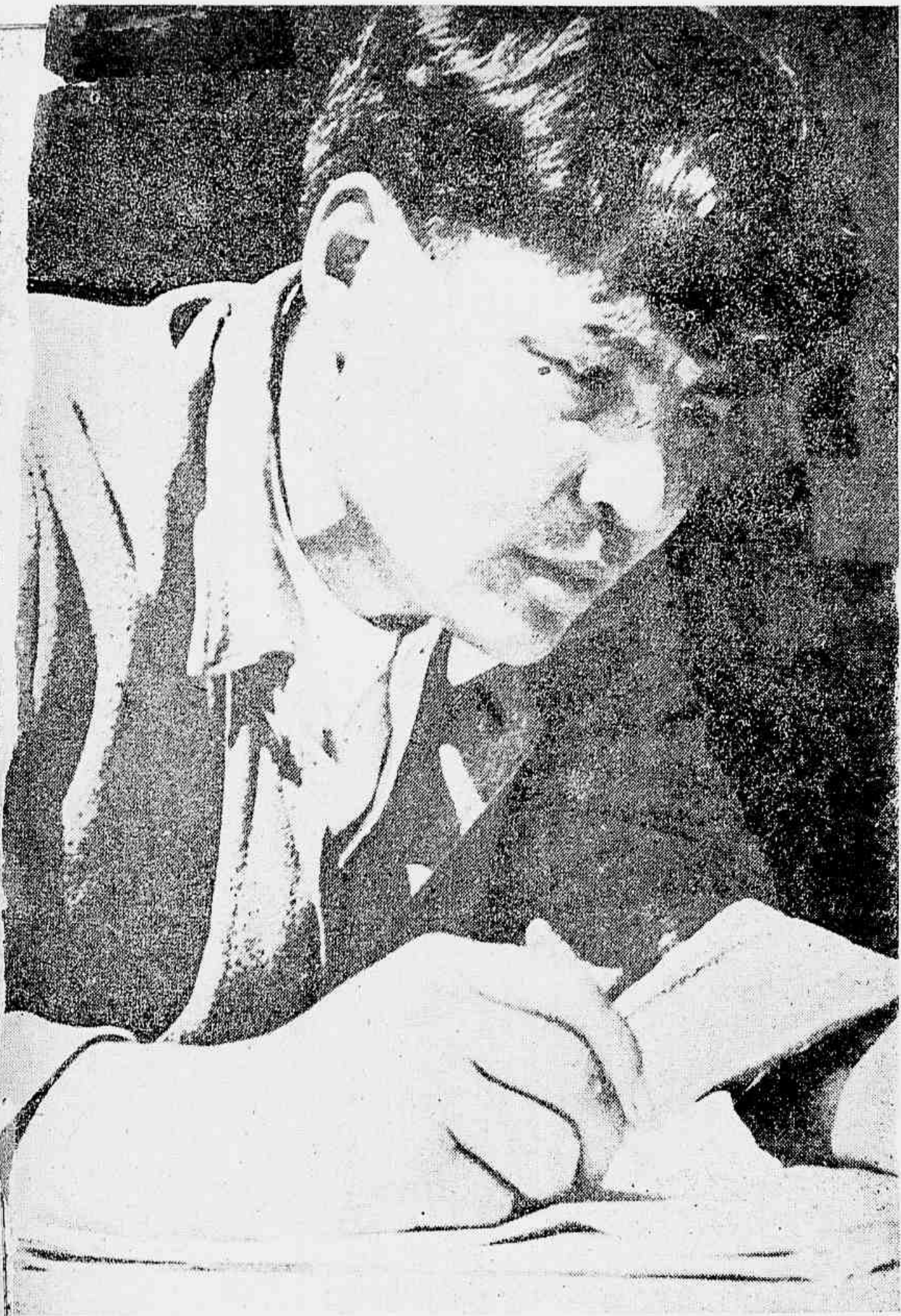
A ESCOLHA DOS PRIMEIROS 5.000

A nossa reportagem fez um estudo minucioso do processo imigratório em todas as diversas secções oficiais que estão encarregadas da seleção, controle, encaminhamento, colocação e até da fiscalização final e pudemos reunir dados concretos

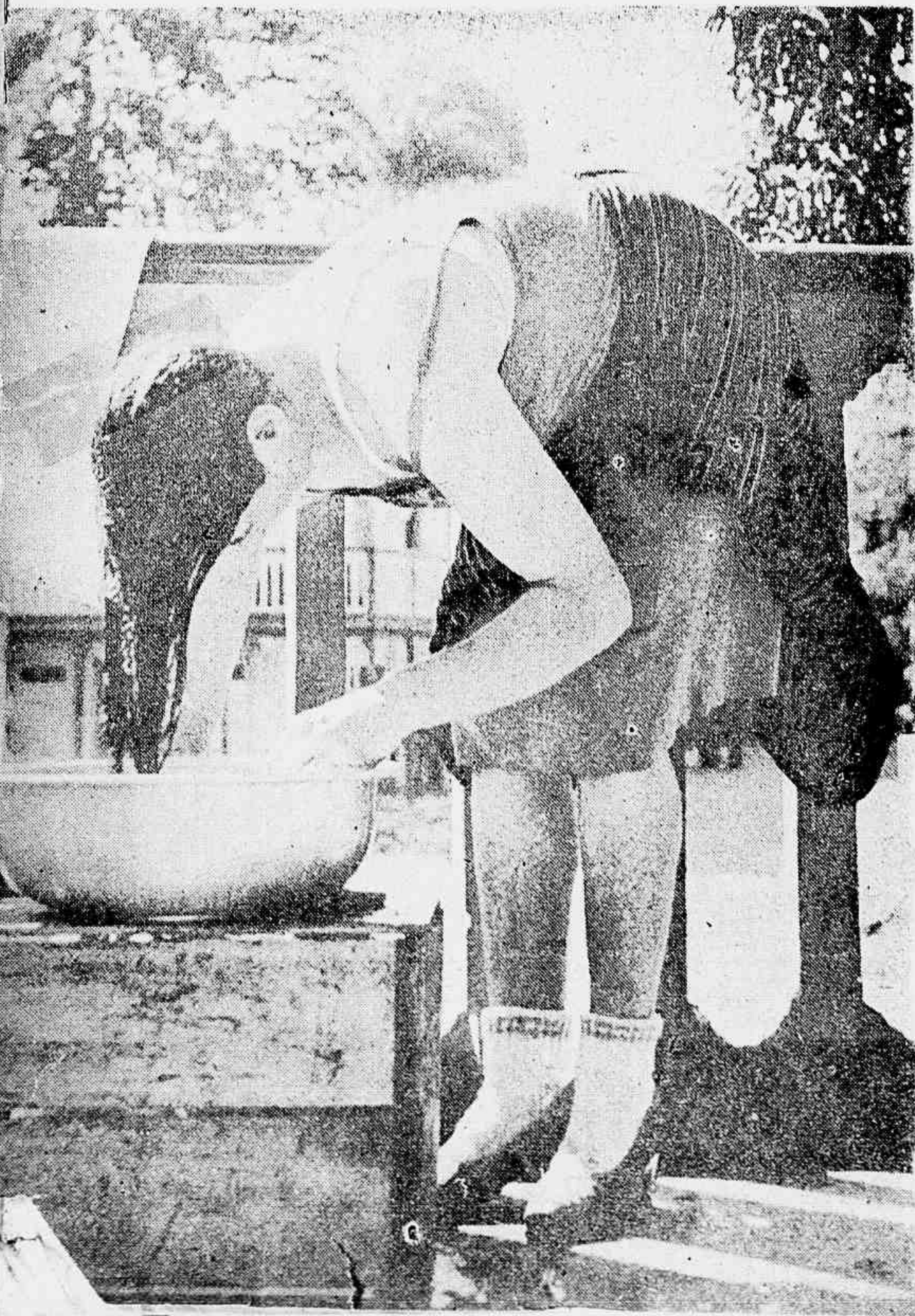
Em baixo: Um dos pequeninos imigrantes tem pela primeira vez diante de seus olhos a bandeira brasileira. Na página ao lado: Uma camponesa ucraniana que vai trabalhar com seu marido numa fazenda de café no interior paulista. Por incrível que pareça, a primeira palavra pronunciada pela pequerrucha, que está no colo, foi uma palavra portuguesa. Depois de alguns dias no Brasil aprendeu a dizer "pápá..."







Ao alto à esquerda: O mongol Andrei Perwijn conseguiu, quase milagrosamente, um vocabulário russo-português e aproveita a estadia na Ilha das Flores para aprender a nossa língua. As primeiras palavras que decorou foram: "Preciso cruzeiros". A direita: Uma criança que teve a felicidade de escapar da hecatombe européia. Seus pais nos declaram que não poderia haver pais mais liados para o futuro do seu bebê. Este será registrado como brasileiro logo que eles cheguem ao Rio Grande do Sul. Em baixo à esquerda: Um detalhe apanhado próximo aos dormitórios, quando uma imigrante lavava a cabeleira. A hygiene em todas as dependências da Hospedaria é um dos pontos que muito recomenda a atual administração do Dr. Martins de Almeida. A direita: O casal Josef Linkientsch, ao som do bandolim, lembra em canções a Lituânia distante. A esta hora o jovem par de imigrantes está lavrando a terra brasileira, no interior do Estado de São Paulo.



do que já se fez até agora neste setor e do que ainda está em projeto. Pelo contrato feito entre o governo brasileiro e o IGCR ficou estabelecido que o nosso país receberia uma quota de cinco mil emigrantes, selecionados exclusivamente pela nossa comissão nos campos da UNRRA, da Alemanha e Áustria, vindo essa primeira leva a título experimental. Dêse mesmo contrato consta, como cláusula adicional, que, se essa experiência fôr bem sucedida, o Brasil receberá mais sessenta mil imigrantes. A aprovação será feita em conjunto pelos departamentos nacionais que estão controlando a corrente imigratória e auxiliados pelo representante do Inter-Governmental Committee of Refugees no Rio. Os cinco mil estarão em nossas terras até setembro próximo. Estão chegando de oitocentos a mil, mensalmente — e em outubro o Departamento Nacional de Imigração deverá ter resolvido sobre a conveniência ou não, do recebimento dos restantes sessenta mil deslocados de guerra, como prevê a cláusula adicional do nosso contrato.

A AMÉRICA LATINA LUTA PARA CONQUISTAR QUOTAS IMIGRATÓRIAS

Qualquer leigo em assuntos imigratórios compreende muito bem que o momento favorável para que os países de fraca densidade demográfica, como o Brasil e, em geral, os demais países sulamericanos, recebam em grande escala os trabalhadores de que necessitam a sua lavoura e indústria é o momento que se segue às grandes guerras, quando os sem teto dos países envolvidos pela hecatombe se multiplicam e a miséria ameaça dizimar milhões dos habitantes dos países sacrificados durante o conflito. É o que está acontecendo agora na Europa e, por isso, a nossa comissão de seleção de imigrantes pode escolher os que melhor nos interessam. Outros países da América do Sul estão também interessados em conseguir quotas imigratórias com IGCR, como o Chile, a Argentina e o Equador. A Venezuela, país com 1.600.000 quilômetros quadrados (a quinta parte do território do Brasil), contratou uma primeira quota de quinze mil emigrantes. A Argentina se obtiver inscrição no IGCR, com certeza pretenderá quota ainda maior.

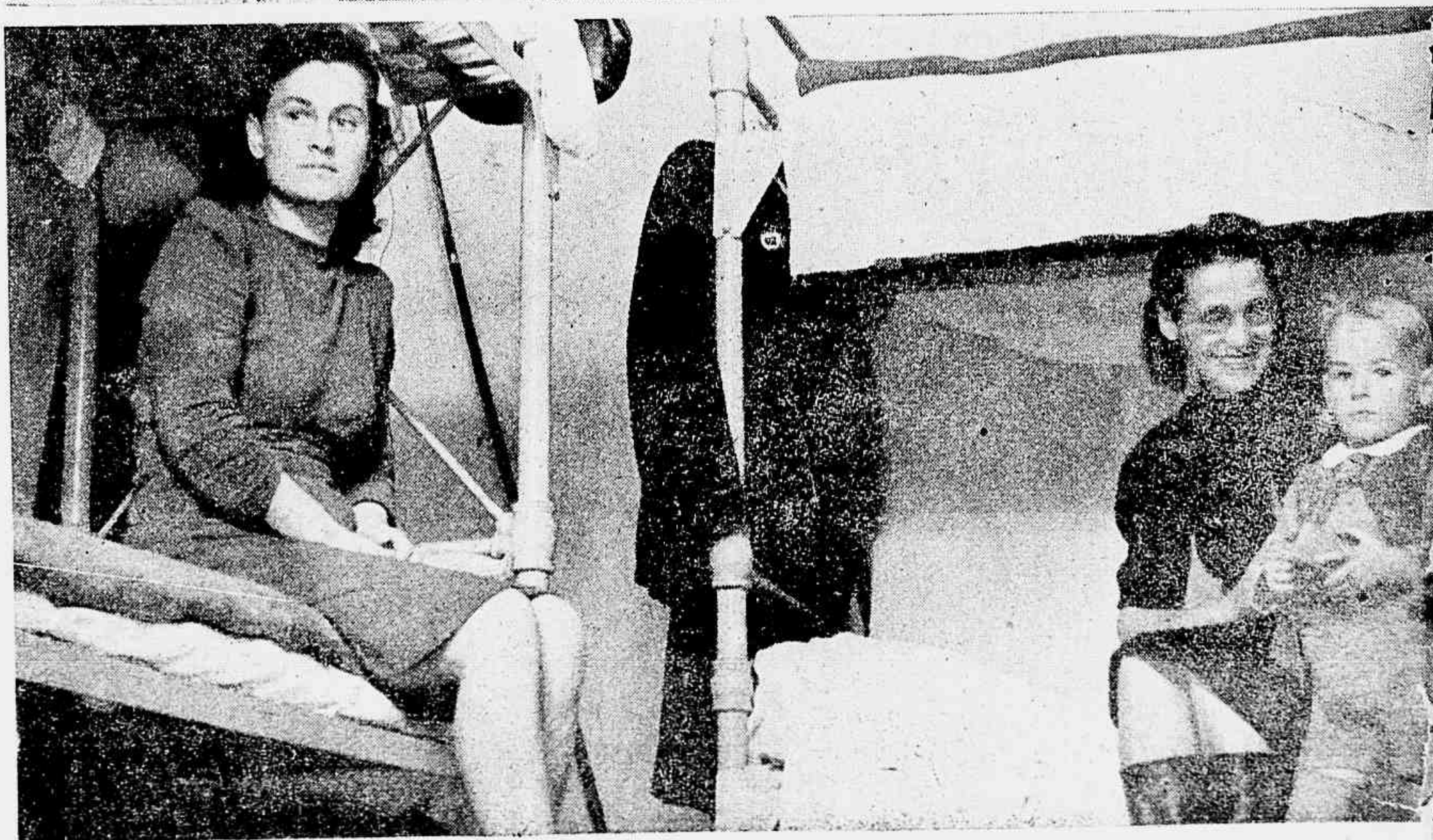
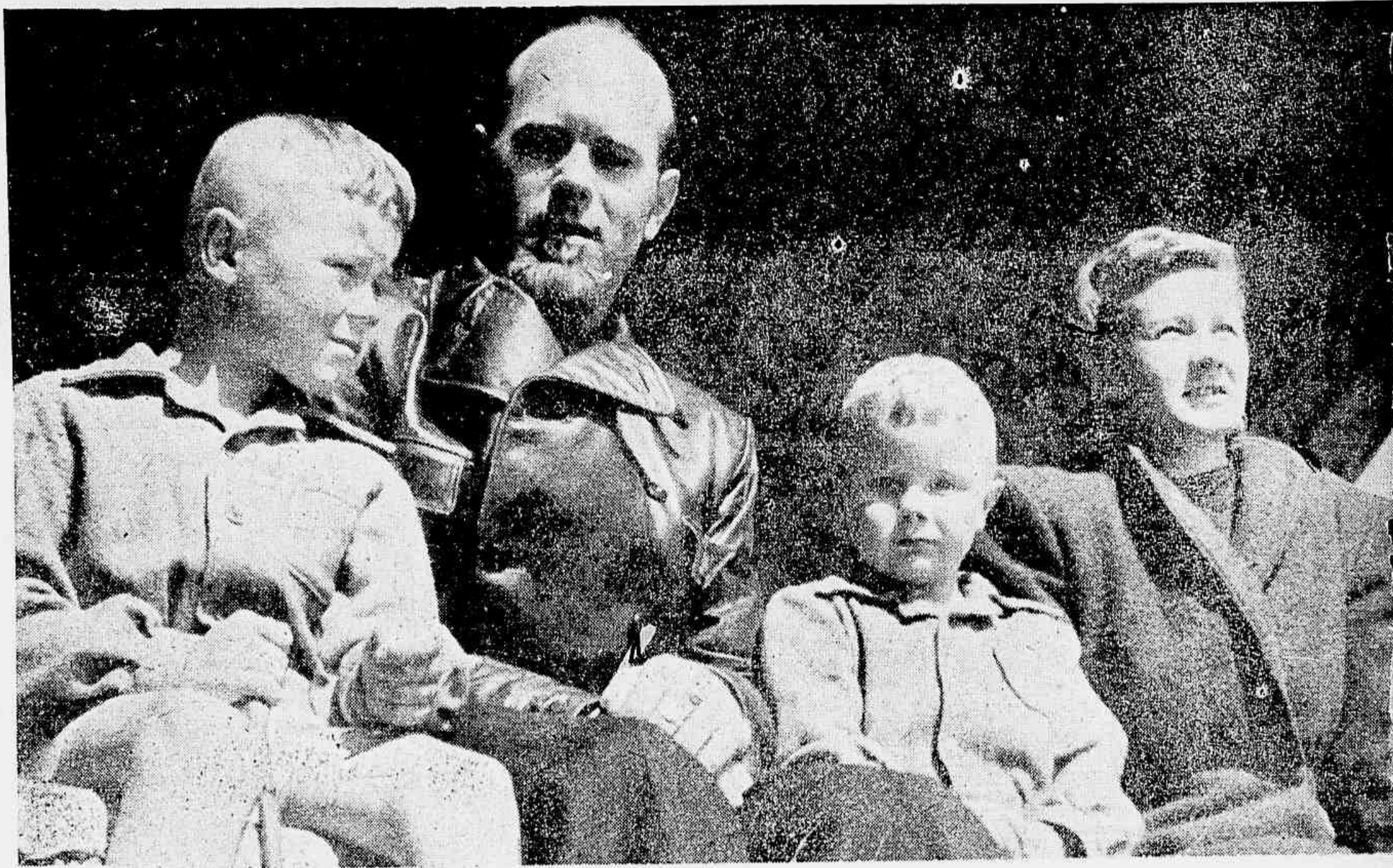
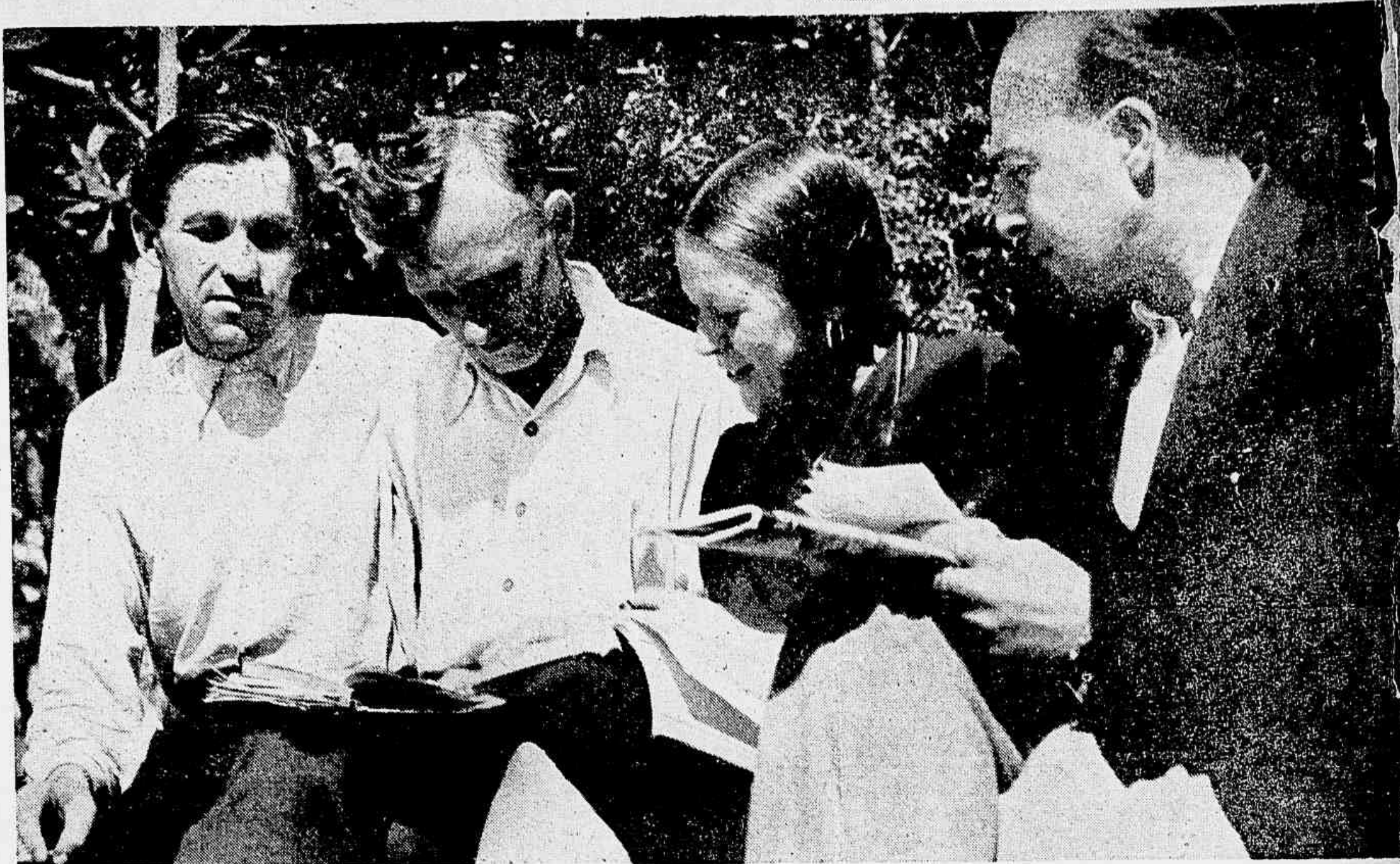
O IGCR vai ser extinto em 31 de julho próximo, sendo substituído pelo IRO (Organização Internacional de Refugiados). Segundo nos declarou o Sr. Ruy de Carvalho, representante no Brasil do organismo a ser extinto, será necessário que os países interessados em receber imigrantes revalidem os seus contratos junto ao IRO. Os que primeiro o fizerem terão preferência na seleção dos deslocados nos campos da UNRRA, o que é de suma importância, para nós, afim de que possamos selecionar com mais cuidado e com mais tempo o tipo que mais nos interesse. Uma Comissão Preparatória do IRO continuará o serviço do IGCR, quando este se extinguir, afim de não haver problemas de continuidade.

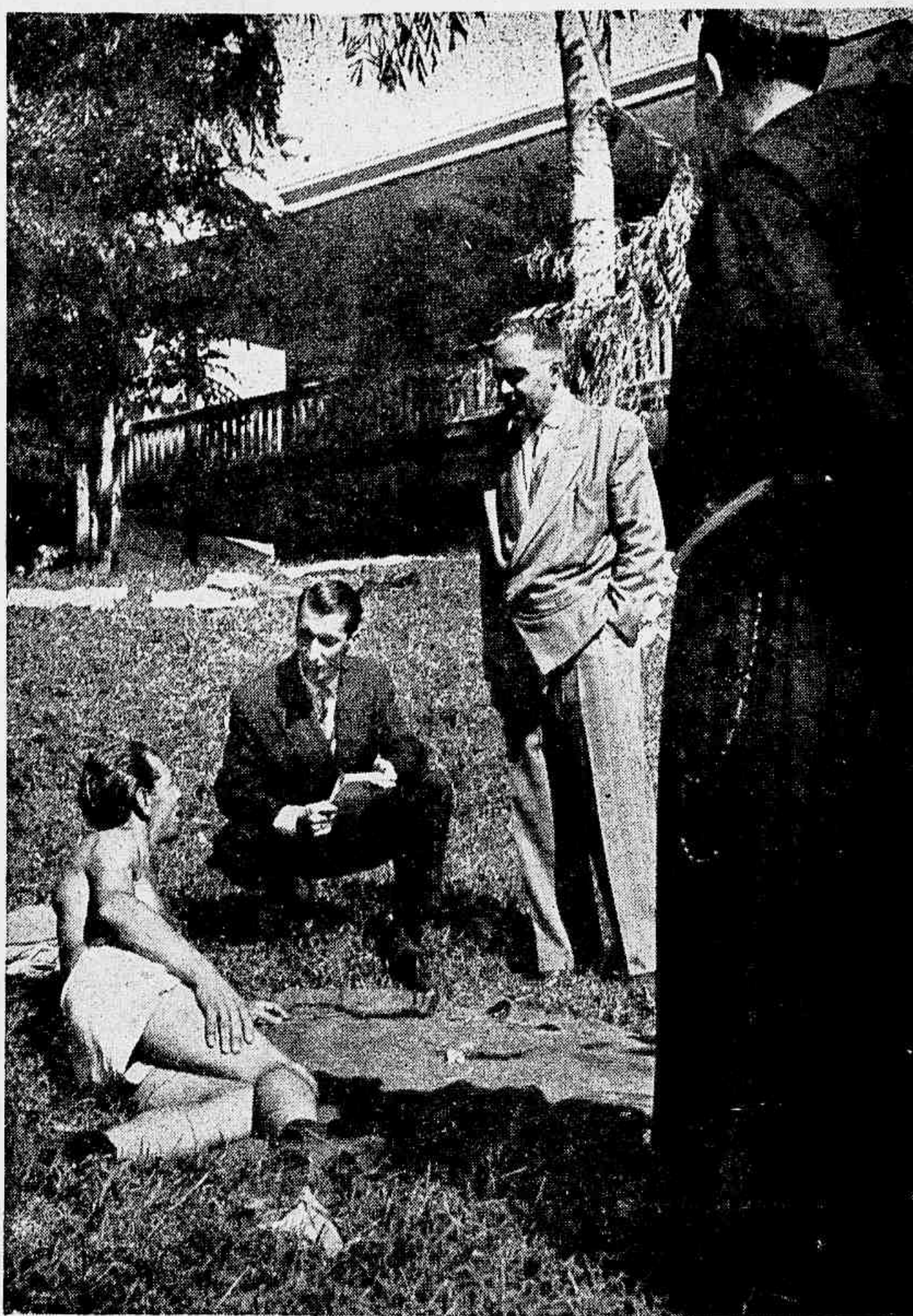
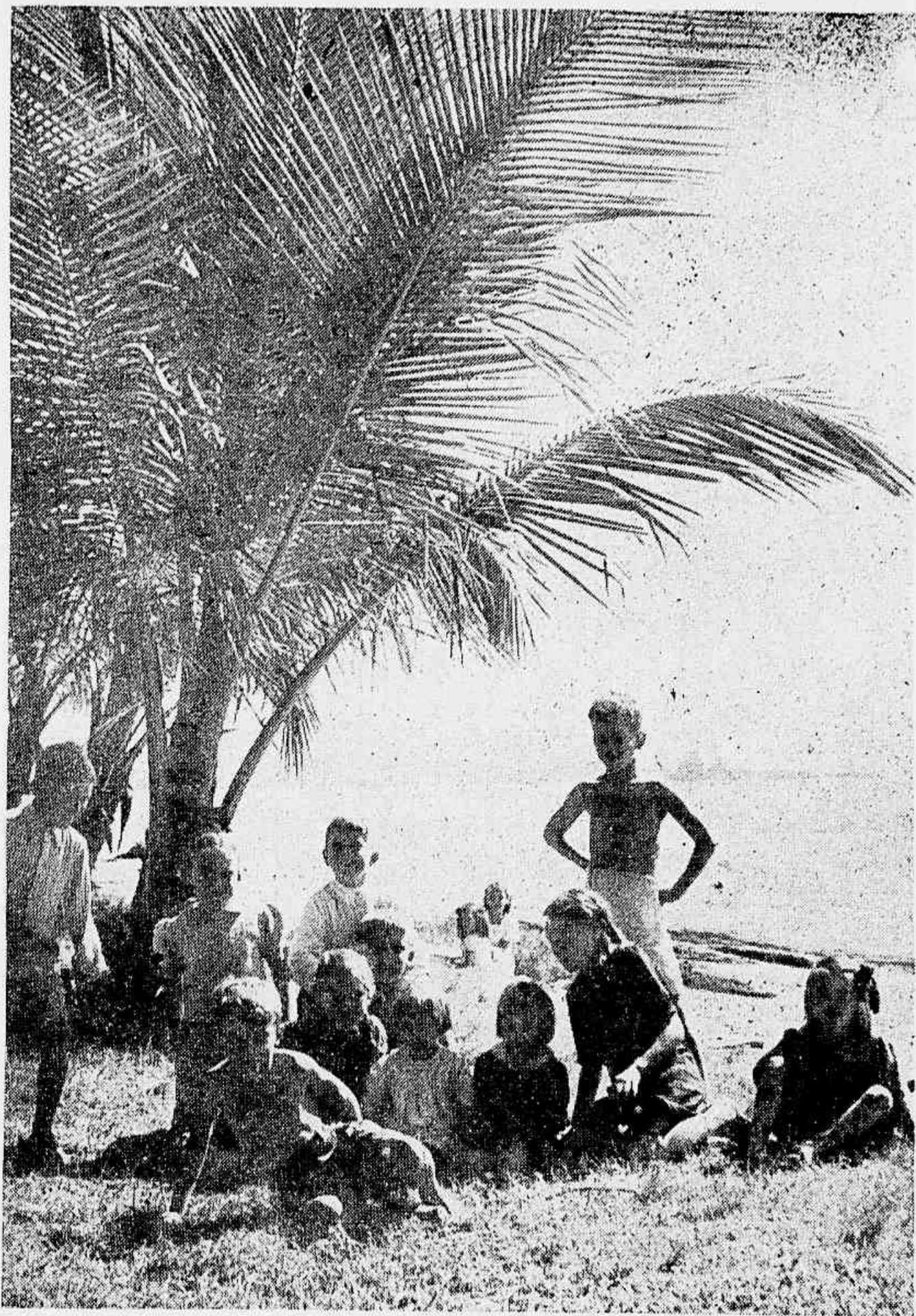
A EXPERIÊNCIA SE INICIA

O Departamento Nacional de Imigração, do Ministério do Trabalho, que substituiu em 1938 o antigo Departamento do Povoamento do Ministério da Agricultura, controla desde a sua fundação a imigração oficial para o nosso país. Juntamente com o Dr. Jorge Latour, presidente do Conselho de Imigração e Coordena-



De cima para baixo: Os quatro iugoslavos que aparecem na foto estão fazendo um tremendo esforço para aprender o português. Usam dois dicionários: alemão-francês e depois, francês-português. O DNI esqueceu-se de providenciar vocabulários apropriados para os milhares de imigrantes que selecionou. O estoniano Jan Hindrikson é um perito em fabricar automóveis novos de peças velhas. Seus dois filhos, garotos louros e rosados, pretendem seguir o ofício paterno. Dois técnicos especialistas para o Brasil industrial de amanhã. O interior de um dos quartos da Hospedaria de Imigrantes da Ilha das Flores. Observem as botas de cano alto usadas pela senhora à direita. Essas botas de couro constituíram sua maior fortuna enquanto viveu na Alemanha de após guerra.





A esquerda: Pelo nosso contrato com o "Inter-Governmental Committee of Refugees", sessenta por cento dos imigrantes são famílias constituídas. Por isso, o número de crianças é enorme e a criança, como se sabe, é o melhor imigrante. A direita: O electricista letoniano Arnolds Miglans exprime ao reporter o seu encantamento pela terra brasileira, da qual, até alguns meses atrás, nunca ouvira falar. Na foto aparecem ainda o Dr. Martins de Almeida e frei Hilário.

dor dos Problemas Imigratórios, e com os representantes do IGCR no Rio, está, o Departamento Nacional de Imigração, pondo em prática o sistema da imigração dirigida, com a primeira leva de deslocados que chegou a bordo do "General Sturgis", em meados de maio passado. Esse transporte de guerra dos Estados Unidos, adaptado para sua nova missão, trouxe-nos oitocentos e sessenta e um imigrantes, oriundos de diversos países da Europa e que a Gestapo arrancara de suas vilas e aldeias, afim de fazer trabalhar nas fábricas da Alemanha. Milhares encontram-se agora nos campos de reunião da UNRRA (não confundir com os famigerados "campos de concentração"), de onde serão repatriados ou, se prefe-

rirem, encaminhados para os países que necessitam de imigrantes. A escolha entre um e outro destino depende do próprio "deslocado".

COMO SE RECEBE O IMIGRANTE

Como qualquer estrangeiro que aqui venha residir, o imigrante logo que aporta ao Rio tem que satisfazer a fiscalização do Departamento de Saude dos Portos, do Departamento de Imigração, da Polícia Marítima e da Alfândega, ainda a bordo do navio. Depois disso são enviados para a Hospedaria da Ilha das Flores, dependência do Departamento Nacional de Imigração, sob a direção do Dr. Martins de Almeida. Os imigrantes que

se destinam ao Brasil estão partindo de Bremen, na Alemanha, a bordo dos transportes norte-americanos "General Sturgis" e "General Heintzeman". O envio desses imigrantes, desde os campos da UNRRA até o porto do Rio, nada custa ao nosso governo, sendo todas as despesas custeadas pelo IGCR. A despesa do governo brasileiro começa somente com a estadia da Ilha das Flores, onde permanecem de sete a dez dias. A primeira leva, chegada em maio passado, demorou-se na hospedaria quase um mês. Entretanto, já foi organizado um plano para que a permanência ali não ultrapasse o tempo fixado, o que prejudica não só a economia nacional, mas também o próprio imigrante. "Eles estão ansiosos para

chegar ao seu destino — fazendas, fábricas, minas, etc. — e recomeçar sua nova vida no país recém-conhecido.

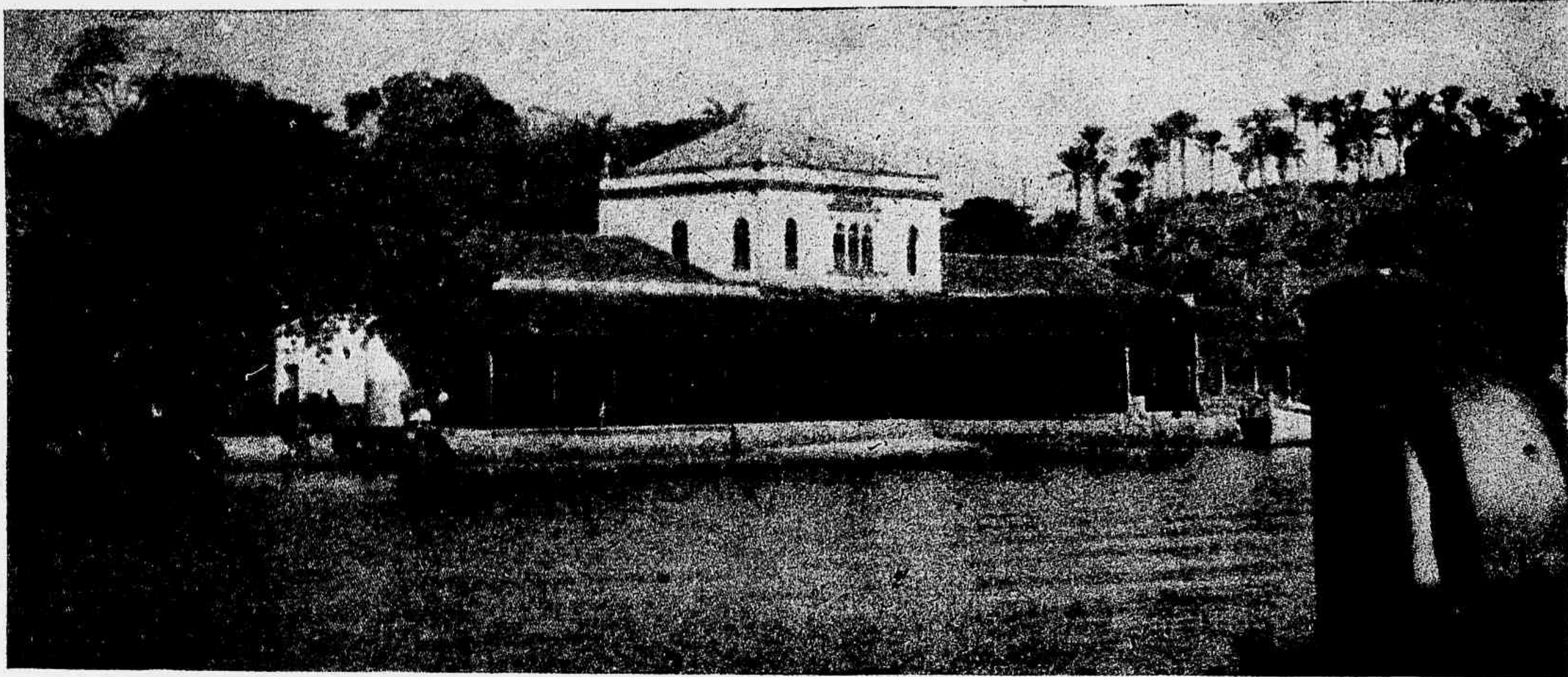
A HISTÓRIA DA ILHA DAS FLORES

A Ilha das Flores durante o período ditatorial foi convertida em presídio político, por determinação do governo. Até então essa ilhota da Baía de Guanabara era muito pouco conhecida da população do Rio. Muitos julgam que o aproveitamento da ilha foi motivado pela guerra e que, com o término da conflagração, ter-se-ia transformado em hospedaria para imigrantes. Mas a sua história é bem mais antiga. A Hospedaria dos Imigrantes da Ilha das Flores foi fundada

A esquerda: Crianças de vários países da Europa, falando idiomas diversos, confraternizam na Ilha das Flores. Não haveria melhor cartão de visita para a nossa terra do que este pequeno jardim da Guanabara. A direita: A Hospedaria da Ilha das Flores voltou à sua finalidade. Na página ao lado: Andrei Perwijn, o primeiro imigrante da Mongólia Interior que o Brasil conhece. Frei Hilário, do Convento de Santo Antônio, peruntou-lhe qual a sua religião. Andrei Perwijn respondeu, sorrindo: — "Bucista".







A Ilha das Flores, ou "Ilha de Babel", o bucólico recanto da baía de Guanabara onde se falam todas as línguas do mundo. A hospedaria desta ilha está recebendo, atualmente, mil "deslocados da guerra" por mês.



por D. Pedro II, em 1883, tendo sido a ilha adquirida do comendador Silveira da Mota. Os arquivos acusam a entrada dos primeiros imigrantes naquele pouso a partir do ano de 1889. Dois anos depois da proclamação da República, em 1891, a ilha recebeu o maior contingente de emigrantes de que seus anais têm notícia. Passaram por ali, nessa última data, cento e dez mil imigrantes, destinados à zona sul do país, principalmente para o Estado de São Paulo. Em 1910 foram construídas instalações apropriadas para o recebimento de grande número de imigrantes. O conjunto de acomodações então construído vem servindo até hoje. Atualmente novas reformas e ampliações se processam para aumentar a sua capacidade. A ilha é um pequeno jardim. De ondulações suaves, rodeada de praias, coberta de vegetação, bem cuidada pelos seus administradores, é um cartão postal para reclame de turismo. De simples hospedaria está se transformando em centro de re-seleção e estudo das raças que para cá emigram. Pensa-se em dotá-la de uma estação sanitária autônoma, exclusivamente para atender às formalidades junto aos imigrantes. O seu corpo atual de oitenta e cinco servidores — médicos, enfermeiros, cozinheiros, jardineiros, serventes, etc. deverá ser aumentado. Suas instalações permitem, atualmente, o acomodamento de mil imigrantes. Com as obras que se efetuam, poderá receber, dentro de três meses, mil e quinhentos e

até o fim do ano sua capacidade de hospedagem será de dois mil e quinhentos imigrantes.

LEMBRANDO O TEMPO DO PRESIDIO

Embora o presente capítulo fuja um pouco ao sentido da reportagem, será curioso transcrever alguma coisa sobre os fatos ali desenrolados, mesmo porque durante aquele período — 1942 a 1944 — a censura era rigorosa e quase nada se podia saber a respeito. No começo da guerra os refugiados do regime nazista que chegavam ao Brasil, judeus, na sua maioria, eram recolhidos à Ilha, até que seus papéis fossem se regularizando e pudessem permanecer definitivamente no país. Perto de trezentos refugiados dessa classe foram internados — franceses, poloneses, austríacos — vítimas da sua crença religiosa e política. Em 1939, logo após a declaração de guerra, um navio alemão que conduzia vários passageiros indus foi obrigado a desembarcá-los no primeiro porto. De Recife, os indus vieram estagiar na Ilha das Flores, aguardando o destino que lhes daria a embaixada britânica. Suas preces ao nascer e ao pôr-do-sol punham um toque de bizarria oriental no bucólico recanto. Com a declaração de guerra do Brasil à Alemanha e à Itália uma parte da ilha converteu-se em presídio político. Alemães e

(Continúa na pág. 53)

Ao alto: Nicola Belovodski, ex-estudante yugoslavo, um dos poucos imigrantes que conheciam alguma coisa da nossa terra, muito antes de pensar em emigrar para cá, estuda com a esposa um mapa econômico do Brasil. Em baixo: Os filhos desse casal cursaram as melhores escolas da Europa. O desemprego obrigou-o a procurar terras estranhas para recomeçar a vida. Ele é engenheiro-mecânico e ela foi professora em sua terra natal.



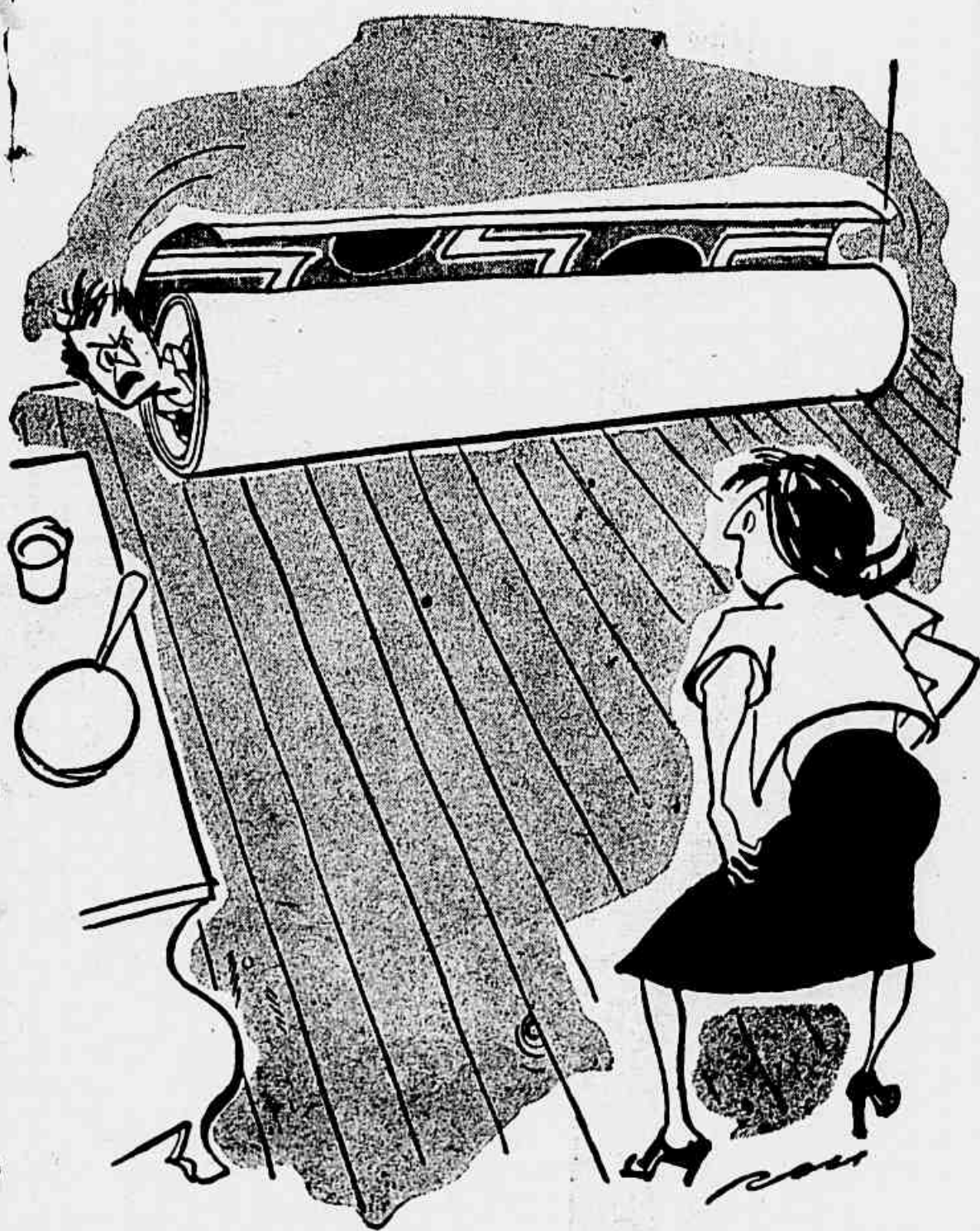
BOM HUMOR



— Quando eu penso nos homens com que eu podia ter casado!...



— O meu é naturalmente ondulado...



— Eu bem que lhe disse que não saísse de cima dessa ponta!



— Acorda, Benedito! Afinal de contas, eles sempre chegam!



Ao alto: Aspecto do ato da inauguração da exposição em Ribeirão Preto, vendo-se o governador quando era saudado por uma senhorinha da sociedade local. Em baixo: Ladeira do Pelourinho — Torre do Rosario (Colette Pujol)

A EXPOSIÇÃO CIRCULANTE DE PINTURA E ESCULTURA EM RIBEIRÃO PRETO

Conforme sucedeu na cidade de Taubaté, a Inauguração da Exposição Circulante de Pintura e Escultura, em Ribeirão Preto, organizada pela Divisão de Turismo e Expansão Cultural, do Departamento Estadual de Informações, alcançou, como era de esperar, o mais completo êxito. A exposição foi prestigiada com a presença do Sr. Ademar de Barros, Governador de São Paulo, que, como já fizera em Taubaté, presidiu, no dia 3 último, a solenidade de abertura, demonstrando assim o seu interesse pelos assuntos culturais.

O Sr. Ademar de Barros embarcou, no aeroporto de Tanquinho, num avião especial da Royal, tendo sido acompanhado dos chefes das Casas Civil e Militar, respectivamente Srs. Albano Costa e Capitão Alfredo Condeixa Filho, e pelos Srs. Olavo Fontoura, oficial do gabinete; Carlos Rizzini, Diretor Geral do DEI; Odilon de Oliveira, Mario Ottobri Costa, Machado Santana e outras autoridades civis e militares.

Chegando a Ribeirão Preto, o Governador seguiu, em automovel, até a praça 15 de Novembro, de onde, a pé, percorreu a rua Visconde de Inhaúma, recebendo manifestações populares até às proximidades do prédio da Sociedade Legião Brasileira, onde se encontra a exposição. Escolares ergueram vivas ao sr. Ademar de Barros, acenando bandeiras verde-amarelas, emprestando à recepção um aspecto festivo e encantador. Nessa ocasião o Hino Nacional foi executado pela Banda Independente Puccini.

Logo após o Governador dirigiu-se para o salão nobre, onde tomou assento na mesa de honra, sendo ladeado pelo prefeito Rubem Aluisio Moreira, sr. Sinhá Junqueira, deputado Luis Gomes de Mattos e várias personalidades.

O Sr. Rubem Moreira usou da palavra, manifestando a satisfação da cidade em receber a visita do sr. Ademar de Barros e em poder também apreciar os maravilhosos trabalhos apresentados na exposição.

Em seguida, o Governador de São Paulo falou, iniciando o seu discurso com as seguintes palavras:

— "Esta exposição, que hoje se instala em Ribeirão Preto, organizada pelo Departamento Estadual de Informações, visa difundir, entre as populações da Capital e do interior de São Paulo, o gosto pelas atividades artísticas e intelectuais.

Quando aberta à visitação pública, em Taubaté, esta mostra de arte comprovou o acerto da iniciativa governamental em promovê-la. Foi grande o interesse que por ela revelaram a imprensa, os professores, os médicos e advogados, os comerciantes, os ginasianos e normalistas, toda a população, em suma, daquela histórica localidade do Vale do Paraíba. Esse interesse demonstrou que o Governo estava no caminho certo. Fôra preciso levar, às cidades mais representativas de São Paulo, o esplêndido trabalho dos seus artistas plásticos. Com esse propósito, trazemos hoje a Exposição Circulante organizada pelo D. E. I. a esta grande cidade de Ribeirão Preto".

O Governador referiu-se também na sua oração, à escolha de Ribeirão Preto para a apresentação da referida mostra de arte, ressaltando a importância cultural desse município, e expondo, em linhas gerais, a orientação atual do poder público no que se refere à difusão da cultura e ao encorajamento da produção artística declarando que: — "O Governo, ao mesmo tempo que auxilia o artista, dá à população da Capital, e, principalmente, à do interior, aquela utilidade que as proporciona, realizando, de forma objetiva e imediata, a socialização da cultura". Em outro trecho, o orador saudou a sr. Sinhá Junqueira, pela sua colaboração em todas as causas nobres brasileiras, congratulando-se com



o município pela doação recente de cinco milhões de cruzeiros para a construção de uma maternidade.

Para finalizar, a srta. Terezinha de Jesus Costa, em nome dos habitantes de Ribeirão Preto, ofereceu flores ao Sr. Ademar de Barros, tendo em seguida o deputado Luis Gomes de Matos comunicado que o sr. José Milton Ferreira da Rosa doara dois mil alqueires de terra para a construção de uma Universidade.

O D. E. I., por meio de sua exposição Circulante de Pintura e Escultura, cumprindo uma das partes de seu programa de órgão democratizador da cultura, está procurando difundir no seio da população paulista o gosto pelas artes plásticas. Assim, todas as principais cidades do Estado, receberão a Exposição Circulante, sendo não só o público beneficiado, mas também os artistas, pois todo produto da venda dos quadros expostos é entregue aos autores do trabalho. Além disso, quando da organização da exposição, o D. E. I. conferiu prêmios aos melhores trabalhos.

Completando a função educativa da exposição, seguem para o local em que ela se realiza, especialistas no assunto, técnicos habilitados a prestar quaisquer esclarecimentos sobre história e escolas de arte, havendo também mesas-redondas para debater assuntos relacionados com escultura e pintura.

O D. E. I. promoveu também, pelas cidades percorridas, um interessante concurso de desenho infantil, com o fim de despertar a vocação artística da infância, sendo todos os trabalhos recolhidos pelo interior devidamente arquivados. A próxima cidade a ser visitada pela Exposição Circulante, de acordo com o plano traçado pela Divisão de Turismo e Expansão Cultural, será Franca.

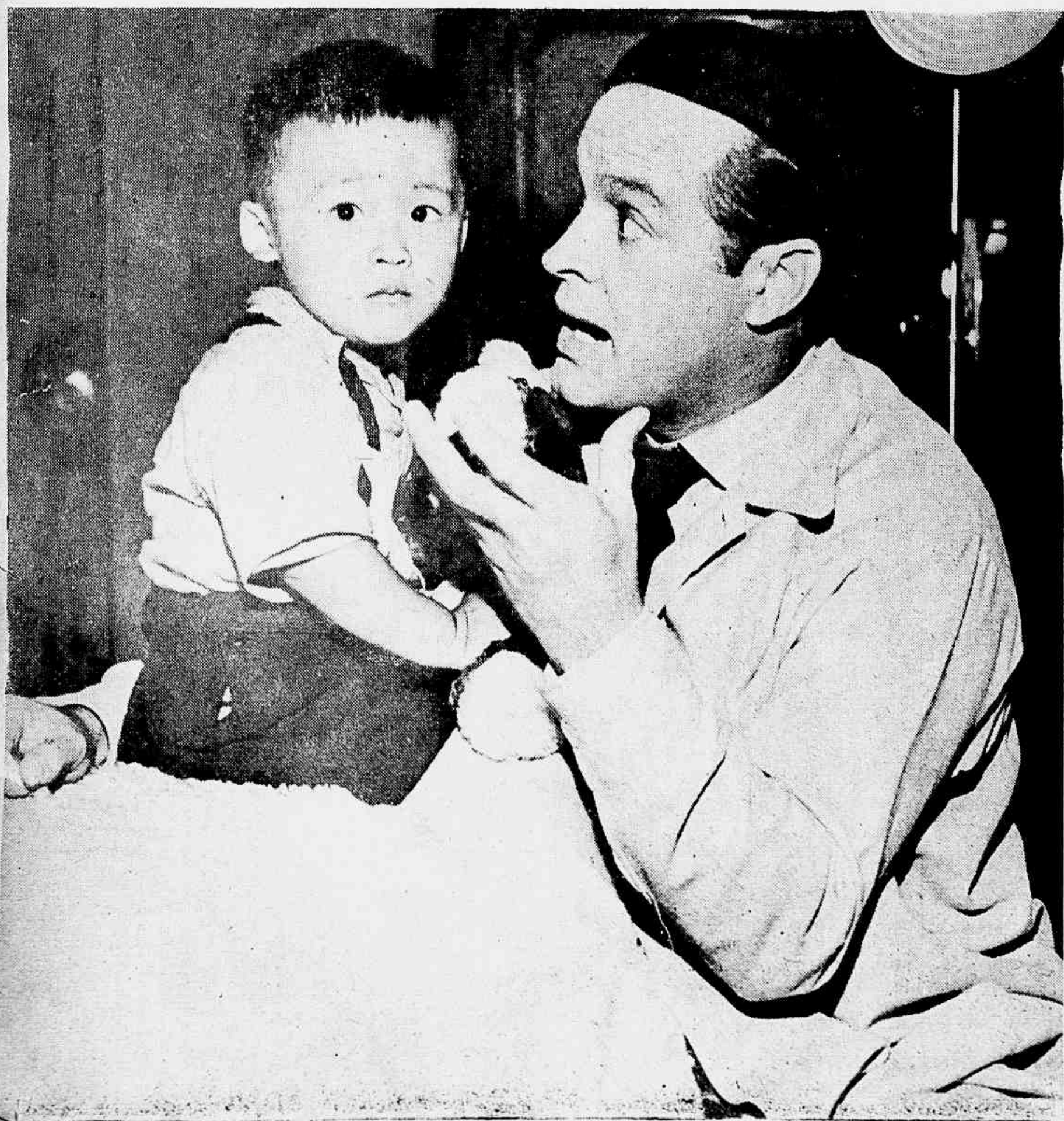


Ao alto: O Governador Ademar de Barros quando percorria os salões da Exposição. Em baixo à esquerda: Grupo de Mulheres (Mario Zamini) — A direita: Auto-retrato (Jorge Mori).





Em cima: o fotógrafo amador Bob Hope tenta obter um pouco de atenção do pequeno chinês. Em baixo, à esquerda, Roland Soo Hoo parece dizer: "Nem te ligo..."



BOB HOPE, HÓSPEDE DO RIO

O FAMOSO COMEDIANTE CUMPRE A PROMESSA FEITA A LUIS SERRANO, QUANDO O NOSSO CORRESPONDENTE ESPECIAL EM HOLLYWOOD O ENTREVISTOU — UM "COCKTAIL" AOS JORNALISTAS ENTREMEADO DE BOAS PIADAS



HA' alguns meses atrás, a REVISTA DA SEMANA publicou uma entrevista de Luis Serrano, nosso correspondente especial em Hollywood, com o popular ator cômico Bob Hope, que então terminava a filmagem de "The Road To Rio", com Bing Crosby, Dorothy Lamour e os Cariocas-Boys, entre os quais se incluem os nossos conhecidos Russo do Pandeiro, Zezinho de Oliveira (Joe Carioca) e Nestor Amaral. Nessa ocasião, Bob Hope anunciou:

— Pode dizer aos leitores de sua publicação que pretendo ir em breve ao Brasil. Na minha primeira tolgia, será esse o meu programa...

Talvez alguns "fans" tenham meneado a cabeça com incredulidade, dizendo: boato, publicidade, cumprimento que todos fazem. E não seria nada de extraordinário que tivessem pensado assim. Ray Milland não esteve de viagem marcada, com apartamento reservado no Copacabana, e afinal de contas, em vez de vir ao Brasil, foi à Europa... E Tyrone Power, que já aqui havia estado uma vez, apareceu de novo, trazendo Cesar Romero, quase inesperadamente... Entretanto, Bob Hope acaba de cumprir a palavra que havia empenhado.

Esse ator cômico, que desfruta incontestável popularidade, conquistada a golpes de talento através de filmes como "A princesa e o pirata", "A sereia das ilhas", "O gato



Em cima: o desesperado fotografo apela para os bigodes postiços e as flôres artificiais... Em baixo: à direita: nem agarrando-lhe no queixo o pequeno modelo fica sossegado...

e o canário", "Minha loura favorita", "A tentação de Zanzibar", "A verdade nua e crua", "Castelo sinistro" e, mais recentemente, "Monsieur Beaucaire", farsa incrível parodiando o filme romântico de Rodolfo Valentino, tem vários trabalhos novos, que ainda não foram exibidos no Rio. Entre esses figura, além de "The Road To Rio", a película "My favorite brunette", espécie de resposta a "Minha loura favorita". Muitos dos seus filmes têm tido Bing Crosby e Dorothy Lamour como "costars". Geralmente são pochades sem pés nem cabeças, simples pretextos para numeros musicais, mas com o condão de agradar e de fazer rios de dinheiro.

Bob Hope começou sua fantástica e rápida carreira no teatro de variedades, como cantor e tocador de saxofone. Depois, passou-se para o teatro de revistas e operetas e, finalmente, para o rádio, onde se popularizou de tal sorte que o cinema o cobiçou para os seus quadros. Agora mesmo, Bob Hope está completando o seu décimo ano de atividades em Hollywood. Há quinze anos está casado com a atriz Dolores Reade Hope, sua antiga companheira de trabalho, que o acompanhou nessa excursão, juntamente com seus dois filhos adotivos, Linda, uma encantadora menina, e Tony, um menino.

Bob Hope goza o privilégio de uma dupla nacionalidade: para os ingleses, ele é um inglês, por ter nascido em Londres, e para os norte-americanos é um cidadão dos Estados Unidos, pois, tendo ido menino para esse país, foi criado em Cleveland e goza dos direitos políticos, votando e podendo ser votado. Dotado de grande talento humorístico, Bob Hope escreve deliciosos artigos, contos, anedotas, tendo publicado livros sem nenhuma importância literária, é verdade, mas dos quais foram vendidos milhões de exemplares.

É, também, amador da arte fotográfica e uma das suas últimas proezas foi fotografar o pequeno e inquieto ator de sangue chinês Roland Soo Hoo, que com ele aparece no filme "My favorite brunette". As gravuras destas páginas mostram melhor do que as nossas palavras como Bob Hope se desempenhou dessa missão.

Por iniciativa da Paramount, foi promovido um encontro de Bob Hope com a imprensa cinematográfica durante um cocktail, nos salões do Jockey Club do Brasil. Foi uma festa de grande cordialidade, durante a qual Bob Hope encantou a todos com o seu espírito verdadeiramente esfuziante.



SELECIONADO NO CONCURSO PERMANENTE DE "REVISTA DA SEMANA"

O INSPETOR de quartelão, Joaquim Franzó, viera à Delegacia trazer a queixa. Dois intrigados, que viam sempre se jurando, encontraram-se, naquele dia, no boqueirão do Juré. Pegaram uma briga de touros. Resultado: um desapareceu e o outro estava à morte, todo esfaqueado. Devia ser ouvido ainda com vida, para registo e melhor esclarecimento do fato delituoso.

Homenzarrão corado, de intensos bigodes, Franzó não dava tréguas à língua. Falava sempre, com uma voz alta e grossa. Touxera carta do Coronel Valente, em que, aludindo à velha rixa, participava a agressão sofrida pelo filho:

"Não dizia a V. Mcê. que isso aca-hava mal? O meu Ari talvez não bote de noite. Quero entregar o caso à justiça, mas se não houver punição nem sei o que vai se dar. Espero que V. Mcê. venha ou mande aqui o escrivão, porque o menino está mal, não aguenta os solavancos da viagem".

Estavam próximas as eleições e precisávamos contar com a gente do Coronel Valente. Mesmo, o delegado, novato no posto, temia que qualquer descida sua fosse explorada pelos adversários políticos. Muito cioso do dever, mandou-me fazer a diligência:

— Está aí o cavalo. Vá correndo, faça o serviço com pressa, senão V. não poderá voltar hoje.

Sai com o Franzó, um tanto receoso. Não tinha muita prática do serviço de escrivão, ainda me embaraçava ao redigir os depoimentos. Além disso, que medo de um imprevisto no caminho, depois daquela ocorrência sangrenta!... O boqueirão do Juré tinha fama de lugar perigoso. Quem sabe se me vinham atacar? Se o cavalo ia disparar?

Metido a falar, Franzó gostava dos termos policiais e jurídicos. (Não vêm que já fôra também oficial de justiça?) Daí por que enchia a boca, de vez em quando, com a terminologia forense: intimação, flagrante, corpo de delito, impetrar "habeas-corpus", correr à revelia — e "tutti quanti"...

Tinha um jeito peculiar, saborosíssimo, de narrar os fatos, emprestando-lhes um ar de superstição e mistério. Ao passar por uma cruz à margem do caminho, Franzó tirava respeitosamente o chapéu, e entrava a falar do defunto. Sempre valentões, sempre tragédias, destinos sepultados naqueles caminhos desertos. De todas as suas histórias, nunca mais esquecerei a da mina do Juré.

Pouca coisa eu sabia acerca da mina abandonada. Apenas que havia sido explorada com resultado, no século passado, por certo engenheiro vindo de Minas Geras. Um escravo matara-o. Anos mais tarde, um aventureiro, leigo, tentara prosseguir a exploração. Empobrecera sem nada conseguir e morrera lou-

co. Diziam que os espíritos dêsse visinários vagavam maníacos pelas imediações. O fascínio do ouro atormentava-os ainda na morte...

Franzó completou a história do Juré, com pormenores infundáveis.

Contou-me que o assassino do engenheiro fôra enforcado na cidade do Ipú, no ano de 1845. Reza o processo que o escravo Estevão, trabalhando na mina, subtraía pepitas de ouro. Descoberto, foi castigado com uma surra; depois, envergonhado, matou o engenheiro.

A verdade não é esta, segundo Franzó. Estevão era tropeiro e vivia entre os garimpeiros, comprando ouro furtado. Fazia viagens de Sobral a Ipú, com sua trona de mela duzia de animais, ganhando frete. E fazia ponto de parada em Juré, que ficava na estrada real entre as duas cidades e onde vivia a sua mulher.

Essa mulher fôra causa da desgraça. Não era decerto bonita, mas para aquelas brenhas... O engenheiro caiu de amores por ela, até seduzi-la. E o cabra enciumado, lavou sua honra com a morte. Desde então a Parca assentou tenda nas terras auríferas do Juré...

— Diz o velho Possidônio que conta as mortes pelos seus anos... Noventa, "seu" moço! A maioria, sem se saber como. Parece que o chão se abre e engole. Cai lá embaixo, no socavão, desaparece...

— Mas, como? interrompi Franzó.

— Sei lá... Dizem que é o diabo, que é coisa do outro mundo, almas penadas, que é mistério — eu sei? Sei que isso é uma terra amaldiçoada. A metade das mortes foi por causa da ambição do ouro. O senhor sabe a história dos Farias e dos Valentins, famílias que se estão acabando de tanta briga?

E Franzó andou citando uma porção de desgraças.

— Inda agora, isso que sucedeu é por causa do Juré. Viviam jurando quando se encontrassem no boqueirão... Gente interessada que se estralcha por via de uma braça de terra! Então, quando acham um pedacinho de ouro no riacho — lá se vai! Ficam aqui discutindo, rondando, cercando os buracos...

Eu já soubera disso. Duas tradicionais famílias, há três gerações, vivem desavençadas, a disputar o Juré. As escrituras antigas não esclarecem a quem pertence o trecho cobiçado. De vez em quando, firmam um acordo, assentando-se os marcos divisórios. Depois, volta a lenga-lenga. A discussão ferve de novo. Vão ao cartório, ao juiz, requerem medição, marcam audiências — e brigas e mortes...

As cruzeiras à beira da estrada explicam o nome de "passo da morte". É verdade que nem todas foram em consequência das boas terras e da suposta mina. Um foram por desastre, outras por suicídio. Tornou-se por isso um lugar fatídico. Os valentões o escolhem para seus ajustes

de contas sempre funestos. Uma pessoa pode desaparecer no abismo, sem que se saiba o paradeiro. O crime é atribuído a este ou aquele, ficando quase sempre impune à falta de prova.

Os matutos passam ali de corpo arrepiado e coração aos pulos. Muito nem querem passar, tamanha é a superstição. Alguns se benzem e rezam o credo, antes da travessia maldita. A noite, pouquíssimos se aventuram a isso. Além do perigo do abismo, pela escuridão, há o temor ainda maior das almas penadas. Dizem que se ouvem chôros, lamentações, gargalhadas, pragas; que os espíritos trepam às costas dos transeuntes, perseguem-nos até longe, empurram-nos no precipício, dão-lhes beliscões e pontapés tremendos...

O povo em geral acredita nessas lendas e abusões. Até mesmo os corajosos, os que zombam dessas crendices, vão sendo aos poucos contagiados pelo medo, e acabam sem querer mais ir lá, à noite. Franzó, que deve ser um destes, calouse — e fiquei meditando...

x x x

Chegávamos às proximidades do Boqueirão. Depois de duas léguas a galope baixo, a marcha passou a ser lenta, em virtude da subida da serra. Já estava perto o célebre "passo da morte". Se não fôssemos pelo atalho, seriam quatro léguas. Mas, indo por ali, eu poderia voltar com a claridade do dia.

O desfiladeiro alargava-se, formando lá em baixo verdejante vale, sulcado por águas cantantes. De cima, avistava-se extensa planície, pontilhada de cacinhas brancas, aqui e acolá. Para um lado, as escavações da mina do Juré. Viam-se os buracos enormes, apesar da distância e apesar do tempo, que os não soterrara ainda.

Os animais estavam parados. Paramos também a conversa, antes de entrar no "passo". Embevecido na contemplação do belo panorama que do alto se descortinava, só voltei a mim quando vi Franzó, à frente, todo perfilado, abrir o bocão e gritar a plenos pulmões:

— Aqui vai gente!!! Vai gente!!! Vai gente!!!!...

O eco retumbava nas quebradas respondendo numa aliteração de sons, que ia baixando, baixando... Pensei que aquilo fôsse algum costume, alguma superstição sua, para afugentar os más espíritos. Talvez quizesse arma, efeito sobre a minha curiosidade insatisfeita. E começamos a atravessar a estreita e perigosa passagem.

Nada mais que um piso de dois metros de largura, cavado no flanco da rocha. Coleava a montanha, numa distância de

100 metros mais ou menos. Mal dava para o animal mover-se, a passo lento, sem tocar, aqui e ali, as pedras recortadas. Do outro lado, o abismo. Um descuido qualquer, um escorregão, e o animal corria o risco de se precipitar no vócuo.

— Quantos já morreram, Franzó?

— Uns noventa. Aqui, uns vinte, como diz o velho Possidônio.

Atravessando o passo da morte, o caminho se abriu largo, entre árvores frondosas, copadas, de sombras paradas e frias. A claridade mal se coava pela folhagem densa. O clima frio e ameno da montanha se infiltrava pelos nossos corpos.

Mais meia légua, por uma subida um pouco íngreme e chegaríamos à casa do Cel. Valente. A marcha tinha que ser vagarosa, sobre aquelas pedras gastas, mas às vezes escorregadias. Naquela estrada tanta gente já andara! — ia eu pensando. E lembrei-me logo do tropeiro que matara o engenheiro, por ciúmes da mulher.

Ao fim de suas longas caminhadas, ele devia vir ali alegrado pelo deleite do pouso próximo, antegozando o descanso do lar, onde a mulher o esperava saudosa. E devia cantar toadas simples, cantigas dolentes, e soltar gritos de alerta aos animais roncetos, açoitados pelo seu chicote. Animais que transitaram por ali, há quase um século, arrastando o seu cansaço, tilintando as suas campainhas...

x x x

Ari estava quase à morte. Golpes pelo corpo e uma facada na barriga, por onde se estufava a banha. Tinham-lhe dado a beber mesinha do mato e um caldo de pinto pisado vivo no pilão. Era bom — acreditavam os matutos — para expelir o sangue coagulado e desembaraçar as vísceras.

— O que é isso, "seu" Ari? Você de "valente" parece que só tem o nome...

Ari entreabriu as pálpebras cansadas e fez um riso forçado. Cansado era todo ele, o pobre Ari, que conheci de certa vez em que esteve na cidade, um rapaz forte e risonho. Cansaço, extremo cansaço. A respiração apressada vinha-lhe em gemidos contínuos, morrendo na garganta: Hum!... hum!... hum!...

O rosto lívido, uma impaciência de movimentos, ofegante, ele nem podia narrar-me o trágico acontecimento, que o iria levar deste mundo, na manhã seguinte. O velho Valente reproduziu a história: — uma agressão premeditada pelo inimigo. A custo ia o rapaz confirmando num balançar de cabeça, num gemido.

(Continúa na pág. 51)

Conto de **F. MAGALHÃES MARTINS**

Ilustração de **ANA ZAGORSKA**

JURÉ





GEORG WILHELM FRIEDRICH HEGLER descende de uma linhagem de funcionários públicos. Na Alemanha, era o funcionário público um civil dependente, cujo senso de iniciativa e cujo instinto de liberdade fôra paralisado pelo vírus da burocracia. O pai de Hegel — um estúpido funcionário do tesouro que usava colarinho duro — guardava os relatórios das finanças do Wurtemberg. O emblema de sua família era a rotina oficial.

Nascido no dia 27 de agosto de 1770, Georg Wilhelm foi mandado para a escola Latina e depois para o Seminário teológico em Tübingen. Revelou-se, contudo, medíocre estudante das "verdades celestes". Interessavam-no, muito mais, as vicissitudes da terra.

E, na verdade, muitas coisas aconteciam sobre a terra durante os dias de estudante de Hegel. A França instaurara o "Reino da Razão". O vinho da Revolução chegara aos lábios de todos os liberais na Europa inteira. Estes ergueram os chapéus e juntaram os calcanhares em honra da Liberdade, Igualdade, Fraternidade.

Hegel, num assomo de exuberância, plantou uma "árvore da liberdade" na praça pública de Tübingen saudando a nova República de França. Depois, voltou-se para saudar a República maior da Filosofia — comunidade na qual, todo intelecto livre tinha a oportunidade de dar o seu voto soberano, de pensamento. Sonhava, Hegel, reunir-se a essa esplêndida comunidade e contribuir com o seu voto decisivo.

II

Mas até um filósofo precisa comer. De acordo com a máxima bíblica, "procura primeiro o alimento e as vestes, e ser-te-á dado, depois, o reino dos céus", decidiu-se pelo ensino como meio de vida. Por alguns anos, mal conseguiu abrir caminho como preceptor esforçado. O seu principal ativo era um amor por literatura grega e pela filosofia de Kant; o principal passivo, a carência de bens terrenos. Depois, morreu-lhe o pai, deixando-lhe o equivalente de mil e quinhentos dólares. Hegel considerava-se, agora, financeiramente independente, rico até! Escreveu a seu amigo Schelling, anunciando estar disposto a retrair-se a uma vida de lazes. Pediu-lhe que lhe indicasse um sítio onde pudesse estabelecer-se a fim de fruir sua herança. Um lugar onde houvesse bons livros e boa cerveja. Schelling respondeu, Venha para Iena".

Iena era uma cidade universitária, na Prússia, onde alguns dos principais jovens intelectuais da Alemanha se tinham reunido para ensinar filosofia, história e grego. Era o centro de um Renascimento cultural, um dos pontos brilhantes do periferio no qual, vindos de Paris, haviam penetrado os raios do pensamento liberal.

Hegel foi para Iena, onde o nomearam professor da universidade. Dissipara-se, por esse tempo, o primitivo entusiasmo pela caprichosa Deusa da Liberdade. De fato, muitos dos sensíveis espectadores da Revolução lhe haviam voltado as costas, enojados, quando o Reino da Razão se degradara em Reino do Terror. Uma revolução que começara com o bom senso terminara com o assassinio. Um movimento para libertar a humanidade conduziu à ditadura de Napoleão Bonaparte. Os homens tinham sonhado um mundo melhor e mais livre. E com surpreendente rapidez viram reduzidos a cinzas os seus sonhos.

III

Enquanto Hegel continuava a sua calma vida de pesquisa na aldeiazinha universitária de Iena, invadiu-a Napoleão, com os seus tambores e granadeiros, e numa batalha campal destruiu o exército prussiano, colocando depois, as algemas da escravidão sobre o Estado da Prússia. Vencera, sucessivamente, austríacos, italianos e holandeses. Reduzira os príncipes da Alemanha do Sul e Central a um estado de vassalagem, enviara um exército para a Espanha. A liberdade no continente era apenas uma lembrança. O presente estava gravado em sangue, e o futuro, escrito nas nuvens.



HEGEL

A VIDA DE HEGEL

(GEORG WILHELM FRIEDRICH HEGLER — 1770-1831)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

Hegel fugiu de Iena e procurou assentar vida nova na Baviera — província alemã que, desde o princípio, apaziguara Napoleão e que era então um país "amigo", numa boa situação mas numa escuridão abjeta. O jovem filósofo aceitou o cargo de reitor da Academia de Nuremberg. E lá, pôde prosseguir em paz seus estudos por muitos anos, sonhando calmamente os seus sonhos filosóficos, muito tempo depois que o pesadelo de Napoleão se convertera em muito e fôra, o ambicioso ditador, atado ao seu destino numa obscura ilhazinha no meio do mar.

...e os homens tornaram-se livres de novo. Hegel casara-se com uma senhora inteligente e requintada. Sistematizou-se-lhe, gradualmente, a filosofia, e a vida também. Com efeito, tão absorto vivia em seus pensamentos que se lhe tornara lendária a distração. Embora estivesse ainda no vigor da idade, andava prematuramente curvado, com expressão concentrada e rosto pálido. Nada havia em seu procedimento ou em sua aparência externa que o distinguisse. A essência de sua personalidade residia em sua vida interior.

Jamais por um momento, abandonara a atitude mental da família de que descendia. Ao ponderar sobre os elementos desconhecidos na equação da existência, não concluía a sua investigação com o dar de ombros dos cépticos. Porque não era como o inglês Locke nem como o escocês Hume. O caráter alemão que nele havia, construiu uma filosofia da fé, e a escrupulosa exatidão que herdara resultou na especulação metafísica mais complicada que o mundo já vira. Era um funcionário público que trabalhava arduamente nos grandes escritórios administrativos da rotina oficial, sob o jurisdicção de um deus burocrático.

O mundo é inteligível, disse Hegel. A razão encontra-se no âmago das coisas, sob a aparente falta de unidade, à superfície. Os cépticos, como Hume, haviam lançado a dúvida no espírito dos homens e criado uma atmosfera de cinismo que produziu aventureiros sem escrúpulos, como Napoleão. Quando o homem perde a fé nos valores da vida humana, a civilização retrocede. Porque a vida é um grande e sistemático esquema da verdade. O homem pode compreender essa verdade através de suas faculdades de raciocínio, mesmo que não a possa apreender por meio de suas faculdades sensoriais. Em outras palavras, lança Hegel, diretamente, um desafio a Hume. Afinal de contas, é possível ao homem conhecer as coisas além de sua experiência através de sua razão. Há dois tipos de razão: A razão prática, que trata com os problemas cotidianos e com objetos sensíveis que têm existência tangível, e a razão abstrata, que trata com idéias além de nossa existência sensória.

E aí reside a dificuldade da questão — a principal divergência entre cépticos e metafísicos. Afirmam os cépticos que só existem as coisas que podemos apreender por intermédio dos sentidos. Os metafísicos, por sua parte, insistem em que há coisas, além dos sentidos, que têm uma existência igualmente real. Todas as nossas concepções não materiais — declara Hegel — existem tão seguramente como uma mesa ou uma cadeira. Consideremos, por exemplo, a nossa concepção de quantidade. Temos visto, já dois lápis mas nunca vimos a quantidade abstrata, dois. E, no entanto, a concepção abstrata de dois existe na razão, tão seguramente como os dois lápis concretos existem no espaço. Pois sem a existência de uma medida abstrata de quantidade nunca seríamos capazes de distinguir as quantida-

des concretas das coisas de que tratamos.

Há, por conseguinte, a razão pura em oposição à razão prática — ou, para dizê-lo de outra maneira, existe uma existência formal em posição a uma existência material. A proposição de que dois e dois são quatro tem existência formal.

Não existe no espaço; não existe no tempo. Não existe, sequer, em nossos espíritos, pois, aconteça o que acontecer aos nossos espíritos, permanece verdadeira a proposição. Entretanto, existe no abstrato com tanta realidade como existe no concreto, a casa do meu vizinho do lado.

Esta é a proposição fundamental de Hegel. E sobre essa proposição, edifica ele a sua estrutura filosófica. Hume sustentara que nunca podemos descobrir uma primeira causa para o mundo, ou, mesmo, uma causa para coisa alguma. F Hegel concorda. Todavia, insiste, ele, se não podemos encontrar uma causa podemos, pelo menos, encontrar uma razão, para as coisas. E conquanto possa isto soar como jogo de palavras, não o é. Uma causa é uma força ativa que produz um efeito no tempo. Uma razão é uma necessidade lógica que nada tem que ver com o tempo. A causa da existência do mundo, concordaria Hegel com Hume, é uma expressão sem sentido. Mas a razão da existência do mundo é uma expressão que tem, de feito, muito bom sentido. A razão do mundo tem sobre este uma prioridade lógica independente do tempo, exatamente como um problema matemático tem uma prioridade lógica sobre sua solução. Existe o lógico, tão verdadeiramente quanto o físico. O real é o racional — tal é o grito de batalha de Hegel.

A razão, continua Hegel, explica-se por si mesma. O mundo é a razão. Pois a razão é idêntica à existência. A pergunta, que é a razão para tudo? devemos responder — tudo. Mas, desde que a existência inclui tudo, sustenta Hegel, compreende dentro em si tanto o estado de não-ser quanto o de ser. Todas as coisas encerram em si mesmas o seu próprio contrário. E' impossível conceber o que quer que seja sem conceber, ao mesmo tempo, o seu contrário. Não podemos pensar em finito sem pensar em infinito ou em tempo sem pensar na intemporalidade. Uma vaca é uma vaca e, ao mesmo tempo, não é um gato. Uma coisa é ela mesma somente porque, ao mesmo tempo, não é outra coisa. Toda tese em favor de um argumento tem a sua antítese. A vida tem a morte, e o amor, o ódio. O dia tem a noite, e a mocidade, a velhice. Mas Hegel dá um passo além dessa conclusão perfeitamente óbvia e apresenta-se com surpreendente pronunciamento. Não somente tem um contrário, mas tudo é o seu próprio contrário! Zaz a verdade em ambos os lados de cada questão. A verdade é ambos os lados. Afinal de contas, a vida é uma luta de forças opostas tentando combinar-se umas com outras, numa unidade mais elevada. E essa unidade, que buscam os filósofos e sonham os poetas, é conseguida apenas à custa de muito sangue. E' uma unidade nascida da contenda, da agonia e do desespero. E' a concórdia do amor que nasce da discórdia do ódio, o preceito da negação que se traduz no preceito da afirmação, o espírito que morre a fim de viver!

Toda a natureza, portanto, é uma reconciliação de contrários, inclusive no homem. Ele luta com a natureza, e, afinal, subjugado por ela, mas somente para lograr a imortalidade. Pois, quando se entrega à morte está apenas entregando o seu eu ao seu outro eu. Porque a vida é a morte. E a natureza é o homem. Aqui, também debaixo da diversidade superficial apreendida pelos nossos frágeis sentidos, há uma unidade profunda e movente. Nada que existe fora do homem é, realmente, diferente do homem. O mundo em torno de nós é o nosso outro eu. Vemos uma árvore. A árvore nos é conhecida. Ela existe para nós apenas enquanto conhecida. Ela existe para nós apenas enquanto conhecida por nós. A sua existência é incluída na faculdade de conhecimento que existe em nós. A sua existência é parte de nós. A nossa existência é parte dela. A natureza é o eu objetivo em oposição ao eu consciente. Se desejamos alcançar a verdade, não devemos encarar, apenas, o mundo, do ponto de

(Continúa na pág. 52)

MÚSICA

PICASSO declarou, certa vez, que não sempre é fácil distinguir entre um quadro e uma poesia. Eis aí um problema para pintores, não menos estranho do que aquele que propomos, agora, ao leitor da REVISTA DA SEMANA: qual a diferença entre uma cantora e um atleta?

Certamente, já terão adivinhado que fazemos essa referência de dúvida a Erna Sack, que desafiou a argúcia de grande parte da crítica musical carioca, em sérios apuros ao tentar classificá-la entre os gêneros conhecidos e correntes nos salões de concerto. Sem dúvida a polidez, especialmente em se tratando de uma senhora, impediu-os de transferir os dados disponíveis, a respeito da personalidade em questão, para o ar livre, verificando se não encontrariam um enquadramento adequado no terreno das provas de educação física. Entretanto, não há, na verdade, motivo para tanta cerimônia. Os compatriotas da sra. Erna Sack são muito dados ao atletismo. Que surpresa poderá produzir, portanto, o fato de ver transportadas qualidades, que nos habituamos a encontrar em outros lugares, para o ambiente mais formalizado do Teatro Municipal?

"P'RA ERNA SACK NADA?"

Erna Sack deu uma soberba demonstração de virtuosismo, recomendando, com o desenvolvimento espetacular de suas possibilidades vocais, o seu instrutor, treinador ou professor de canto (qualquer dos três nomes serve. .)

Erna Sack realiza malabarismos incríveis com a voz, emite notas positivamente surpreendentes, gorgeia, trina e — ousaremos dizê-lo? — apita, com grande proficiência. Que mais podemos exigir dela?

Foi, simplesmente, a sua inesperada presença no Teatro Municipal que desorientou, um pouco, os nossos cronistas. Entretanto, já a conheciam, talvez, pelas gravações que as fábricas alemãs distribuíam, antes da guerra, ou através das películas em cujo elenco está original cantora figurou.

E a lição fecunda, a experiência utilíssima que nos proporcionou o recital de Erna Sack foi o reconhecimento de que o nosso público sabe o que está fazendo. Não faltou quem se queixasse dos aplausos frenéticos que recebeu. Porém, dispam os críticos as suas opiniões artísticas, coloquem-se, para julgar, no plano das proezas atléticas, segundo a teoria que apresentamos, e verão que há ampla justificação para o espanto, traduzido em palmas, e para o entusiasmo, manifestado em aclamações delirantes.

De um admirador incondicional do tenor Tito Schippa conta-se que manifestava o seu deleite, ao ouvir o timbre suave daquele artista italiano, berrando: "Bravos! Ai, Schippa! Entra, moleque bom! "E, em tom de ternura comovida: "O safado do Schippa canta p'ra burro!"

Ora, nosso único espanto foi, justamente, não ter ouvido encorajamentos dessa ordem a Erna Sack. Justificasse, porém, a omissão. De tal ordem é o repertório de exercícios vocais da cantora, tão extraordinária é sua ginástica, que a maioria da assistência prendeu a respiração, para apreciar melhor a escalada dos superagudos.

O programa, obedecendo ao objetivo principal, era he-

Bruno Walter, o famoso regente, que também aplaudiu Erna Sack.



Erna Sack, que tem cantado no Municipal e na Rádio Tupi, anunciou que vai fixar residência no Brasil.

FUNICULI-FUNICULÁ...

ATLETISMO NO PALCO DO TEATRO MUNICIPAL — E PR'A ERNA SACK NADA? — UM "BIG" À CAMPEÃ — O ADMIRADOR DE TITO SCHIPPA — O ENTUSIASMO DE BRUNO WALTER.

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

terogêneo do ponto de vista estritamente musical, porém justo, adequado, do ponto de vista da exibição premeditada, com trechos de grande efeito, entremeados de "coisinhas fáceis" — isto é, canções que não exijam esforço continuado nos agudos — para descansar a voz, entre duas "daquelas duras de roer", ou, melhor, de cantar...

Ficou faltando, certamente, no final do concerto, alguma coisa de imprescindível, mas consolamo-nos registrando, aqui, o "big" esquecido.

E" para Erna Sack nada?"

Côro: "Tudo!"

"Então como é, como é que é?"

Côro: "E' big, é big, big, big. É hora, é hora, hora, hora. Rrrr-tchim-bum! Er-na Sack! Er-na Sack! Er-na Sack!"

BRUNO WALTER E "A TAL"

O erro fundamental foi considerar-se, a priori, o recital de Erna Sack, um concerto de música de câmara. Se todos tivessem ido ao teatro com o espírito desprevenido, não haveria desapontamentos. Muito pelo contrário, Erna Sack

teria recebido as homenagens de todos, sem exceção. E, para os que se acreditam diminuídos por apreciar, devidamente, os méritos da cantora, dentro do seu gênero, podemos recordar que nem mesmo Bruno Walter, o intérprete famoso de Mozart, recusou à nossa robusta e vigorosa visitante os seus aplausos.

Esse episódio nos foi transmitido pela própria Erna Sack, porém não temos motivo para duvidar de sua palavra e, colocada a questão em seus devidos termos, torna-se, na realidade, bastante compreensível a aprovação entusiástica de Bruno Walter, tirado de sua serenidade mozartiana, para a vibração humaníssima do stadium... É um capítulo da psicologia das multidões que poderia ser incorporado à história da música. E, afinal de contas, o nosso meio musical, tão cheio e intrigante e "disse que dissesse" beneficiar-se-ia consideravelmente se suportasse, com maior frequência, doses maciças de "espírito esportivo", aquela qualidade que recomenda o esporte às mais refinadas flôres de estufa, o esporte como antisséptico da vaidade... E, quem estiver de mau humor, pôde cantar o estribilho: "Funiculi-Funiculá" especialmente recomendado para os fígados recalitrantes...

DEUS

NÃO CASTIGA COM
PORRETE



É LE chegou na estância, um pobre guri mulambento, escabelado e doente, e o velho não quiz dar-lhe um lugar no galpão. Nem mesmo dormir sob o tecto do banheiro das ovelhas, nem na cabana ele deixou. Dona Amália ficou triste.

— Ora, Belisario, uma pobre criança abandonada! Quem sabe nem tem mãe. Por que tu não aceitas prá piá dêsse teu galpão que vive numa imundice que eu nem me animo a entrar lá? Dia de marmelada eu mando fazerem uma limpeza geral porque tenho de reparar a Lisoca que é muito estabonada e não posso estar no meio daquê chiqueiro. Deixa o guri e pronto! Quem sabe êle é trabalhador e ceprichoso?

— Não te mete, mulher. Mulher não entende de serviço e não dá palpite. Quem manda aqui sou eu e eu faço o que bem entendo. Se êsse diabo não tem onde dormir êle que durma aí sob os umbús. Comida êle come o resto da peonada. Sempre um guri dêsse come muito e o que não quero é que se esbanje nada dentro dessa casa enquanto eu fôr vivo. Depois que eu morra, sim! Tu fazes o que tu quizeres, enche a casa de gente imunda e quem sabe, até, ladra, e gasta todo o dinheiro que eu venho juntando, trabalhando como um burro de carga para sustentar vocês.

A dona Amália calou-se. O marido era sempre tão estúpido com ela, não dizia nada com bons modos! Calou-se, mas ficou pensando no guri tão sujo e tão magro que chegara e que o Belisario havia corrido do galpão.

— Tu só pode ficar aí nêsse umbú, gritou o velho bem de longe. Quando fôr hora de comida eu mando.

O guri havia ficado com uns olhos muito grandes, cheios de lágrimas, encolhido ali na sombra do umbú que fôra tão acolhedora como os braços magros daquela mão que se fôra tão cedo para outras terras que êle desconhecia.

— E tu não te chega perto dêle, Amália! E' uma ordem que estou dando. Êsse diabo tem até muquirana!

E Amália ficou quieta. Não queria discussão. Bem sabia que o marido podia dar-lhe uma bofetada quando se enfurecesse mesmo.



Ao alto: A Casa dos Ex-Alunos do Instituto La-Fayette, encerrando as comemorações do dia, homenageia a memória de La-Fayette Côrtes, na palavra do Dr. Fernando Nogueira Pinto e de outros oradores que se seguiram. Em baixo, à esquerda: Junto ao túmulo de La-Fayette Côrtes a romaria detém-se comovida. A direita: O professor Francisco Levasseur França dirige algumas palavras aos alunos, no ato da inauguração da rua Professor La-Fayette Côrtes.



Ao alto: O Dr. Martinho Garcez Neto, magistrado conhecido, fala pela Casa dos Ex-Alunos do Instituto La-Fayette, ao inaugurar-se a rua Professor La-Fayette Côrtes. A esquerda: A matriz de São Francisco Xavier, naquela manhã de 5 de junho, encheu-se de alunos e professores católicos, para a Páscoa do corrente ano.

LA-FAYETTE CÔRTEZ, EDUCADOR

A MANHÃ de 5 de junho, ensolarada, e bela, foi, sem dúvida, a alvorada de uma consagração a La-Fayette Côrtes.

Os antigos alunos acorreram de todos os recantos da cidade, para reverenciar a memória do venerado professor, na sua data natalícia.

Este ano, porém, não o tinham diante dos olhos. Sentiam-no, contudo, vivo, no coração.

Foi um dia de gratas recordações no tradicional educandário. Professores e funcionários, a gente simples do trabalho, todos compareceram aos atos de culto em memória do querido morto.

A alma generosa de La-Fayette Côrtes parecia não mais conter-se no âmbito do Instituto que fundara e dirigira, com firmeza, constância e justiça. Parecia expandir-se nas comemorações das praças públicas, no recolhimento cultu-



E o guri foi vivendo uma vida de cachorro miserável e sarnento, desprezado por todos, porque quando o patrão demonstra que não gosta de ninguém a peonada toda segue o exemplo. Ali, entre aqueles dez homens que faziam o serviço do campo para o Belisario não havia um que algum dia houvesse dirigido um "buenas" ou qualquer outra palavra para o guri-abandonado sob o umbú secular. Só mesmo os cachorros é que vinham lamber-lhe as mãos, que o guri sempre guardava da sua ração miserável um osso que lhes servisse.

O peão que sempre lhes levava a comida tinha ordem do patrão de deixar o prato de fôlha bem longe e o guri tinha ordem de buscar o alimento só depois que o peão se retirasse.

Um dia o peão adoeceu e um gurisote novato ficou encarregado do serviço de alimentar o "bicho do mato" como dizia o velho. Foi então quando se soube o seu nome.

— Escuta! Como é o teu nome? perguntou José.

O guri olhou-o surpreso. Era a primeira vez que alguém o tratava como se ele fosse realmente uma pessoa e não um animal qualquer. Demorou um pouco a responder e quando o fez José gostou de sua voz. Uma voz delicada e triste, voz de criança maltratada, que envelheceu prematuramente no contato brusco e demasiado cedo com a vida.

— Bem... mamãe me chamava Lulu. Ela dizia que o meu nome todo era Lulu Sebastião... E o teu?

— José...

— Só?

— Sim... e a voz do rapazinho se encheu de amargura. Eu nunca tive pai nem mãe...

Pela primeira vez Lulu encontrava alguém que era muito mais infeliz que ele. Pobre José! Não teve mãe!

— Vamos sê amigo, José? Às vezes, de noite, tu vem aqui que eu vô te contá como era a minha mãe. Eu posso repartir contigo um pouco da lembrança dela.

— Vamo!

E por entre as lágrimas os dois sorriram.

— Sabe? Eu até hoje só tinha chorado uma vez, mas também, foi num dia bem triste! Tu não imagina o que tem sido a minha vida depois disso. Foi lá nas bandas de Corrales, no Uruguai. Eu tinha me escapado da casa do meu avô, porque ele gostava muito de me dá com um enchequeirador. Parecia que gostava mesmo de ver o couro trançado se enroscando como uma cobra pelo meu corpo.

Não aguentei aquilo e no que soube que havia revolução no Uruguai, tomei o rumo de Santana. Passei um dia por lá, numa noite cruzei a linha divisória e pronto! Não me faltou companheiro. Me deram uma arma pesada como um burro e um cavalo bem de fato. Foi o mesmo Aparicio Saraiva que me deu. Disse que me achava muito criança para andar a pé, carregando tanta muchila nas costas.

— Pero és de hombres guapos que yo necesito y usted tiene muy buena cara. A ver si me sale buena cosa!

O mais difícil para mim foi me acostumar com aquelas lanças de quase três metros, pesadas como um touro gordo,

mas no fim tudo não parecia mais que um rebenque nas mãos da gente. Andei em muito salsêro, daqueles bem brabos, da gente sentir as balas zunindo pelas orelhas e ver os companheiros estrebuchando ali no mais. E as cargas de lança? Aquilo sim é que era bom! Chegava a dar um arpejo pelas costas da gente quando a cavallada toda descia uma lomba e se esparramava como um rio, e vinha trepando prá cima do pessoal do govêrno. Muitas vezes, só de nos encher, eles davam as costas, disparavam e se metiam no primeiro mato que encontrassem. As nossas cargas de lança eram conhecidas e eles bem sabiam a força do Saraiva. O seu Gumersindo também andava junto, era valentão, mas não tinha aquela bondade e aquela força do Aparicio. "Mi General"! Era assim que o pessoal chamava o Aparicio e ele sempre respondia com um sorriso nos lábios. Alta noite, depois de uma refrega bem feita, quando a tropa estava esparramada por ali, cheia de desânimo, em completo silêncio, ouvia-se aquela gargalhada forte e sonora do General, enchendo o acampamento. Risadas como aquelas ainda estou por ouvir. Eram risadas tão fortes e tão alegres que tiravam toda a moleza e o medo que a gente estava sentindo por dentro, e no outro dia era quasi na certa que o govêrno perdia terreno para nós. O ruim era a falta de cavalo depois de um entrevero, que a cavallada era quem mais sofria com a lanças, e a gente

ficava de freio e pelêgo na mão, esperando que passasse um inimigo por perto para botar ele fora do matungo.

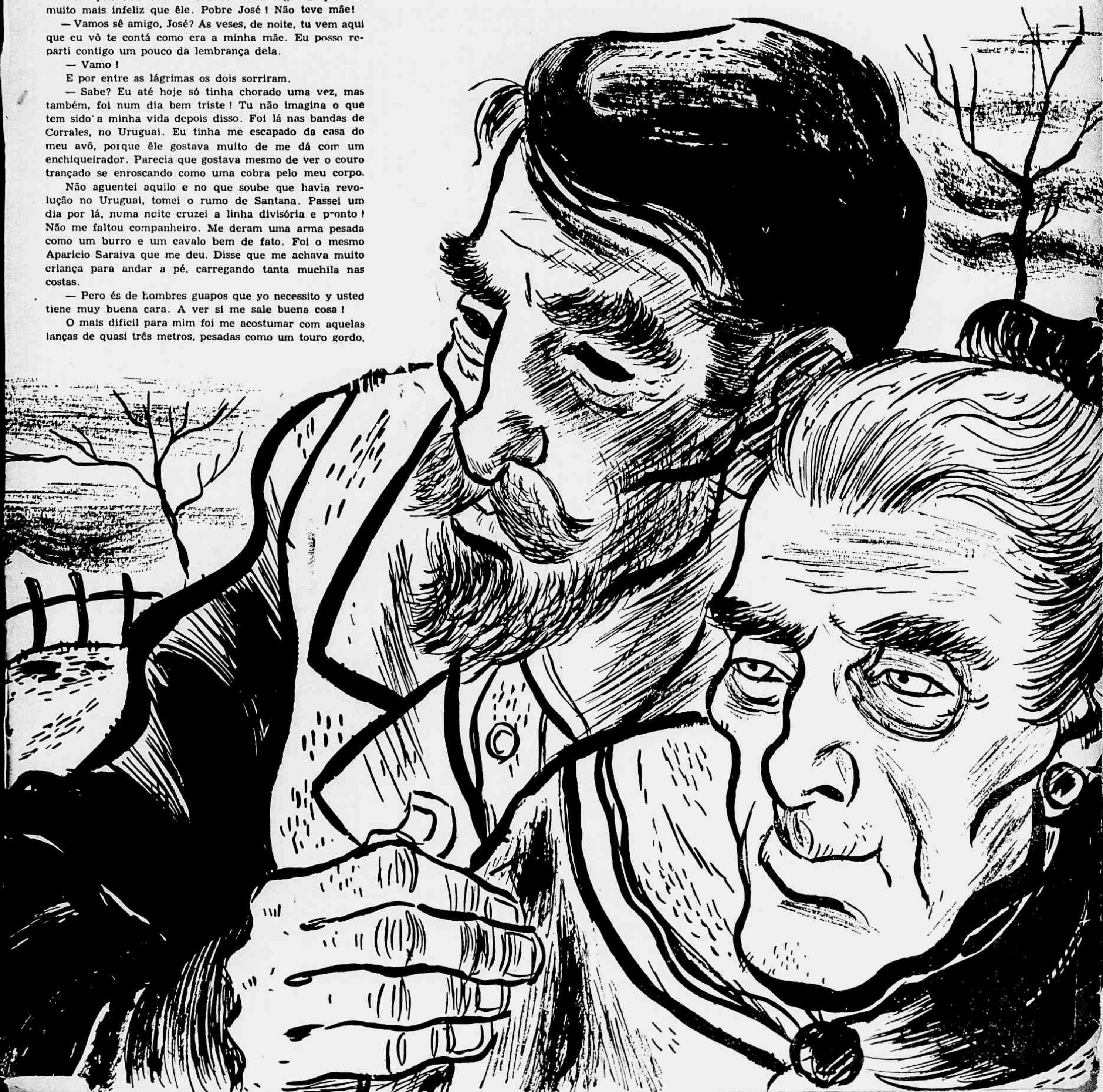
Era gente forte, mas no dia em que se soube que o General havia morrido não houve um que não derramasse uma lágrima. Foi quando eu chorei. Gaúchos velhos e empedernidos pela constante luta corpo a corpo, moços valentes, gente de friba, todos choraram porque um caudilho e um chefe como aquele ainda estava por nascer.

Noite escura ainda, muita gente já estava fugindo de Corrales, que com a morte do General tudo estava perdido. O Gumersindo não dava para chefe. Fez força para animar os homens, mas isso era coisa que só o General sabia fazer e ele estava morto.

Eu escapei num petiço baio, em pêlo, e vim tocando para Rivera, pelo mesmo caminho que eu tinha seguido quando fui me oferecer ao General. Passei por Rivera, cruzei a fronteira escondido no poncho escuro de uma noite fria e toquei pelo município de Santana a dentro. Lá um belo dia morreu meu petiço e me deixou assim no mais de pé descalço, tendo que andar léguas e léguas sem uma alpercata furada nem que fosse. Mas fui andando, com os pés em ferida, louco de fome, me alimentando mal, que havia quasi que só rancho pobre na beira das estradas.

(Continúa na pág. 58)

Conto de **THEREZA DE ALMEIDA** ★ Ilustração de **ARMANDO MOURA**
Premiado no Concurso Permanente da **REVISTA DA SEMANA**





O professor Ney Palmeiro, em belo improviso, interpreta os sentimentos do Corpo Docente do Instituto La-Fayette e da Faculdade de Filosofia do mesmo Instituto, ao ser desvendada a placa da rua com o nome do conhecido e pranteado educador.

ral da romaria ao campo santo, onde o seu corpo repousa tranquilo. Parecia ainda expandir-se a alma de La-Fayette nos recintos sagrados dos templos, onde, na comunhão de alunos funcionários e professores religiosos, recebia, feliz, o murmúrio piedoso das preces, como asas que a ascendessem, mais e mais, do mundo tomado de inquietação e dór.

A manhã de 5 de junho, alegre e cheia de sol, simbolizava bem a alma otimista e boa de La-Fayette Côrtes.

Os alunos novos, que não conheceram o incansável educador, recebiam, na palavra quente dos velhos alunos e ex-alunos, para as homenagens do dia, a apresentação singular do Mestre, vivo na alma dos moços.

O semeador não espargiu sementes nos pedregais solitários. O bom terreno deu à posteridade uma colheita farta.

Bem haja, pois, quem educa para a vida justa, altruista e humana. Bem haja, pois, quem semeia na alma dos moços a ciência, a arte e o ideal de justiça.

LaFayette Côrtes foi o semeador que na alvorada da vida começou a semear nas almas os princípios salutares da ciência e do amor.

A manhã de 5 de junho, com tanta luz no azul puro dos céus, foi, sem dúvida a alvorada de uma futura consagração maior à memória de La-Fayette Côrtes.



Em baixo, à esquerda — Os netinhos de La-Fayette Côrtes descobrem a placa da rua inaugurada naquele instante. A direita: A viúva, Sra. Alzira Lopes Côrtes, rodeada dos filhos, gênros e netos na solenidade da inauguração da placa da rua Professor La-Fayette Côrtes.





O busto de Arthur Azevedo, existente no Teatro Municipal, construído por iniciativa do autor de "O Dote", "O badejo", "A Almanjorra" e tantas outras peças.

RECORDAÇÕES DE ARTHUR AZEVEDO

ESCRAGNOLLE DORIA

NÚMEROSOS foram os pseudônimos usados por Arthur Azevedo no decurso de sua intensa vida literária. *Gavroche* foi um daqueles pseudônimos. Tomou-o Arthur Azevedo dos *Miserables* de Victor Hugo, o romance de estrondo, publicado em 1862 e contando a vida de um pária social condenado e depois repellido pelo desprezo público, tudo por crime inominável, o de haver furtado um pão.

Ao lado do precito Jean Valjean, o romancista colocou *Gavroche*, o petiz audioso, representativo do *gamin* de Paris, às vezes sentimental, a capital francesa arrogando-se o direito de dona exclusiva do *gavroche*.

Por meio de um pseudônimo, Arthur Azevedo acidou-se no Rio de Janeiro, servindo-se do nome suposto para subcrever com ele umas tantas quadrinhas estampadas na imprensa carioca diária comentando sucessos de ocasião ou aludindo a pessoas por isto ou aquilo localizadas no momento.

As quadrinhas de *Gavroche* gozaram favor público. Uns as liam e guardavam de cór. Outros, mais fiados na tesoura e na goma arábica do que na memória, cortavam e colavam as quadrinhas de *Gavroche*, recolhendo-as a albuns ou cadernos.

Xavier Pinheiro Filho, que também prestou o serviço de recolher poesia e prosa esparsa de Francis Octaviano, reuniu muita produção poética de Arthur Azevedo, em livro intitulado *Rimas*, publicado em 1900; nele incluídas várias quadrinhas de *Gavroche* pregadas sobretudo nas colunas de *O Paiz*.

Os habituais leitores do jornal sentiam-se quando, não encontravam nele as desejadas quadrinhas. E no Rio de Janeiro, de outrora era frequente ouvir esta pergunta: já leu hoje o *Gavroche*?

Arthur Azevedo foi figura querida da cidade carioca nos bons tempos

desta, o escritor popularizado pela imprensa e pelo teatro, de labor incessante dedicado a ambos.

Levantar a bibliografia de Arthur Azevedo é "empreendimento terrível", Disse-o Simões dos Reis, rebuscador infatigável e probo, a pesquisa tendo seus falsificadores.

Roberto Sejal iniciou o inventário bio-bibliográfico da obra de Arthur Azevedo. Falta-lhe o balanço completo, "terrível" de estabelecer. Só saber quantos pseudônimos disfarçaram o escritor no dia a dia de sua produção de pena, agora conhecer, por indícios tudo quanto Arthur Azevedo deixou sem usar de pseudônimo.

Percorrer velha imprensa carioca dá ensejo de *desconfiar* ser de Arthur Azevedo muita coisa anônima estampada em gazetas e revistas duradouras ou efêmeras.

Gavroche lembra bastante Arthur Azevedo, a sua bonhomia mordaz transformada em ímpeto de revide quando o homem ou o escritor atacados pessoa ou literariamente.

Para atestar a facilidade de fazer versos própria de Arthur Azevedo, disse certa vez *Gavroche*:

*Os versos meus andam ali dispersos,
Filhos sem pai, rebanho sem pastor,
E o molejarem de meus pobres versos
Não me produz o mínimo terror.*

Arthur Azevedo, o bonachão, sabia responder ao pé da letra se agredido. A modestia não empeça o direito de recorrer ao aviso de ouvir o que não quer aquele que diz o que quer, embora em certos casos o nome do agressor dispense desagravo já dado pelo desconhecimento da opinião pública.

A confrade que entendeu diminuí-lo, Arthur Azevedo respondeu à sombra de *Gavroche*:

LAMENTAÇÕES

*Eu sou muito infeliz! Li teus escriptos
Que deviam ficar em manuscritos,
Não nove annos, como Horacio ordena
Mas toda eternidade
Causa-me funda pena
Que sejas, prezadissimo confrade
Mais infeliz ainda;
Escreveste o que eu li... Desgraça infinda!*

Como se está farto de saber não faltam boateiros, por desfastio, maldade ou vingança pessoal. Sem dúvida por despique, um boateiro espalhou a notícia do falecimento de Arthur Azevedo, víima talvez de desafeto, quem sabe, gratuito.

Gavroche logo desagravou a vítima em

A BOLSA E A VIDA

*Galuno conhecido
Anda pela cidade a propalar
Que eu tinha fallecido
Roubou a bolsa e a vida quer roubar.*

A cidade não tardou a declarar o nome do meliante e de tal principalmente se encarregaram outras vítimas de alvies e falcatruas por parte de alguem de relações com a policia a manter galeria de larapios.

Agora, sem relação de especie alguma com a antecedente, outra quadrinha de *Gavroche* de aviso ao público de ha quarenta anos:

CONSELHO

*Prelendes ao fim do século
Ch'g r é triste mortal?
Foge dos bondes electricos
E dos carros da Central.*

Munícipe carioca, por força de Arthur Azevedo, *Gavroche* recebia o aumento do número de edis na cidade carioca de coração e alma no Município Neutro e depois no Distrito Federal.

*Quer um collega que se decrete
Que os intendentes municipais
Sejam não quinze, mas vinte e sete
Dil Já são tantos... Para que mais?*

Como Arthur Azevedo, nunc se esquecia do teatro, *Gavroche* lamentava a sorte de três companhias líricas no Rio de Janeiro de 1894, ainda agitado pelos sucessos de guerra civil recente estendida ao sul do Brasil.

Assim *Gavroche* resumiu a sorte das companhias de ópera em 1894:

*Poderia escrever um compendio
Quem quizesse chorar-lhes a sorte
A primeira acabou pelo incendio,
A segunda acabou pela morte,
A terceira — meu Deus — quem diria
Acabou pela pancadaria.*

Tudo referencias ao incendio do *Politeama* da rua do Lavradio, em recita do *Rigoletto*, ao suicidio do maestro Mancinelli e a um conflito em completo desacordo com as harmonias de companhia lirica.

Ainda assim a desordem foi menos do que a da recita de 6 de Setembro de 1891, pateada no *Teatro Lirico* a ópera *D. Branca* do maestro português Alfredo Keil, o músico pagando as culpas de um empresário que o público trazia na garganta se apreciava as gargantas melodiosas dos artistas da companhia do dito empresário.

De um certo modo foi Arthur Azevedo empresário jornalístico, dirigindo o periódico *Gazetinha* e a revista *O Album*, este justificando título pela reprodução nítida de bons retratos.

Ao diretor de *O Album* mandou o padre Corrêa de Almeida um soneto. Neste o satirico poeta mineiro pedia a Arthur Azevedo que se não esquecesse de publicar o retrato... de Arthur Azevedo.

Gavroche tomou da pena e respondeu ao pedido com ponta de ironia quem sabe.

DESPACHO

*Dos retratos compete-me a escolha;
Todos sabem que O Album é meu;
E, portanto o retrato na folha
Todo mundo terá menos eu*

"Indefiro" — E' o despacho, eu á lei da Sazudez não me posso furlar
Do meu velho Corrêa de Almeida
O retrato, este sim, devo dar.

Retrato teve Arthur Azevedo na Galeria do Elogio Mutuo criada pela *A Semana* em sua primeira fase. Foi o retrato acompanhado de resumo biográfico da lavra de Moreira Sampaio.

Contou este que ao chegar do nativo Maranhão, Arthur Azevedo teve de ganhar a vida no Rio de Janeiro onde não dispunha de proteção.

Tentou o magisterio secundario. Correu vários collegios, em nenhum encontrou vaga, acabando por ir ter ao *Colegio Pinheiro*. Dirigia-o abalizado professor, José Rodrigues de Azevedo, á testa de collegio na praça Onze de Junho e de sede em palacete do conde de Algezur.

Os diretores dos collegios aos quais Arthur Azevedo se dirigira, á cata de colocação, fizeram ao candidato a mesma pergunta: que leciona o senhor? — Francês. E foi respondido por três diretores: Temos professores do idioma.

— Que ensina o senhor? perguntou o quarto diretor de collegio, Azevedo Pinheiro a Arthur Azevedo.

— Ensino tudo, respondeu Arthur, que ao velho pedagogo explicou a sua situação.

Ru-se Azevedo Pinheiro e admitiu Arthur Azevedo no seu collegio como professor de português e português sempre se caprichou em saber no Maranhão.

Começou depois Arthur Azevedo a escrever em *A Reforma*, jornal de circulação no qual outro maranhense, Joaquim Serra, apimentava com espiro seção politica.

Desde menino inclinado a gostar de teatro, veio Arthur Azevedo ser autor teatral ro Rio de Janeiro, cultivando vários gêneros de palco para ele compondo, traduzindo e adaptando peças, que todas foram caindo no agrado público.

Mesmo quando funcionário público, Arthur Azevedo nunca desamparou imprensa e teatro, multiplicando produções naquela e neste, em cujo favor abriu incessante campanha a bem de teatro nacional, no encarecer artistas nossos e desejar para eles atenção e amparo.

Não só o legitimo *Gavroche*, o de Paris, às vezes mostra coração; o *Gavroche* abasileirado por Arthur Azevedo também o mostrou. Ao celebrar o Arthur, numa poesia, datada de 21 de Agosto de 1893, o vicesimo aniversário de sua chegada ao Rio de Janeiro, movido de saudade, recordou o poeta o lar paterno, os seus progenitores, confessando em público a sua emoção intima:

*O meus olhos inda choram
Já não tenho pae, nem mãe*

Acompanhando o amigo aflito, neste instante *Gavroche* procurava esconder uma lágrima.



Arthur Azevedo, o brilhante dramaturgo e humorista, num desenho de Henrique Bernardelli, executado em 1901.





ANÍZ MURAD é um desses elementos de valor que o rádio foi buscar no teatro de amadores, oferecendo-lhe ótima oportunidade para demonstrar suas qualidades cômicas, apesar do seu primeiro papel ter sido o mais sério possível: o juiz da "he misteriosa". Mesmo assim contrariando seu gênero, ele conseguiu despertar o interesse dos "fans" do "Teatro pelos ares", a ponto de convencer o saudoso Plácido Ferreira a contratá-lo para esse programa. A seguir, meteu-se na pele do inspetor Malaquias, tipo característico do "Teatro Sherlock", em que ele brilhou, ao lado de Alziro Zarur, Antônio Laio e outros mais. Além de trabalhar na PRA-9, Aníz Murad "dobrava" no "Teatro Leopoldo Fróes", irradiado pela PRA-3, sob a orientação de Renato Murce. Mais tarde ingressou na Rádio Transmissora, onde fez o popular detetive "X-10" no "Policial Zarur", atuando ainda em cortinas e "sketches" irradiados por essa emissora. A seguir, transferiu-se para a Rádio Mauá, estação em que se encontra no momento, na qualidade de rádio-ator. Afóra o rádio, o irmão de Jorge Murad ainda se dedica ao teatro de amadores, já tendo corrido a maioria de elencos existentes na Cidade Maravilhosa, da qual é filho, pois nasceu no número 196 da rua da Alfândega, dois meses após a chegada de seus pais ao Brasil. Contador formado, há vinte e cinco anos empresta seu concurso a importante firma. Possui facilidade para escrever quadras humorísticas e faz rocadinhos interessantes. É membro do Conselho Fiscal da Casa dos Artistas.

JORGE AMARAL, médico "doublé" de artista, ora atuando ao microfone da Rádio Globo, na qualidade de intérprete de nossas melodias populares e de locutor de diversos programas, começou a trabalhar, no rádio, através da Record, quando Cesar Ladeira ali exercia função de "speaker". A seguir, ingressou na Cruzeiro do Sul de São Paulo, onde teve como companheiro Gagliano Neto, que, tempos depois, o chamaria para o "cast" da PRE-3. Concluído o curso médico e com o nome feito no "broadcasting" bandeirante, Jorge Amaral fundou uma escola de educação física para moças, a primeira criada no Brasil, e que teve absoluto sucesso. Mas o rádio continuava a perseguir o médico. Daí sua vinda para o Rio, com o fito de tentar melhor "chance". Formou, então, no elenco da Urca, tomando parte nos principais "shows", em que cantava e fazia as apresentações. Nesse período, convidado por Arnaldo Sampaio, passou a animar os programas de estúdio da Transmissora, além de atuar como locutor esportivo, até que a Tamoio lhe acenou com melhor contrato, para que ele comandasse um programa de ginástica. Na veterana PRB-7, o foi buscar a PRE-3, confiando-lhe "broadcasts" de enorme responsabilidade. Jorge Amaral saíu-se a contento, inclusive no desempenho das histórias seriadas. Aliás, nesse gênero, criou "O fantasma voador", tipo que logo se popularizou no meio da garofada. Além do rádio, Jorge Amaral já emprestou seu concurso ao cinema, inclusive no filme "Foot-ball em família". De compleição atlética, nas horas vagas aprecia aos esportes violentos, uma partida de "snooker"...



SÃO raras as vozes femininas que irradiam anúncios no "broadcasting" carioca. Uma dessas aliás, bem agradável, é a de Lucia Helena, exclusiva da PRE-8. Nascida na cidade de Franca, interior de São Paulo, começou exercendo funções de cronista do órgão local, escrevendo crônicas e sugerindo modelos de vestidos. Tempos depois, transferindo-se para Rio Claro, veio a ser locutora da Rádio Club dessa cidade, por ocasião da temporada de Silvinha Melo e Roxane, cabendo-lhe a apresentação dessas duas cantoras, hoje desaparecidas do rádio. Gostando do microfone, idealizou, com Raul Brunini, o programa "Bazar de Novidades", que logrou fazer sucesso. Nesse período, Lucia Helena, já senhora dos segredos radiofônicos, resolveu tentar a carreira no Rio, aqui chegando sem encontrar o menor embaraço. Bateu à porta da Tupi, sendo recebida com a melhor boa vontade, uma vez que havia necessidade de uma substituta para Elza Marzulo. Depois de um "test" rigoroso, ela atuando ao lado de Raul Brunini e Manoel Barcelos nos principais programas da PRG-3. Dêse prefixo, foi para a Rádio Nacional, substituindo a locutora Maria Helena, na apresentação das novelas. Foi feliz na atuação, o que lhe abriu caminho para atuar noutros programas de estúdio, inclusive nas audições dominicais, como em "Colas do arco da velha". Lucia Helena, nas horas de folga, exerce funções de secretária de Victor Costa, zelando pelo bom andamento das peças e novelas que a PRE-8 transmite. Sua correspondência é das mais volumosas, em razão do prestígio que desfruta no meio dos "fans".

DENTRE os legítimos valores com que conta o "broadcasting" carioca na música de câmara, destaca-se a cantora Christina Maristany. Há muito ligada à Rádio Tupi, seus recitais de canto primam pela seleção dos numeros apresentados, revelando o gosto apurado dessa consagrada artista brasileira, cuja voz, bonita e educada, é conhecida em diversas repúblicas latino-americanas, graças às vitoriosas excursões que tem realizado. Soprano de mérito indiscutível mérito, sua presença no "cast" da "emissora-associada", data de quando a música fina ainda recebida com alguma reserva, o que, entretanto não a impediu de fazer carreira no rádio brasileiro, a ponto de seus programas serem apresentados num dos melhores horários, e os principais locutores da PRC-3. Hoje, desfrutando de invejável situação no meio artístico, onde seu nome é pronunciado com admiração, Christina Maristany nem por isso se mostra indiferente às manifestações populares. Acessível aos que a procuram, jamais se fustiga a responder a carta de um "fan" ou mesmo a atender ao pedido de uma fotografia autografada. Também aquiesce às solicitações para repetir um número, embora seu repertório variadíssimo lhe permita fugir às repetições. Ela, porém, gosta de atender às solicitações dos ouvintes, porque reconhece nos mesmos seus leais e sinceros incentivadores. Fóra do rádio Christina Maristany tem realizado alguns recitais de canto, os quais têm tido a mesma aceitação dos que leva a efeito na Tupi. Atualmente, está honrando os programas de estúdio da PRC-3 com suas audições.

GENTE DE RADIO

DE QUATRO Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA EM QUATRO Por ARMANDO MIGUEIS

Noturno para

QUANDO cheguei à estação, arfante e suarento. O trem já estava de partida. Mal deu tempo para jogá-las malas dentro do carro e pular sobre a plataforma.

Não comprara passagem; seria multado. Tudo devido ao maldito relógio. Atrasado, não sei quanto. Todo dia era a mesma coisa. Devia tê-lo vendido, ou feito uma barganha com qualquer um. Mas, ganhara-o de meu pai, presente de estimulação.

A multa ficou em nada, porque eu dei uma gorgeta ao chefe. Não havia fiscal naquela noite e ninguém percebeu o suborno. Se quisesse, com outra gorgeta, iria viajar no carro de primeira classe, recostado e uma fôfa poltrona, comodamente. Todavia, minha carteira agonizava. Tinha dinheiro para uns doces, uma cerveja, uns dias de pensão em Curitiba. Até que arranjassem emprego, o que se tornava difícil para quem ia sem pistôlo.

O ar enfumado do interior do carro enojava-me. Num cantinho, um bêbado tocava gaita. O cabôclo, ao lado, arrancava espirais de fumaça ao pito encardido. Por toda parte, comentários a meia voz, modinhas asobiadas, antigas canções sertanejas ao som da viola, homens se cueixando da sorte, o velho que ia se internar no asilo, o outro que não tinha recursos para a operação de apêndice. As janelas fechadas, trancando o ar viciado. O chão salpicado de saliva grossa, saliva de caboclo rijo e anti-higiênico.

No tempo, que há muito morreu, não tinha eu conhecido carros de segunda. Meu pai fora comerciante forte. Eu, filho único, despreocupado, e vagabundo. No entanto, o jôgo, que escravizara meu pai, levou nossos haveres, lançou as propriedades na hipoteca. Uma derradeira tentativa para reaver o perdido... e ficamos com a roupa do corpo. A asma, cujos ataques os médicos afugentavam à custa de dinheiro, à falta dêste, não encontrou resistência, matou minha mãe. Papai meteu uma bala no ouvido e foi enterrado junto.

Deixei-me ficar em Ponta Grossa mesmo, consegui emprego numa lojinha.

Passaram-se dois anos. Chegaram-me a idade de ir para a caserna. Ao invés de ali aprender alguma coisa de útil, o que experimentei foram as arremetidas constantes da fome, e os desaforos e humilhações de alguns superiores. E agüentar tudo. Se alguém se revoltasse contra uma

injustiça, o prêmio era a cadeia e a perpétua espera pelo julgamento, sempre favorável ao superior. Enfim, o tempo passou; recebi a caderneta de reservista como um símbolo de fome, recalque a humilhação. Tudo para servir a infeliz Pátria, a Pátria infeliz, comida por hipócritas e parasitas.

Estava insuportável o ambiente, naquele carro sórdido. A música de violas e gaitas me ceteava. E os risos da gente a'egre, dos cabôclos pobres e felizes. E as piadas de um bobalhão.

Abri a porta, saí. Preferia a plataforma desconfortável, mas arejada.

O céu tinha um aspecto medonho. Nenhuma estrela varava a brutalidade densa das nuvens carregadas. Da noite não saía um ruído, um grito sequer de animal assustado. Anexas a trepidação sacolejada do trem esbofeteava o silêncio. E as fagu-

Conto de **RADI DANESE** ★ Ilustração de **ARMANDO PACHECO**, premiado no Concurso Permanente da **REVISTA DA SEMANA**

lhas, desordenadamente, riscavam a treva com vermelho forte.

Como eu supusera, a plataforma, batida pelo vento, era incômoda. E eu não queria voltar para dentro do carro, a menos que o sono viesse. De quando em quando, uma fagulha caía perto de mim.

Isabel...

"... Não, Isabel não merecia viver um minuto nos meus pensamentos. Recusara ser minha, quase sem motivo. Ou... talvez nunca me tivesse amado. Quando eu lhe disse que não fôra promovido a cabo, por ter perdido a hora do exame, explodiu em ditos irônicos:

— Pois eu, com soldado, não caso. Pelo menos chegasse a sargento... Meu pai não se envergonharia do nosso casamento.

— Mas... Isabel...

— Já sei! Você vai ser licenciado. Vai voltar ao emprego de caixeiro. Vai tentar ser independente, vai... Não me interessa! Logo que sair, trate de arranjar outra. Caixeiro não me interessa. E eu duvido que um molenção distraído que nem você progrida em alguma coisa.

Não, Isabel não me amava. Do contrário, aceitar-me-ia com

todas as minhas falhas psíquicas. Amar-me-ia como simples soldado, ou no humilde emprego de caixeiro. Infelizmente, com a minha vadiação nos tempos de criança, não tinha aprendido nada no grupo escolar. Nem sequer tirara o diploma.

Ela queria conforto. Razoável Isabel merecia um mundo".

Aspirei o ar da noite, gostosamente. Afinal, a que vinha a lembrança de Isabel? Não me repudiara ela, por ser filha de burguês escrupuloso?

Desviei o pensamento.

Desencostei-me da parede, dei uns passos adiante. Um violento arranco da locomotiva quase me atira de costas.

A noite é bruta, o sapateado raivoso do trem sacode o silêncio. As fagulhas são riscos vermelhos, cicatrizes na imensa cara da noite. Longe, bem lá na frente, o farol da locomotiva injeta luz na sombra das curvas.

Inclino-me para fóra, quero ver a noite, meu corpo pende para o vazio, os pés estão firmes no primeiro degrau abaixo da plataforma, as mãos abraçando rijo as barras de ferro. Uma ou outra fagulha, de quando em quando, passa perto, quase me queima. Aqui o vento é mais agradável. A violência dêle faz-me esquecer as misérias.

— Eh, moço! cuidado aí!

Voltei-me, num susto. Um rapaz de avental, uma das mãos segurando cesta, a outra quase abrindo a porta do carro, sorria-me. Com certeza, o doceiro. As cestas estavam cheias de maçãs, chocolates, pastéis.

— Cuidado por que?

Sorriu mais largo, uma dentadura bem feita.

— E' perigoso ficar na posição em que você se encontra, parceiro.

— Hein?

— Há uma ponte neste trecho. O trem passa tão rente às vigas, que outro dia um cavalheiro perdeu o chapéu. Estava na mesma posição, com o corpo jogado na frente, chumando o ar. Podia até ter arrebitado a cabeça.

Era loiro, corado e magro. Tinha a fisionomia alegre.

— Não se esqueça, — repetiu.

E entrou no carro.

Encostei-me à parede. Bolas!

Nem sequer tinha agradecido o aviso. Nada me custaria pronunciar um "muito obrigado, amigo!". Depois lhe diria.

Aumentara a velocidade do trem. Apesar de a ferrovia andar encharcada, o maquinista corria. Mundo errado! Podia haver um desastre, um desastre qualquer em que morresse uma pessoa, ou dez, ou vinte. A possibilidade da minha própria morte não me perturbava. Não tinha nada de meu. Nem mesmo uma aspiração, um ideal que fôsse. Mas, quantos não tinham idéias e certeza de um futuro feliz!

— Que horas tem, parceiro?

Outra vez o vendedor de guloseimas. Meti as mãos ao bolso.

— Cinco prás dez, — respondi olhando o relógio.

Ele teve um gesto de aborrecimento para consigo mesmo.

— Ora! então é cedo. Sempre passamos pela ponte depois das onze. Assustei o parceiro sem motivo.

— Isso não quer dizer nada... (Lembrei-me do "muito obrigado, amigo")... agradeço-lhe da mesma forma.

Aqui o contentou.

— Mudando de assunto... Não deseja alguma coisa, parceiro? Chocolate? amendoim? cerveja?

— Me dê um doce — aquiesci —... e me traga uma cerveja logo que puder.

— As ordens, parceiro!

Foi-se. Não me lembro para que lado. E demorou. Demorou tanto que eu fumei um cigarro, vagarosamente. Depois, outro. Afinal, quando eu, com um piparote, lançava o tóco à noite, chegou.

— Pronto, parceiro! Geladinha!

Estendeu-me copo e garrafa. Enquanto eu bebia, falou que não gostava de viajar. A estrada não valia coisa alguma. Pontes mal construídas, dormentes podres, um relaxamento medonho. E, uma razão mais aprazível para abandonar as viagens: conseguira um bom emprego em Curitiba. Vida menos atribulada, ordenado compensador, conforto que nem tinha comparação. Além disso, pretendia se casar. E o enlace estava marcado para breve, depois que começasse a trabalhar no novo emprego.

— Se o parceiro conhecesse a minha noiva!... Penso que mesmo sendo assim tão sério e calado gostaria muito dela. E' muito linda. Todo mundo acha.

Foi despejando em meus ouvidos os conceitos que formara a respeito.

E o trem ia apitando, balouçando o corpo, expelindo fagu-

a Capital

lha e fumaça, esbordoando o silêncio, jogando-nos às vezes contra a parede, ou para a frente.

O vendedor de doces descreveu o corpo da noiva. Descreveu-lhe os cabelos, a boca, os olhos, as sutilezas de espírito. Contou que se amavam loucamente. Por isso que se resolvera a trabalhar na capital. Assim não ficaria longe dela, ganhando uns míseros cruzeiros com bebidas e doces. Aos poucos aprumaria a vida. Já tinha planos. E outras tantas coisas, a que não prestei atenção.

De repente, lembrou-se de uns sanduíches encomendados.

— Ah, o homem que espere. Que horas tem aí?

Puxei o relógio.

— Dez e quarenta.

— Cêdo ainda! e parece tão tarde!

Deu uns passos prá cá, prá lá. Chegou junto à borda da plataforma, inclinou-se para fóra. Eu bebia o resto da cerveja.

O corpo dêle (engraçado) estava na mesma posição em que o meu se encontrava. Esticado, inclinado para fóra, os pés firmes no primeiro degrau abaixo da plataforma, as mãos abraçando rijamente as barras de ferro, chupando o ar.

Súbito. Lembrei-me de que o relógio estava atrasado.

— Psiu! Convem você sair daí, porque...

Vi somente a coisa grossa e branca de encontro à cabeça d'ê. Um choque surdo e um grito rouco. O corpo soltou-se no espaço. Eu dera dois pulos para agarrá-lo. Percebi, então, fracamente, o barulho de um corpo mergu'hado nágua. A trepidação do trem envolveu tudo.

Provaram que eu tinha rachado o crânio do rapaz e o jogara no Tibají. O copo quebrado indicava sinais de luta. Admiraram-se de não se ter partido a garrafa quando eu vibrara a pancada na cabeça do meu contendor. Era isso o que eles, os técnicos, diziam.

Não possuo dinheiro, nem propriedades, nem parentes. Nenhum advogado quer defender-me. Se falo das vigas da ponte, gargalham, me chamam de cínico. Conforme o carcereiro já me disse, a sentença vai ser dura. Dei-lhe o meu relógio a troco da informação. Atraza meia-hora por dia. Ontem verifiquei isso. E agora já não preciso mais dêle.





Em cima à esquerda: Crianças israelitas, que se salvaram dos carrascos nazistas, deixaram as díscs Bergen-Belsen e partiram, por intermédio da "Hias of America", para a Palestina. Ao centro: Afinal, Sara, vamos para a Palestina... A direita: Jovens dançam a "Hora" ao desembarcarem em Le Havre, donde seguiram para a Palestina.



O MILAGRE DA FENIX JUDAICA

UMA PERMISSÃO ESPECIAL PERMITE A SAÍDA DE 350 JUDEUS, SEMANALMENTE, DO CAMPO DE BERGEN-BESEN — UM VELHO ISRAELITA FALA DO PASSADO E UM JOVEM SOBRE O FUTURO — NÃO HÁ MAIS LUGAR PARA NEUTRALIDADE PARA OS JUDEUS — PALESTINA, A ÚNICA SALVAÇÃO DOS FILHOS DE ISRAEL — "SE NÃO AGORA, ENTÃO QUANDO?"

Reportagem de NELSON VAINER

Fotos do HIAS OF AMERICA

LE HAVRE, junho (Pelo Bandeirante da Panair do Brasil) — No dia em que um navio, surto neste porto, zarpa para qualquer parte do mundo, nota-se no cais um movimento de gente esquisita, que se dirige em grupos, formando longa fila, para o embarque. São judeus. Velhos de barbas alvíssimas, homens e mulheres de meia idade, jovens e crianças, carregam malas e embrulhos, gesticulando e falando em idiomas atrapalhados.

A esquerda: Esta velhinha, de 65 anos de idade, que se achava escondida algum tempo, nas proximidades do "Getto" de Varsóvia. Um dia, porém, foi capturada pelos agentes da Gestapo. Enviada a vários campos de concentração, conseguiu, no entanto, salvar-se. De Bergen-Belsen, partiu recentemente para a Palestina. Em baixo: Vou à terra dos meus remotos antepassados: Abraão, Isaac e Jacob. A direita: A "Hias" é uma grande organização judaica, funda há mais de 60 anos. Trata de encaminhar os emigrantes para qualquer parte do mundo e mantém escritórios nas cidades mais importantes do Universo.



O navio não sai logo, os jovens, antes do subir a bordo põem-se a dançar a "hora", cantando canções hebraicas. Não sabem o que os espera alhures, nas terras que lhes são completamente desconhecidas, ignoram as dificuldades que encontrarão no caminho da sua nova vida, mas isso não importa. O que importa, no momento, é sair da Europa, não tornar a ver as cidades onde presenciaram crueldades jamais registradas antes nas páginas da história da terra e da humanidade. Não podem mais viver nos lugares onde viram milhares de véses a morte diante dos próprios olhos. O que eles querem é começar uma nova vida, onde quer que seja, menos na Europa.

PASSADO, PRESENTE E FUTURO

Aproximamo-nos do grupo de emigrantes e entramos em conversa com alguns deles. São ao todo algumas dezenas, desde criancinhas de peito a septuagenários, passado — presente e futuro de um povo que desde tempos atrás, de Aman até Hitler, vem sendo atrozmente perseguido, mas consegue milagrosamente vencer os seus exterminadores e sobreviver, embora perecendo aos milhões. Nisso se parecem com a fenix lendária que, segundo a crença dos antigos, renascia das próprias cinzas muito tempo depois da morte. Esparsos por este imenso mundo de Deus lutam desesperadamente pela sua sobrevivência, perseguidos ali, são tolerados acolá, expulsos de um país, se refugiam a outro qualquer, e assim mantêm viva a chama dos seus antepassados que lhes legaram a nacionalidade hebraica.

FALA O PASSADO

Um velho judeu, desses que lembram os patriarcas da era bíblica, tenta acender um cigarro, mas o isqueiro falha. Oferecem-lhe um fósforo. O ancião aceita e responde em "idich" — "A dank", isto é, obrigado.

— Onde vem o senhor? — perguntamos.

— De Bergen-Belsen.

— E os demais?

— Do mesmo lugar. Há várias semanas que um comboio de 350 judeus deixa semanalmente Bergen-Belsen.

— E para onde vão?

— Alguns para países americanos, outros para Austrália, mas todos preferem Palestina.

— E o senhor, para onde vai?

— Eu tenho um filho nos Estados Unidos. É muito longa a minha história. Poderia ficar dias e dias contando-lhe o que se passou durante os setenta e dois anos da minha existência. Mas vou resumir.

— O meu pai combateu na guerra de 1877. Até foi condecorado por bravura. Ajudou aos russos a vencer os turcos, mas não deixou de receber uma grande recompensa: em 1905, quando os russos desencadearam uma série de "pogroms" em várias partes do Império Russo, também ele caiu sob o golpe do machado assassino dos pogromistas. Na guerra de 1914, fui mobilizado. Alemão naturalizado lutei pela Alemanha do Kaiser. Viera a paz. Acreditava-se, enfim, que o dilúvio de sangue, que inundou toda a Europa durante os longos quatro anos, serviria de lição para a humanidade que só vive pensando em guerra. Engano. Se não fosse Mussolini, ou mesmo Hitler, outro qualquer teria feito algo para jogar o mundo no abismo em que atualmente se encontra. Creio, no entanto, que esse possível "outro qualquer" não teria agido como esses desumanos ditadores pois, o que as suas hordas fizeram com os povos europeus, e principalmente com os judeus, é algo que eu, que vi tudo isso com meus próprios olhos, não sou, no entanto, capaz de descrever!

O velho parou. Seus olhos se encheram de lágrimas e o seu semblante se cobriu de tristeza. Depois, recomeçou: — Igualdade e liberdade para todos os homens do mundo, justiça social, — tudo é tão bonito! Mas onde está tudo isso? Tenho 72 anos de idade. Desde menino, vivendo sempre sob o espectro do medo, por ser judeu, expulso daquela, maltratado acolá, consolava-me com uma reforma capaz de dar sossego ao meu povo. E agora, já com uma perna no túmulo, vejo apenas isto: destruição e morte! E as belas idéias de igualdade e fraternidade entre os povos continuam sendo apenas esperanças. Talvez, — repito — talvez isso venha a realizar-se um dia, mas até lá... até lá... ora, onde estaremos nós? Nunca fui sionista, acnei que um homem pode viver em qualquer parte, desde que seja honesto e trabalhador. Outro engano. Se assim não fosse, eu não estaria aqui agora, com mais de setenta anos, quando deveria descansar no meu lar. Vou carregado de embrulhos, a caminho de um país que me é completamente estranho, afim de viver mais um pouco e morrer na terra alheia... Porisso, meu amigo, acho agora, mais do que nunca, que os judeus do mundo inteiro devem unir-se e lutar pela reconquista da Palestina.

— Como? — desejamos saber.

— Não sei ao certo. Fale com um desses jovens que se dirigem para lá. Eles lhe dirão com mais precisão o que se pretende fazer neste sentido.

FALA O PRESENTE

Aproximamo-nos dos jovens que dançam ao ritmo de canções hebraicas. Esperamos até acabarem e abordamos o assunto em questão com um moço de uns dezoito anos.

— Vai à Palestina? — perguntamos depois de cumprimentá-lo.

O jovem olhou-nos desconfiado, permaneceu alguns

(Continúa na pág. 58)

O INÍCIO DA PUBLICAÇÃO DAS OBRAS DE GILBERTO AMADO

ACABA de ser lançado, pela Livraria José Olympio Editora, o volume primeiro das "Obras de Gilberto Amado", com o qual tem início a publicação em série, dos livros do fustre homem de letras, em quem critica sempre saudou uma das figuras marcantes do pensamento brasileiro. O primeiro volume das "Obras de Gilberto Amado" reúne as páginas admiráveis de "A have de Salomão e outros escritos" (de 1910 a 1913) de "Aparências e realidades" (de 1919 a 1922) e de "Dias horas de vibração" (de 1933). — de épocas diversas, as ligadas pela afinidade dos conceitos, condensando, como bem notou o editor nas linhas que antecedem o volume, "idéias de raro valor e excepcional originalidade sobre aspectos da vida contemporânea e problemas da sociedade brasileira". Registrando o significativo acontecimento, transcrevemos nesta página um dos trabalhos desse volume, "O último Tântalo", datado de 1911, mas excluída a indumentária do personagem, que mudou, ainda hoje de flagrante atualidade.

AQUELE que tu encontras de fraque preto, todo vestido, à porta do Watsoo ou deambulando melancolicamente na Avenida, numa lentidão madraça, tem um rubi no furabolo, é um bacharel. Chegou há quatro meses ao Norte com uma carta de apresentação no bolso e um acêndio de ambições na cabeça. Entregou a carta. O deputado da terra foi amável, disse-lhe palavras animadoras: — as coisas estão difíceis; mas havemos de trabalhar; hoje mesmo irei falar ao ministro, apareça... As insuções do bacharel crepitam. As Avenidas estonteantes, as mulheres que cheiram aos mil perfumes que a estação adota e que rutilam nos afrodismos da moda, as seduções dos cabarés, a agitação multiforme, o imprevisto das coisas e dos espectos, a cidade inteira ilumina-o numa alegria deslumbrada. Passam-se dias e dias na emoção desse deslumbramento. O bacharel volta à casa do deputado; vai à Câmara, procura-o nas ruas; mas o deputado é esquivo, e ao ser enfim encontrado: — ainda não consegui nada. Realmente, caro colega, é muito difícil. Não há vagas, e os protegidos são muitos. Em todo o caso, não perca a esperança, vou falar hoje a outro ministro". O bacharel espera. A vida nunca lhe foi mais deleitosa do que nesses dias de iniciação na cidade, pelos teatros, arrabalhes, pândegas noturnas, enquanto se desfazem as fracas provisões da carteira. O novo encontro com o deputado foi uma nova desilusão. Mas difíceis, no entender de S. Exc., estavam as coisas. Tinha trabalhado muito, mas inutilmente. E aconselhadamente juntou: — O meu amigo deve agir também por sua conta, faça relações... Passaram-se meses, e o fraque do bacharel começou a camuçar em nuanças arriscadas; pela gola foram aparecendo berdoengos debruns e por toda a sua pessoa se foi espalhando uma consternação lamentável. E à medida que o deputado da terra se tornava invisível, a carantonha do senhorio, na casa onde se hospedara, tinha inclemências arrepiadoras. A situação subia ao trágico. O bacharel resolve então ir diretamente ao ministério. Tem uma idéia romântica: — chegar ao ministro, confessa-lhe a situação, abrir-lhe a alma sofredora, contar-lhe o talento e as aptidões que possui e recordar ao próprio ministro numa invocação comovida, os idênticos atropelos, dos seus começos humildes. No antegozo do êxito, o bacharel ilumina-se. A alma está alegre na manhã em que decide, os desenganos dissipam-se de súbito. Tenta arrancar a violência de escôva as vegetações da gola do fraque, e atira-se para o ministério. Al, diante da gelada hostilidade do guarda, o desânimo volta. O seu orgulho lateja e o bacharel a maldição o país. O guarda declara que o ministro não recebe. No dia seguinte, nova visita e nova decepção. Outras tentativas, e todas falhas. Uma vez — dita incomparável! — o ministro recebe e ouve. O bacharel tem a voz trêmula, o semblante desgraçado; e o ministro: — não há vaga, não posso atender a todos; são tantos! O bacharel enturva-se num grande tédio. Mas a cidade logo o retempera; as ruas deliram de mulheres bonitas, e de maravilhas outras. A vida continua a chamar, e pela alma do bacharel sobe, com violência, uma grande ânsia de viver também. Diante dele passam os que gozam, rapazes da sua idade, fulgurantes, galhardos, com elegância, com esse ar desdenhoso da abundância regaiada. As mulheres têm para eles olhares amigos. O bacharel, a um canto, rói dolorosamente as unhas, e aspira. A sua cabeça, nestes instantes, é um



O escritor Gilberto Amado, cujas obras estão sendo publicadas, em conjunto, pela Livraria José Olympio Editora.

cinematógrafo gigantesco onde as imagens alegres do mundo se multiplicam infinitamente. E como o bacharel do Norte é sensual, as imagens que mais lhe crescem na imaginação são as das mulheres. São inúmeras: as morenas, as claras, as fulvas, as sadias, de carne primavera; as esquisitas, flexíveis, perversas, mórbidas, prometendo ineditismos viciosos; mulheres de todas as raças e de todos os climas, todas as formas, todas as esculturas, todas as fantasias caprichosas da beleza feminina que ele só entrevira na província, no esbatido das leituras e em idealizações delirantes. E elas passam, diante dele agora, todas vivas, reais, numa oferta fácil. A noite, à porta dos teatros, com o seu eterno fraque e a sua ânsia inútil de entrar, ânsia que de tão intensa parece saudade, ele as vê, novamente, esplêndidas, radiosas, pelos braços de outros. O bacharel, isto é, Tântalo, padece. No dia seguinte, meio desesperado, aventura-se por um escritório de advogado. Oferece os seus serviços. Quer um emprego. O chefe do escritório não o conhece, não sabe dos seus conhecimentos, nem da sua moralidade. Demais, não precisa de empregados. Os que têm, são de sobra. Desengano maldito! O bacharel, exacerbado, atira-se a todos os escritórios e cartórios. Nenhum precisa de auxiliares. Todos têm de sobra. Pelas ruas, na mesma lentidão madraça, o bacharel encontra colegas, alguns formados, quatro, três, dois anos antes, ainda sem emprego, ainda com a mesma ânsia, com a boca cheia da mesma água do prazer imaginado, mas só imaginado. Alguns têm a face escaveirada, o olhar languido. Já tentaram tudo; desde o concurso falho até à reportagem dos jornais; já procuraram emocionar todos os corações desbrocháveis em empregos; mas tudo inutilmente.

Mas continuam a aspirar. A cidade dominou-os, venceu-os, envolveu-os no seu círculo de seduções. Antes morrer que voltar. A visão do Norte, morrinhento e triste, a promotoria no sertão, os apavora. A cidade derrama-lhes nos nervos o veneno capitoso, e eles ficam.

Há um dia doloroso em que a tragédia se molha de lágrimas; é o dia que o rubi sai do furabolo para a mão inclemente do senhorio. O bacharel com o dedo vulgar, sem a cintilação do anel, chora então a inutilidade de todos os esforços acumulados, os suores que o pai ingenuamente suou para o ver doutor, as insônias que padeceu para que ele levasse ao dedo aquele rubi simbólico. Mas logo o encanto da cidade alvia dores tão ásperas e o bacharel, reparando na tonalidade confusa do fraque, verifica o contraste gritante que fazia o rubi, e resigna-se. O deputado da terra agora foge dele num temor de exigências outras que o pedido platônico do emprego.

O bacharel sabe que cada vez é mais difícil...

Mas agora seria estúpido voltar sem anel, como todo o tempo perdido, para as agruras do sertão. O melhor é esperar. Quem sabe? E o mundo está delirante; as mulheres cada vez mais belas. E só vê-las, ainda que só, é um gozo; a cidade cada vez mais rica de magias, toda cheia de uma perturbação entontecedora, e só o caminhar por ela, uma delícia. O bacharel morre de fome, atormenta os amigos que lhe restarem, mas não volta; fica nessa meia felicidade de aspirar, nessa ilusão que não se extingue nunca, apaixonado de todas as mulheres, sonhando todas as grandezas e todos os luxos, fascinado de todos os esplendores, sempre com o seu fraque que foi preto, todo esguedelhado, merencório, última encarnação de Tântalo...



Um chapéu diferente é usado por Laraine Day em "Angústia". É todo feito de "tulle" preto, franzido, com lantejoulas pretas espalhadas sobre o "tulle".

NOS BASTIDORES FEMININOS

Minha amiga, o seu problema é o problema de muitas mães de hoje. Como você, também elas se vêm frente a essa situação que parece ser insolúvel. Também elas amam suas filhas como você ama a sua, e, assim como você, elas sofrem e se torturam agora, notando a aparente indiferença que demonstram pelo lar pela família.

São muitas as filhas que atingindo essa idade difícil, querem se emancipar e "pregam" moral dentro de casa. Querem ter liberdade e o direito de fazer o que bem entendem... Acham que já estão na idade de fugir ao domínio materno e agir por conta própria...

Como você, também outras mães recuam horrorizadas quando ouvem suas filhas, ainda adolescentes, falar em viajar, conhecer outras terras e outras gentes, porque de tudo "isto" já estão fartas.

Você sofre, como as outras sofrem, porque pensa no carinho com que cuidou da sua filha, nos sacrifícios que precisou fazer para que nada lhe faltasse, nas noites de insônia que você viveu à sua cabeceira quando ela adoecia, no ambiente que

você preparou para ela com tanta dedicação; na educação que lhe deu... e agora, ela quer lhe fugir!...

Compreendo e sinto a sua dor, minha amiga. Você está desorientada, não sabe o que fazer; começa a julgar que você é quem anda errada, você é quem está fora da época... Mas não, é assim mesmo.

O que você está passando, é consequência de uma época e não está em você impedir que isto aconteça.

Talvez você tenha errado em minar demais a sua filha, mas isto já está feito.

O que você ainda pôde fazer, é fingir também um pouco de indiferença, procurar mostrar que ela não lhe é tão importante assim, que compreende tudo muito bem. Enquanto isso o tempo passará e é bem possível que tudo "esfrie". Ela chegará a compreender tudo o que você é para ela. Convencer-se-á, afinal, que só tem no mundo uma única amiga, sincera e verdadeira, e que essa amiga é você.

E novamente ela voltará a ser sua, a sua filha.

K I T T Y

APRESENTANDO



Não é só em Hollywood que existem... Não é só em Hollywood que aparecem essas criaturinhas adoráveis que podem servir de modelo para as mulheres do mundo inteiro.

Esta que hoje apresentamos, vem do México .. É a "estrela" cinematográfica Malú Gatica, primeira figura do "Churubusco" studio, do qual certamente vocês já ouviram falar, e que produzirá filmes de muito boa qualidade. Para vocês verem o sucesso de Malú (e quem não faria sucesso com um rosto assim?) basta que os primeiros três filmes daquele estúdio, são "estrelados" por ela.



MALU' GATICA



E agora, os seus modelos :

Para a noite, a bonita "estrela" Mexicana, usa este modelo inspirado nas estatuas romanas, de pesado crepe, bordado com "pailletés", franzidos na saia "apanhados" sobre os joelhos. E vejam que encanto este conjunto composto de saia preta, de lã, e casaco de lã lustrado preto e rosa. O chapéu é de feltro preto e rosa, véu preto. Encantadora esta blusinha de crepe romano rosa seco, com nervuras e entremeios de renda preta. Malú usa-a com uma saia preta, "godet". "Duas-peças" em lã creme, de listras verdes. O casaco é transpassado na frente, abotoando com botões do mesmo tecido. Tira em sentido contrário nas mangas.





originalidade do decote, arrematado por flôres em côres vivas. Ha um pala drapeada ao redor do decôte. Franzidos na cintura.

Milo Anderson criou para Alexis Smith êste maravilhoso modelo para jantar. Uma jaqueta de lamé dourado é usada sôbre um vestido de jersey de sêda branco. Na blusa, pequenos circulos de lamé dourado. Na página ao lado: Deslumbrante é êste modelo de Loretta Young, "estrêla" da RKO Rádio. O corpo é longo, de renda preta sôbre fundo rosa. A saia farta, é de tafetá preto, com grandes laços na frente.



Para a noite

MODELOS elegantes para a noite, são apresentados às nossas leitoras. Para o jantar "chic", para a Opera ou para o baile, qualquer um dêles será indiscutivelmente, alvo de grandes atenções: Da esquerda para a direita: Eleanor Parker, da Warner Bros., usa êste modelo em crêpe rosa seco, "duas-peças", para o jantar. Observem a

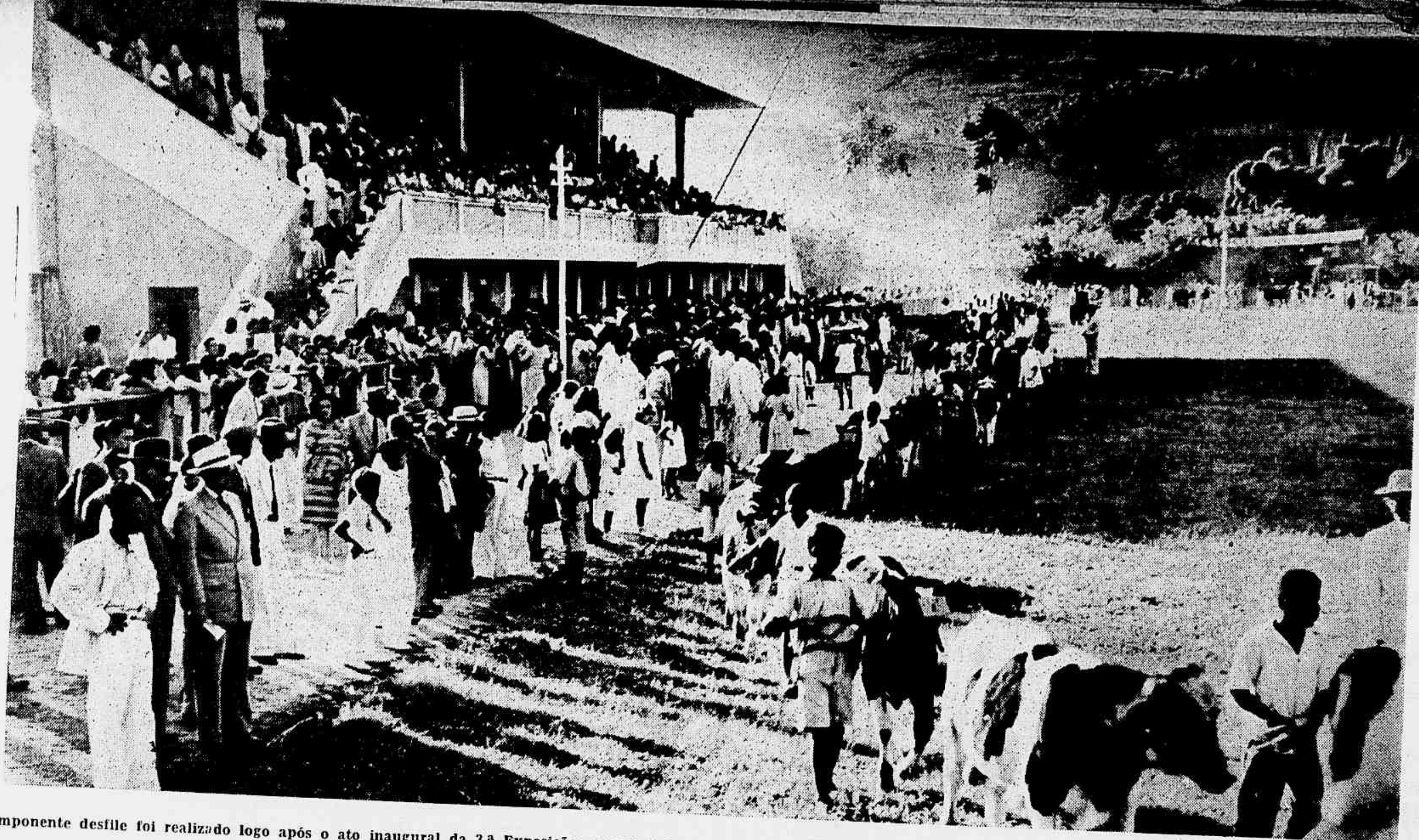


MODÊLOS ASSIMÉTRICOS

Nesta temporada o assimétrico triunfa na moda, obtendo magnífico sucesso. Apresentamos alguns modelos. Ao lado: um vestido de lã quadriculado, com tiras em diagonal de tecido diferente. 1) A saia listrada. A blusa em tecido unido. Sobre uma das espaldas, tecido igual ao da saia. 2) O "duas-peças", abotoado obliquamente, em forma assimétrica. 3) "Duas peças", abotoado do lado. No outro, ha uma guarnição noutra cor. 4) Modelo para a noite em magnífico efeito assimétrico. 5) Outro modelo para a noite onde a assimetria é formada por uma banda de tafetá que passa sobre um só ombro. 6) Um vestido simples. A elegância é obtida pelas pregas assimétricas. 7) Um vestido de muita elegância. O decote quadrado termina com dois botões de metal. Os mesmos botões na saia, sobre as pregas. 8) Neste modelo a assimetria é aplicada com dois tecidos diferentes, combinados de maneira interessante. 9) Vestido "d'après midi". Um babado cai de um lado. 10) Para o frio, é aconselhável este modelo simples, de gola pespontada e mangas compridas. Pregas e botões de um só lado.







Imponente desfile foi realizado logo após o ato inaugural da 3.^a Exposição, presenciado e aplaudido por numerosa assistência que enchia totalmente as dependências do belo Estádio Municipal de Carangola. É de uma fase desse desfile o aspecto acima estampado.

III EXPOSIÇÃO AGRO-PECUÁRIA E INDUSTRIAL DE CARANGOLA

Reportagem de ADALBERTO MENDES

QUEM, como nós, acompanha o desenrolar da Exposição Agro-Pecuária e Industrial de Carangola desde a sua primeira realização em agosto de 1945 e se detem no exame das forças agrupadas para levar adiante tão importante empreendimento, certamente não poderá chegar a conclusões outras afastadas do sucesso que marca de ano para ano o transecurso do que já se transformou na maior festa de Santa Luzia do Carangola. Isto por que essas forças, constituintes do bloco que apoia e incentiva aquela big-parade das atividades de toda uma fértil e progressista região, são as próprias arterias economicas pelas quais circula a riqueza vivificadora, alimentando o imenso parque agro-pecuario e contra as quais se chocarão im-

tentes as sortidas derrotistas, oriundas mais das inquietações da hora presente que de qualquer proposito deliberado. Conhecendo, para ventura nossa, a nobreza de sentimentos e a firme determinação do povo carangolense no seu empenho em prol das grandes causas, em razão mesmo da cultura, do amor à terra, do idealismo e da generosidade sem par que lhe são inherentes somos possuídos da convicção de que jamais influências estranhas solaparão os alicerces do monumento erigido pelo espirito realizador de homens serenos e voluntariosos. Agora mesmo, quando era perceptível o mal-estar que flutua ao sabor dos ventos da discordia partidária, vimos como reagiu a consciência coletiva e como todos indistintamente prestigiaram mais uma vez

a sua festa, indice da sua operosidade e do seu progresso. Nesse sentido, aliás, cabe recordar a palavra do prefeito Ignácio Luiz da Silva Thomé, cujo discurso de encerramento do certame, de muita sensatez e muita justeza, foi um hino à concordia e aos sentimentos de renuncia de todos os carangolenses, quando na mira das suas aspirações divisassem o objetivo comum. É-nos grato, pois, a nós outros, que destas mesmas colunas já fizemos partir modestos mas idênticos apelos, constatar a vitória do bom senso sobre as efemerias e ilusórias disputas, inconsequentes e estéreis.

A III Exposição Agro-Pecuária, a despeito da antecipação de três meses que sofreu em relação à data anterior, desequilibrando o trabalho de preparação

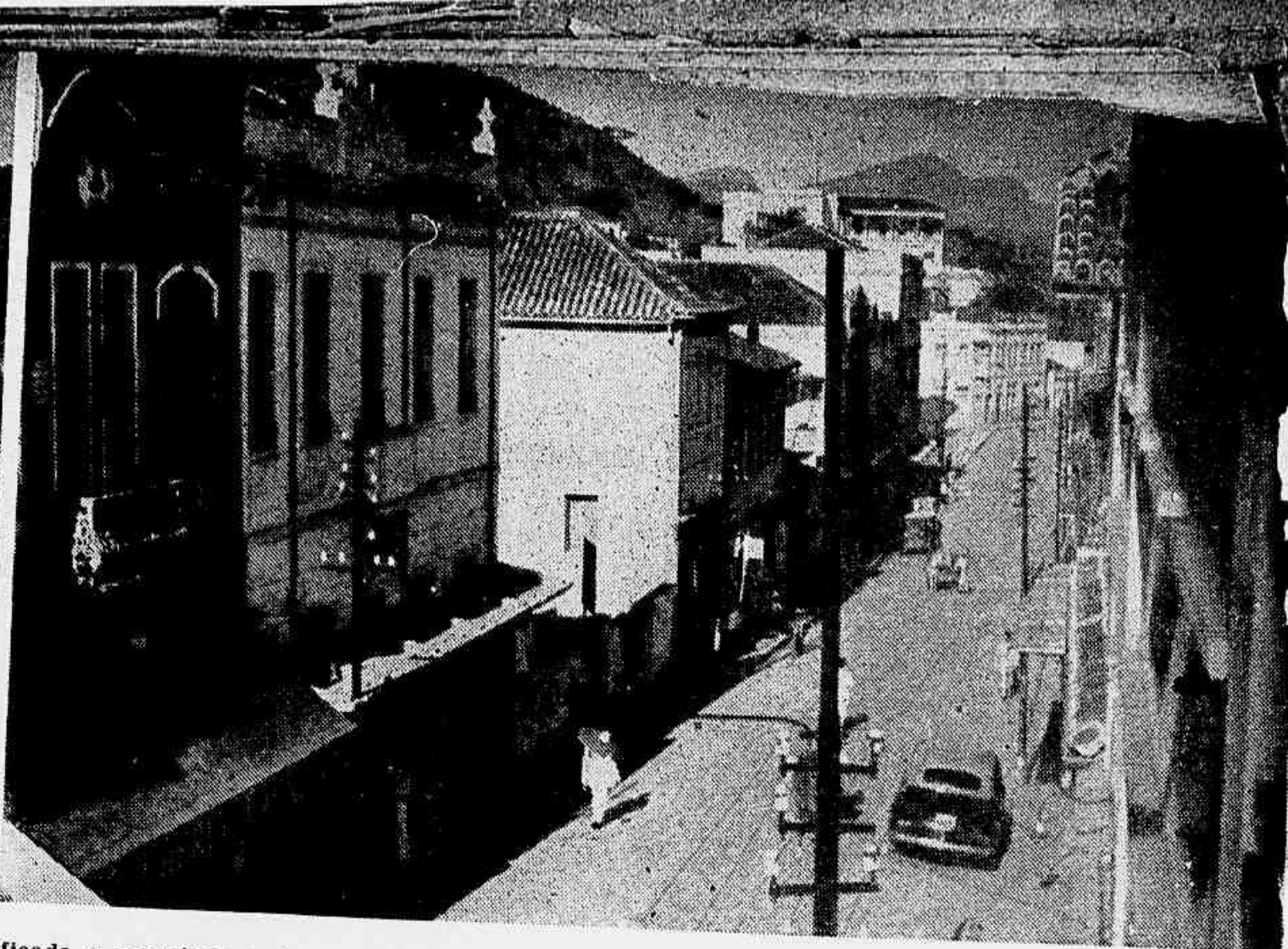
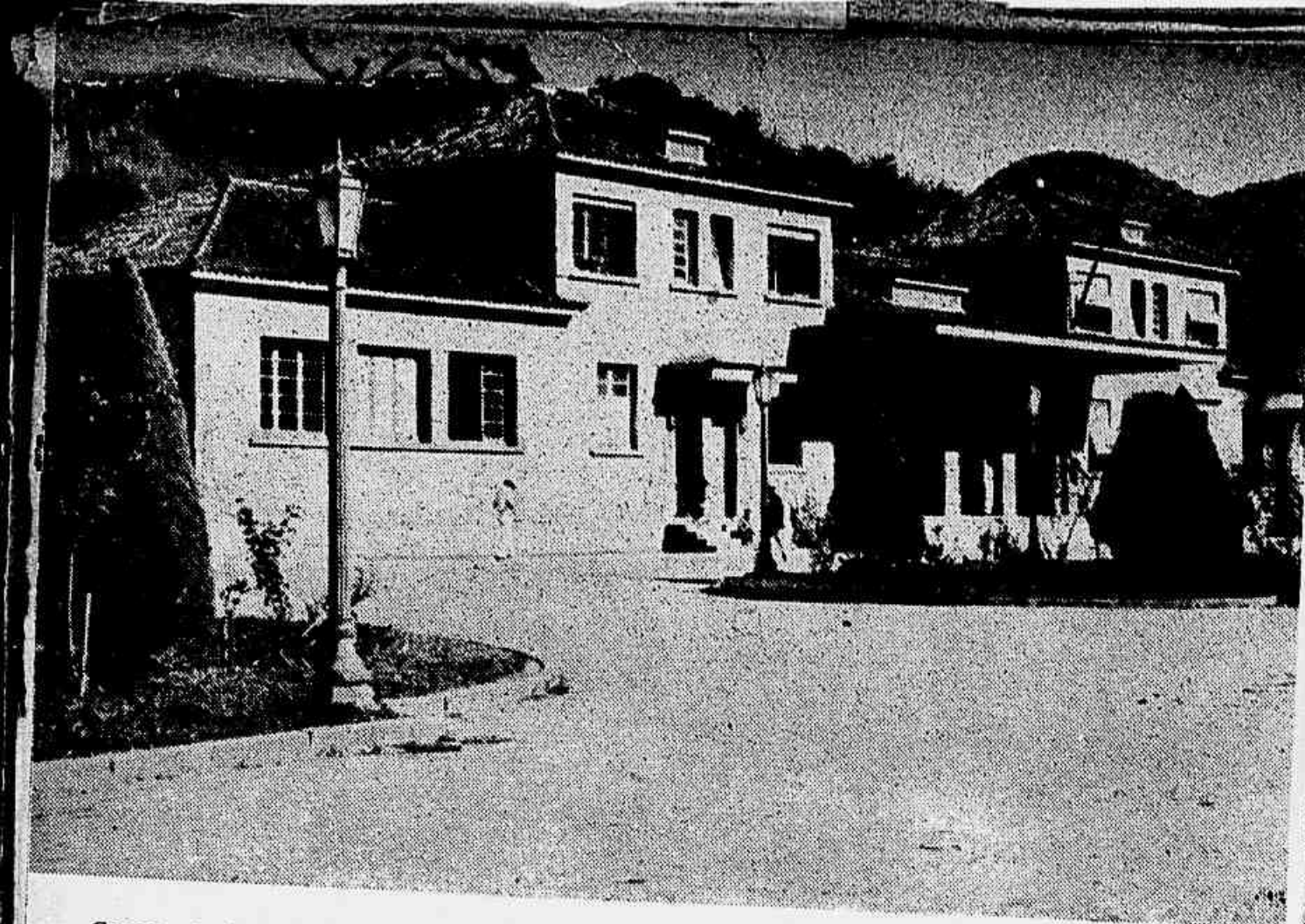
dos expositores principalmente no setor da pecuária, onde as atividades são orientadas no sentido de se poderem apresentar ao fim de períodos de igual duração os melhores produtos, teve transcorrer movimentado e brilhante, repetindo êxitos passados, mesmo registrando um acontecimento sobremaneira auspicioso para Carangola. Poder-se-ia dizer que passou de simples exposição a exposição-feira. Efetivamente, as vendas de animais de raças puras, realizadas durante o seu funcionamento e observadas pela primeira vez, evidenciaram por mais esse prisma o rapido desenvolvimento da elevage carangolense, resultante da atividade profícuca dos criadores locais. Este foi, porém, somente um aspecto da marcha ascendente. Outro, quicá mais importante, revelou-se na apresentação percentual elevada de produtos nascidos e criados nos municípios que formam o bloco regional da Exposição: Carangola, Tombos, Divino e Espera Feliz. 82% dos animais expostos representaram legitimamente a criação dessa região, evidenciando o crescimento do plantel de raças puras resultante dos esforços próprios dos seus pecuaristas.

A 3.^a Exposição, com o brilho dos anos anteriores, foi inaugurada no dia 18 de maio último. Desta vez contou com a presença do ministro Daniel de Carvalho, recebido em Carangola entre as esperanças e as alegrias dos responsáveis pelas suas fontes de produção, alegrias e esperanças inteiramente correspondidas pelo interesse e pelo desejo de cooperação demonstrados pelo titular da Agricultura, que se inteirou minuciosamente das necessidades e problemas daquela extensa zona, interesse que nos pareceu não meramente formal, como geralmente acontece com os nossos homens de governo. Acreditamos, e esta era a impressão dominante entre os ruralistas locais, que dessa visita porvirão reais benefícios para Carangola e municípios vizinhos, sem dúvida merecedores do decidido apoio que a administração pública está obrigada a prestar aos esquecidos homens dos campos.

O ato inaugural constou de um banquete oferecido ao ministro Daniel de Carvalho no recinto da Exposição, sendo o titular saudado com brilhantismo pelo dr. Antônio Attila Ramos Brandão, em nome do prefeito Ignácio Luiz da Silva Thomé.

Em baixo — Pelo terceiro ano consecutivo funcionaram no recinto da Exposição o Bar e Restaurante da Casa de Caridade e o do Asilo S. Vicente. Belo e comovente exemplo de solidariedade humana das ilustres damas carangolenses, que trabalharam dedicada e exaustivamente durante oito dias. Na foto em baixo vemos um grupo de senhoras e senhoritas que ali serviram, em companhia da atriz Linda Batista, que tem à esquerda a sra. Yolanda Marques Esteves, responsável pelo Bar da Casa de Caridade.

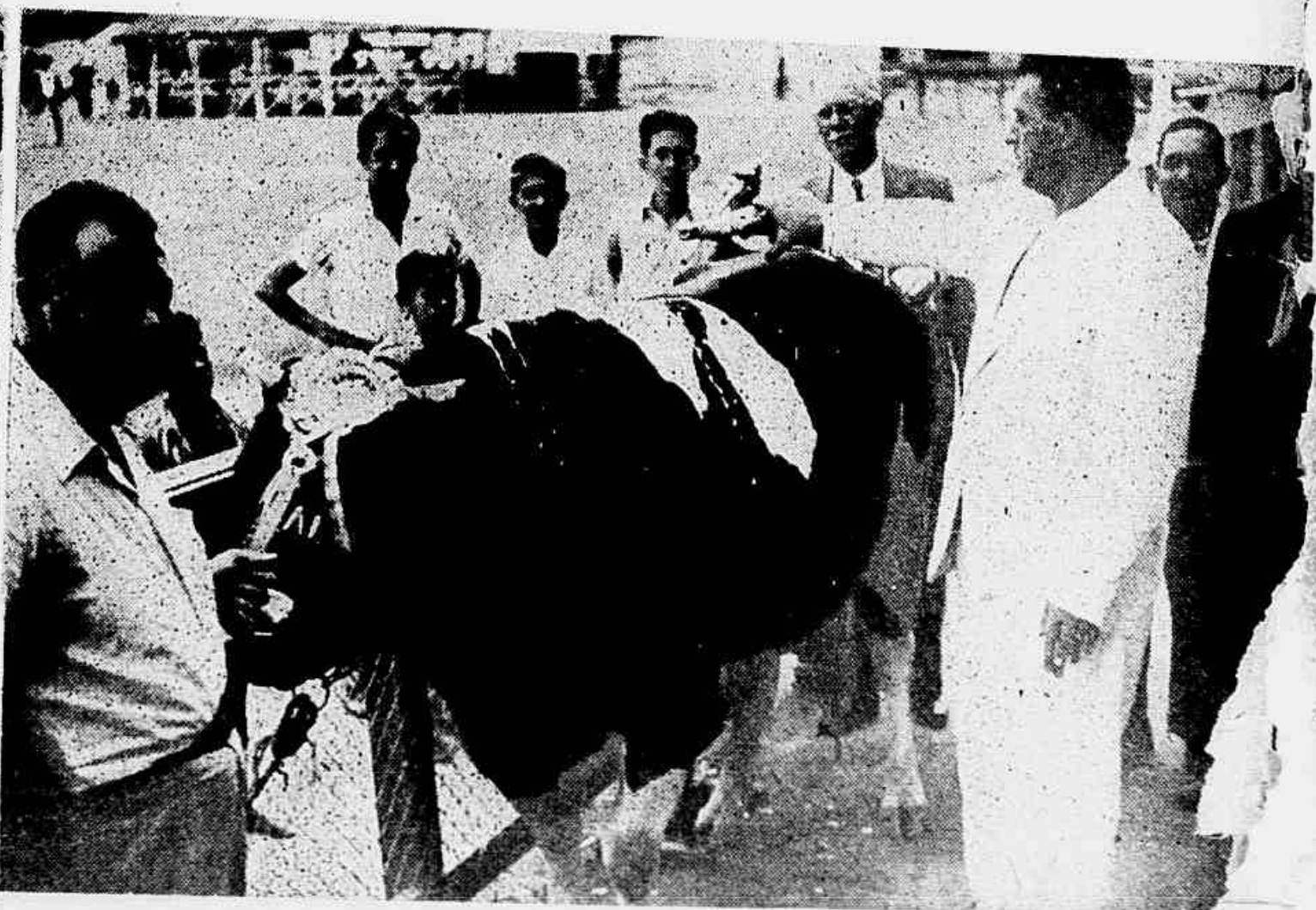




Carangola é uma grande e bonita cidade, de ruas e praças muito limpas e cuidadas, bem edificada e possuindo todos os requisitos de higiene, conforto e beleza. Em cima, à esquerda, vê-se o belo prédio da Estação da Estrada de Ferro e a praça que lhe fica frente, e à direita, um trecho da rua Dr. Olegário, onde se condensa o comércio de artigos finos da elegante urbe. Essa é a principal artéria da cidade, onde também se localizam os melhores hotéis, bars, os estabelecimentos bancários, etc. Outras numerosas vias e praças, inteiramente calçadas possuem Carangola, que dispõe ainda de um grande bairro comercial. A progressista cidade da Zona da Mata mineira centraliza as atividades de extensa região, dedicada na sua maior parte à pecuária e à lavoura de café. Por outro lado, várias indústrias se desenvolvem em Carangola, tais como fabrico de moveis, cerâmica, ferragens, marmore, sabões, refinaria de açúcar, artefatos de couro, aguardente e álcool, beneficiamento de café e cereais e outras. O nível social de Carangola pode ser equiparado ao de qualquer importante cidade, avultando ainda pelos predícos naturais de fidalguia que é um dos traços característicos dos seus filhos. E nesse cenário de trabalho, de riqueza, de cultura e progresso que se desenvolve a Exposição Agro-Pecuária e Industrial de Carangola.

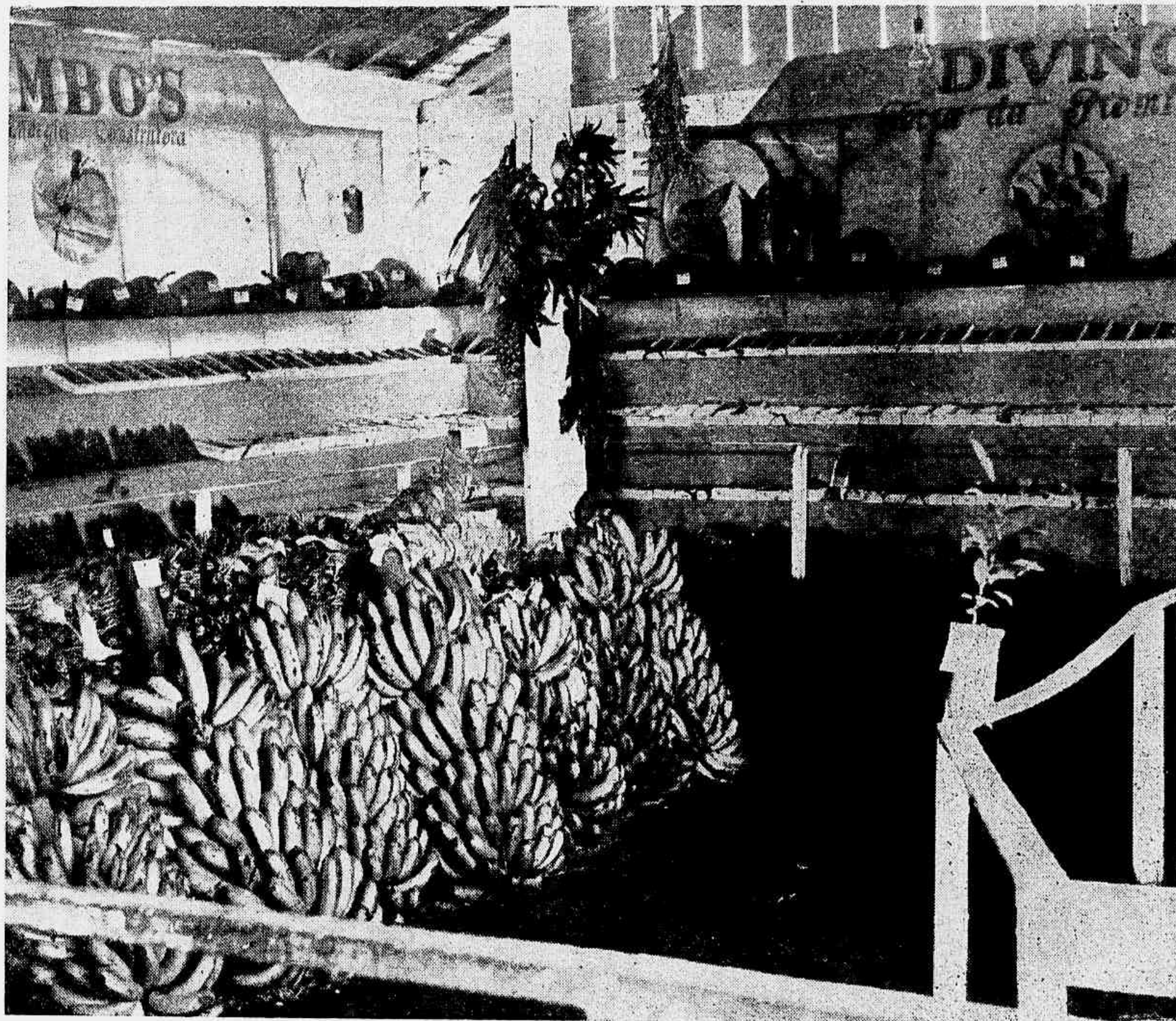


Aspecto do banquete oferecido ao ministro Daniel de Carvalho pelas classes ruralistas e sociedade de Carangola, feito no instante em que falava o titular da Agricultura. Em baixo: o batismo dos campeões tornou-se uma tradição na Exposição de Carangola. A esquerda, fixamos o ato batismal do grupo-família campeão da Raça Holandesa Preto e Branco, propriedade do criador Jonas Esteves Marques. Vemos os padrinhos, a atriz Linda Baptista e o Sr. Manoel Souza Dantas, do nosso alto comércio, espargindo "champagne" sobre os valiosos espécimes que deram à Granja Regina um dos mais disputados prêmios destes últimos tempos. Na foto à direita, o Sr. João Pedro Magalhães Lourenço batiza o Campeão da Raça Holandesa Preto e Branco, o valoroso touro "Serra-Babalá", que conquistou esse invejável título na 3.ª Exposição para a Fazenda da Serra, de propriedade do grande pecuarista Sebastião Rocha, que está em primeiro plano, segurando o laureado reprodutor.





O ministro Daniel de Carvalho, no Pavilhão dos Produtos Agrícolas, ouve atentamente a exposição que lhe faz o Dr. José Larivoir Esteves, presidente da Associação Rural de Carangola, acerca de sementes de milho selecionados e exibidos pelos agricultores carangolenses, cereal que apresentou índices técnicos altamente satisfatórios nesta 3.ª Exposição. Ao centro — Aqui estão os dois expositores mais premiados na 3.ª Exposição de Carangola. Sebastião Rocha (Fazenda da Serra) e Jonas Esteves Marques (Granja Regina) assistem a uma das fases dos julgamentos que, com inteira justiça, proporcionaram aos seus excelentes produtos, valiosos e merecidos troféus. A direita — Fase final do Concurso de Vacas Leiteiras. O criador Sebastião Rocha despeja na balança a última "tirada" da vaca de sua propriedade "Serra-Plabanha", já naquele momento vencedora do interessante concurso, registrando média diária superior à verificada em 1946.

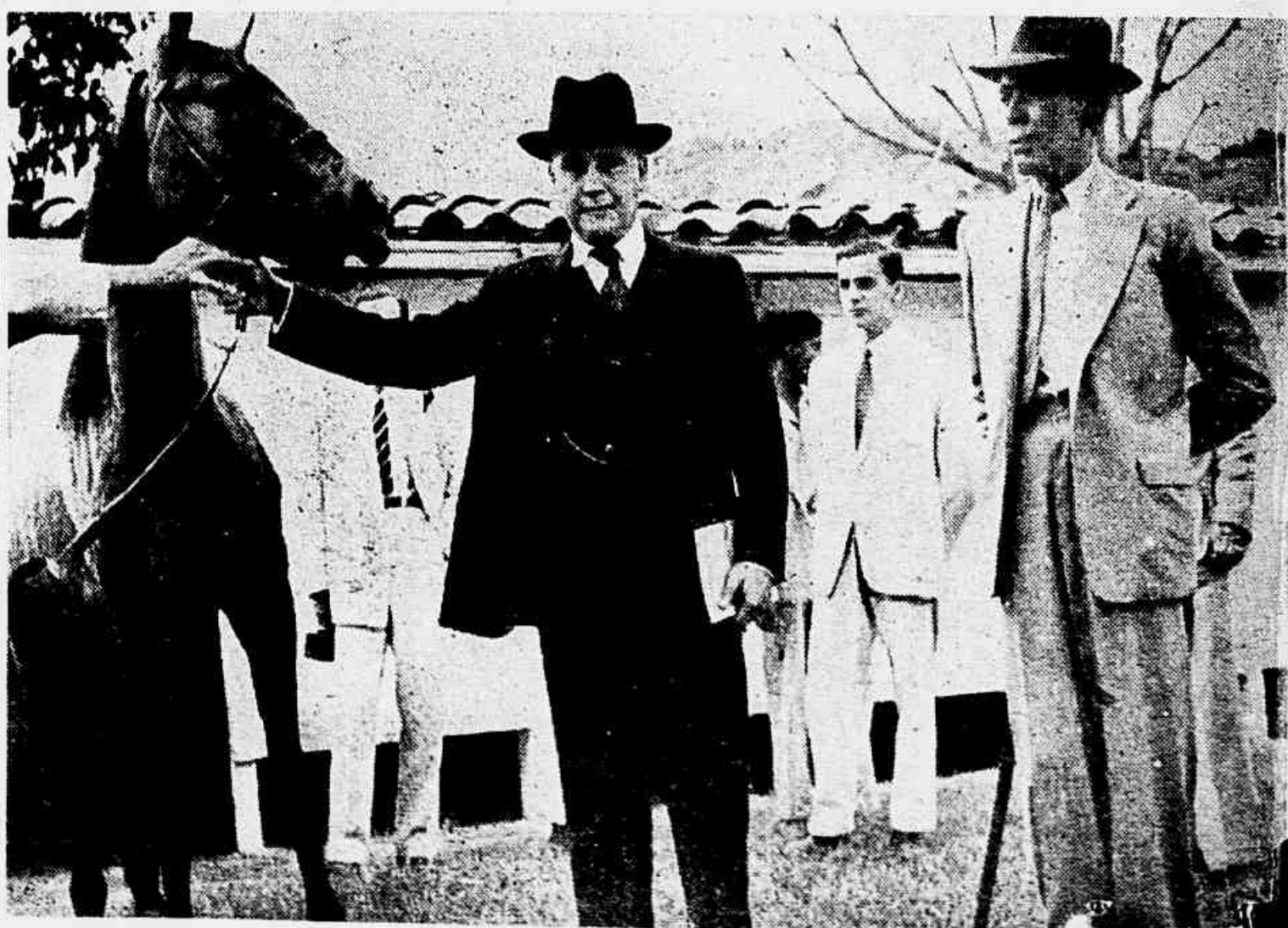
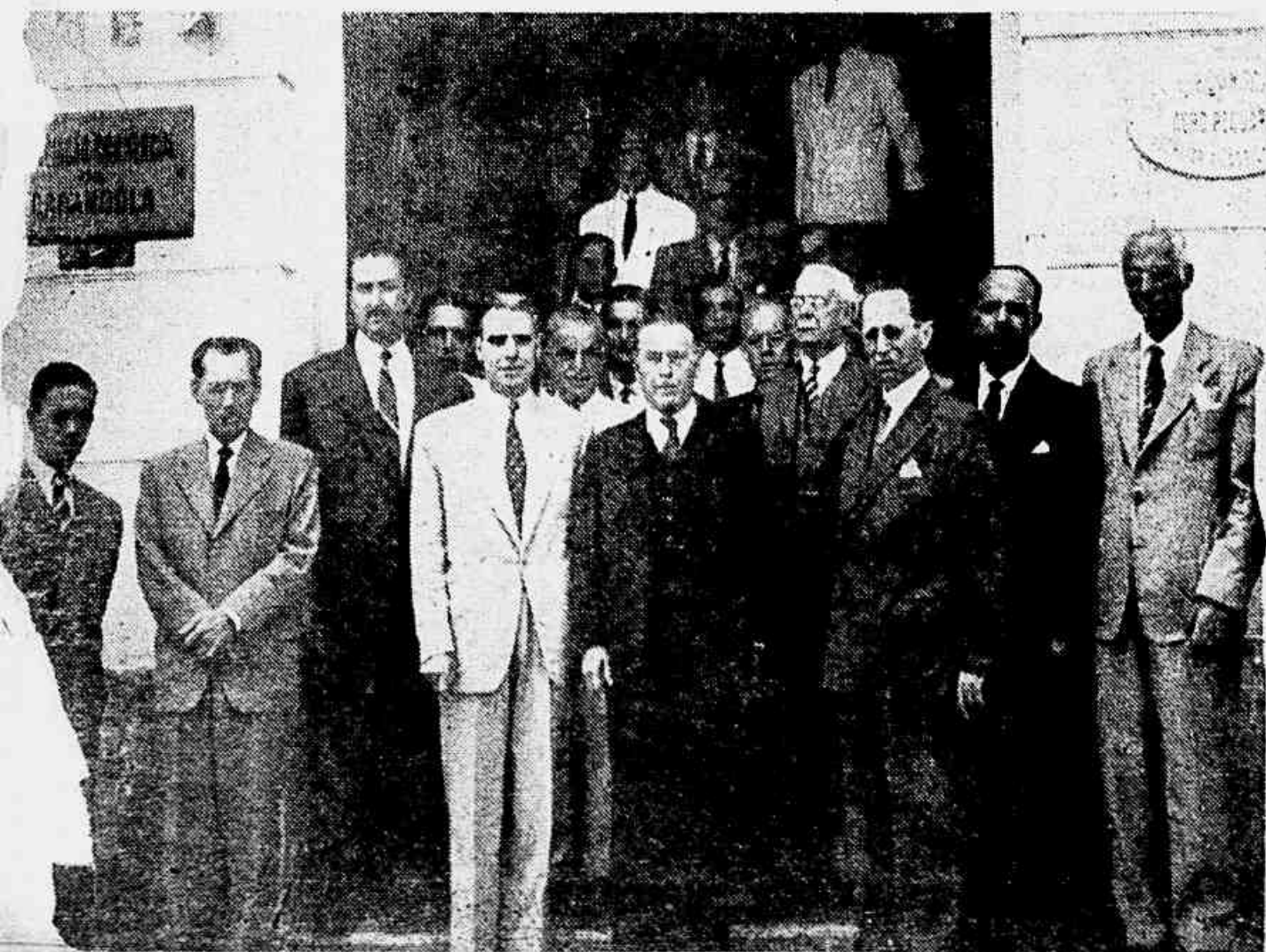


Em cima: O Pavilhão dos Produtos Agrícolas, que se vê aqui parcialmente, apresentou na 3.ª Exposição numerosos produtos de ótima qualidade, revelando o cuidadoso empenho dos agricultores locais posto em prática para um maior e melhor rendimento das suas lavouras. Em baixo, à esquerda: Flagrante da visita do ministro Daniel de Carvalho à Associação Comercial de Carangola, na qual foi recepcionado em sessão solene. Na foto, o titular da agricultura está entre o Sr. José Branco Júnior, presidente daquela sociedade (à direita) e o dr. Gothardo Soares Gouvêa, médico e criador. A direita: Foi constante e dirigido a todos os setores da Exposição o interesse demonstrado pelo ministro da Agricultura. Na gravura s. excia. posa para a REVISTA segurando o magnífico potro "Chileno", filho do cavalo "Chile", campeão da 2.ª Exposição, exposto pelo Sr. Francisco Martins de Oliveira (Granja da Serra) de Espera Feliz, que se vê na gravura, à esquerda do ministro.

que acidentado não pôde comparecer, e pelo dr. José Larivoir Esteves, presidente da Associação Rural de Carangola, que expôs a s. s., de modo claro e objetivo, a situação de abandono por parte do Governo em que se encontravam as classes ruralistas pelo mesmo representadas naquele instante, solicitando medidas rápidas e eficientes. O ministro Daniel de Carvalho, na sua oração de agradecimento, procurou, com veemência, isentar o Governo, a que serve de responsabilidade nesse estado de coisas, prometendo afinal, atender às reivindicações locais.

Terminado o banquete, o ministro Daniel de Carvalho percorreu todas as dependências da Exposição, detendo-se no exame dos produtos expostos, assistindo em seguida a um magnífico desfile de animais no gramado fronteiro ao recinto dos pavilhões. E certamente entusiasmado pelo belo espetáculo que presenciava, o Ministro de Agricultura deixou assinalada a sua passagem por Carangola de maneira assaz louvável, instituindo um prêmio que seria, no desenrolar do julgamento, um dos maiores motivos de atração. Ofereceu o ministro um reprodutor de raça pura, importado, para ser conferido a critério da comissão julgadora. Este foi um dos acontecimentos mais expressivos da 3.ª Exposição Agro-Pecuária de Carangola, como veremos adiante.

Naquele esplêndido dia de sol Carangola acolheu numerosos visitantes ilustres, que de longe vieram compartilhar das alegrias de um povo laborioso e feliz. Lá estavam, além do ministro de Estado, o sr. José Cabral, representando o secretário da Agricultura de Minas Gerais, o sr. Joaquim Fernandes Braga, diretor do Departamento de Produção Animal da mesma Secretaria, o sr. Carlos Coimbra da Luz, deputado federal, o sr. Luis Carlos de Portilho, grande número de pecuaristas entre os quais os srs. José





A esquerda: "Serra-Babalú", touro Campeão da Raça Holandesa Preto e Branco na 3.^a Exposição de Carangola. Puro por cruzamento. 3 anos. Pai: "Bozumer"; mãe: "Serra-Pureza".
campeã leiteira na 2.^a Exposição. Este reprodutor, de excepcionais qualidades, é de propriedade do Sr. Sebastião Rocha, Fazenda da Serra, Tombos. A direita: O Sr. Sebastião Rocha recebe das mãos da artista Linda Batista um dos numerosos prêmios que conquistou na 3.^a Exposição.

Ribeiro dos Reis, Ormeo Junqueira Botelho, Joaquim Ribeiro Junqueira, Erico Junqueira, Antenor Ribeiro dos Reis, Narciso Rabello, Candido Monteiro de Castro, Armando Filgueiras e outros. Também os prefeitos de quase todos os municípios da Zona da Mata ali estiveram presentes, levando a sua palavra de incentivo e de aplauso aos seus irmãos carangolenses.

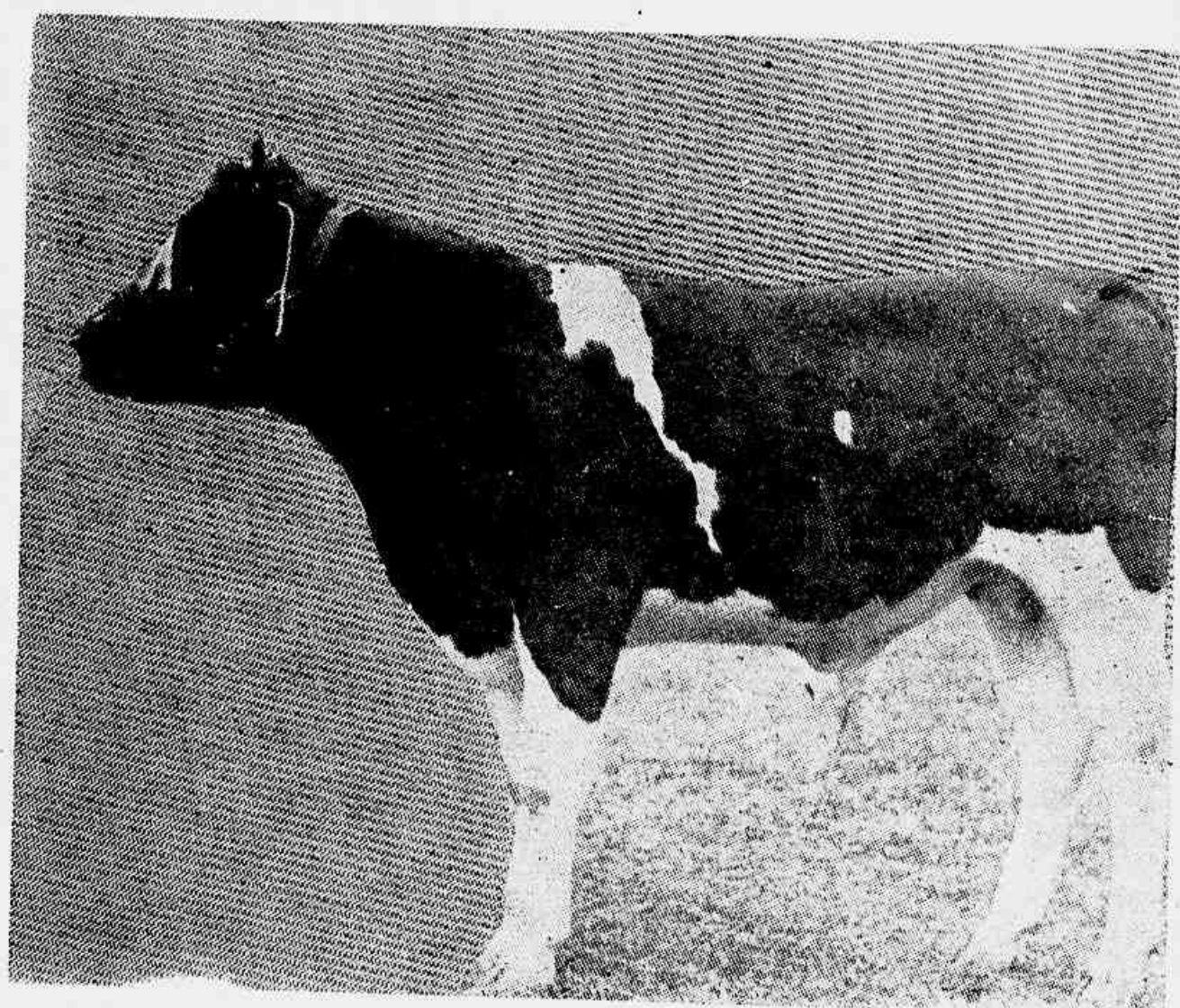
★

Como das exposições passadas, teve esta o concurso dos mais destacados criadores da região. Os pavilhões cuidados a capricho reluziam de esplendidos espécimes de variadas raças, predominando como sempre os Holandeses, os Guernsey, os Jersey e os Schwyz, com os quais brilharam mais uma vez as fazendas da região, cujos proprietários vibraram de entusiasmo com as classificações alcançadas pelos seus produtos. Vimos o júbilo imenso do grande pecuarista Sebastião Rocha, proprietário da admirável Fazenda da Serra, de Tombos, com a qual os nossos leitores travarão conhecimento através de outra reportagem, contemplada com treze primeiros prêmios e cinco campeonatos, além de um primeiro prêmio nos produtos agrícolas. Desse criador sagraram-se: o magnífico touro "Serra-Babalú", Campeão da Raça Holandesa Preto e Branco, "Serra-Mocinha", a melhor fêmea da mesma raça, "Serra-Risada", Campeã da Raça Holandesa Vermelho e Branco, o tourito "Serra-Rubi", um dos mais perfeitos produtos expostos, Campeão Júnior da mesma raça, "Serra-Piabanha", Campeã do Concurso de Produção de Leite com o 1.^o lugar em matéria gorda, e mais "Serra-Dengosa", "Serra-Farmacia", "Serra-Penicilina" e "Serra-Copacabana", pri-

meiros prêmios da Raça Holandesa Preto e Branco, e "Serra-Sereia" e "Serra-Opalina", primeiros prêmios da variedade Vermelho e Branco, e finalmente "Serra-Pensylvania", mestiça Zebú-Holandesa. Essa espetacular vitória da Fazenda da Serra ainda não teve paralelo na Exposição de Carangola e foi objeto dos mais variados comentários, todos enaltecedores do trabalho eficiente que ali se desenvolve.

Outra invejável performance foi obtida pela Granja Regina, de Carangola. Jonas Esteves Marques, seu proprietário, criador dos mais progressistas, viveu horas de intensa alegria com a conquista do principal prêmio da Exposição, o reprodutor ofertado pelo Ministério da Agricultura, atrás mencionado. Levantou-o o citado pecuarista com o magnífico grupo-família da Raça Holandesa Preto e Branco, constituído pelos animais "Regina-Brasil", 1.^o Prêmio e Reservado Campeão da Raça na 3.^a Exposição (Campeão Júnior na 2.^a), "Regina-Campina", 1.^o Prêmio da 3.^a Exposição, "Regina-Bailarina", 2.^o Prêmio na 3.^a Exposição, e "Regina-Caricia", Menção Honrosa.

Tendo a Comissão Julgadora resolvido conferir tão valiosa recompensa ao melhor conjunto família de qualquer raça, tornou-se desde logo claro que a decisão final seria difícil, eis que concorriam vários conjuntos de real valor zootécnico. Afinal, despontaram os dois mais cotados, o da Granja Regina e outro, também altamente credenciado, da Fazenda da Serra, capitaneado pelo Campeão da Raça "Serra-Babalú". O páreo era, assim, duro e sensacional e o ambiente de intensa expectativa. O veredictum dos juizes veio, por fim, após demorado e criterioso julgamento em que foram pesados

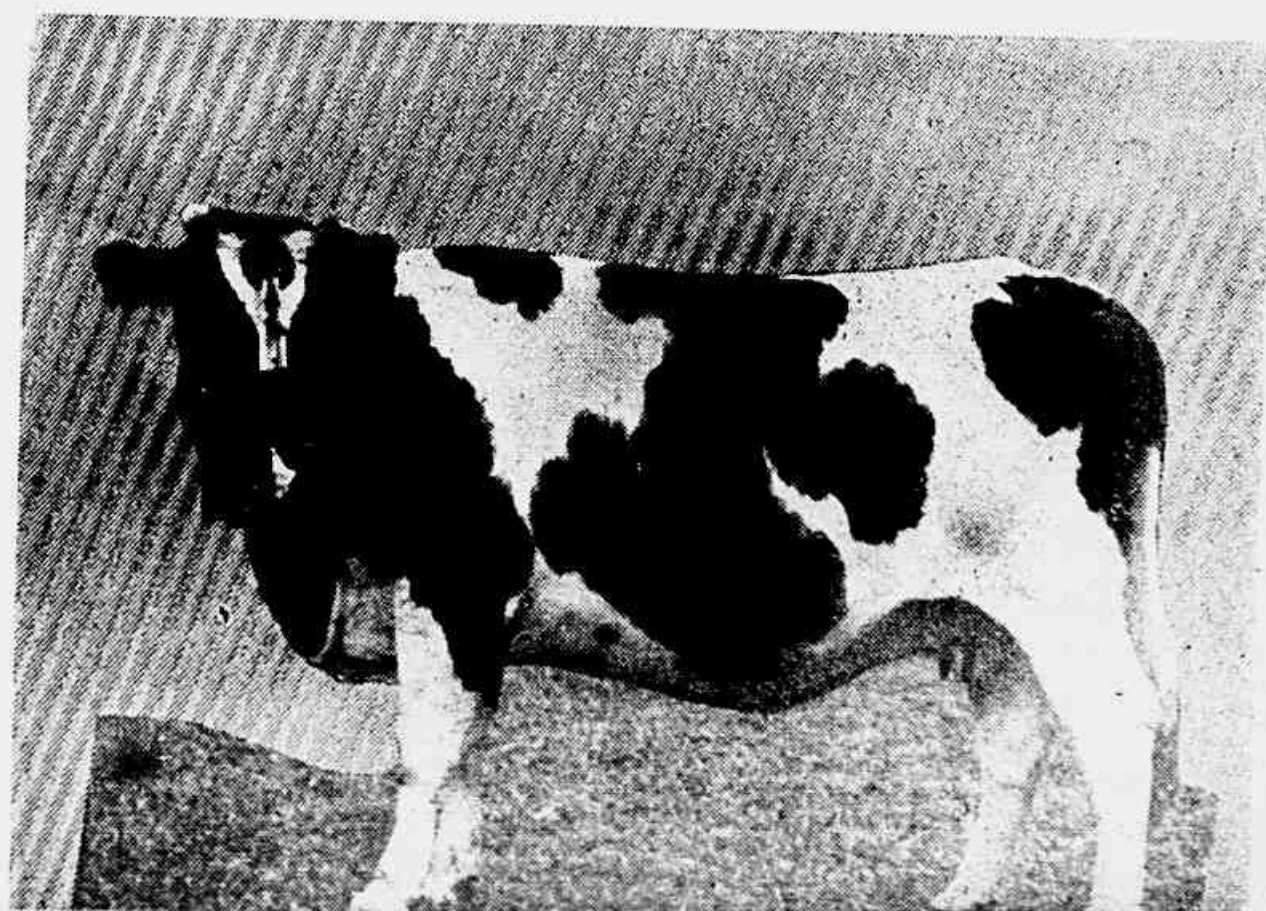
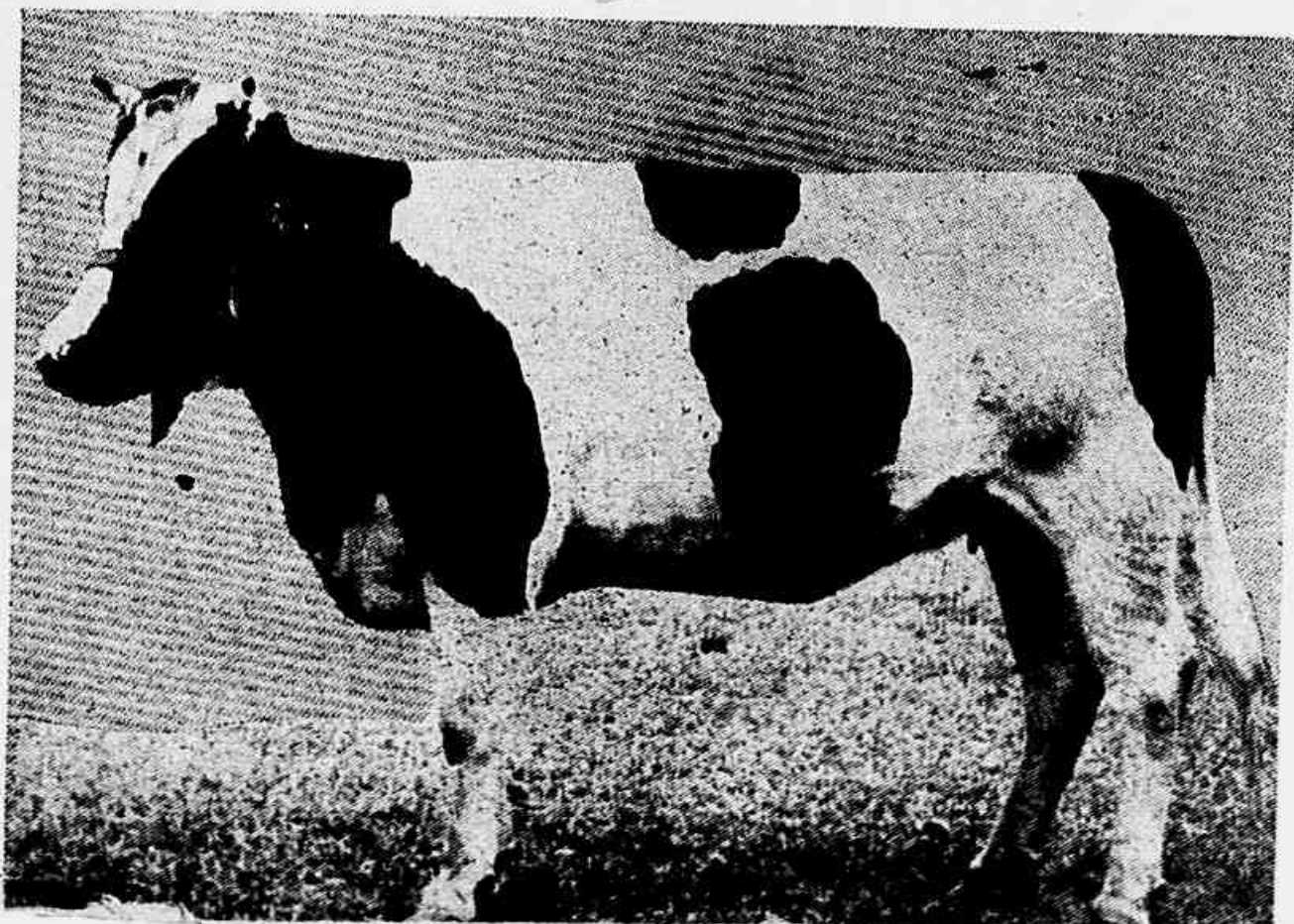


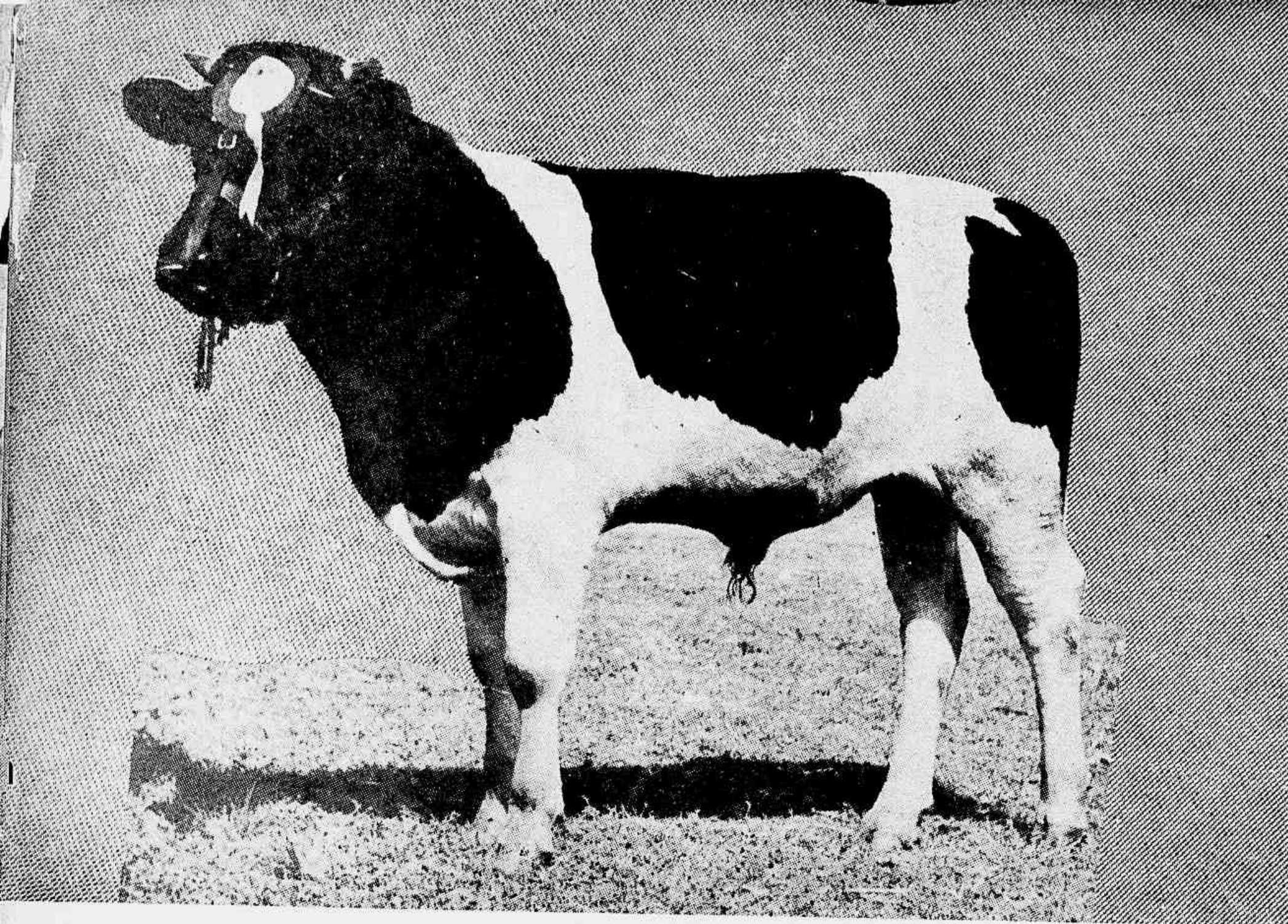
O tourito "Serra-Rubi", Campeão-Júnior da Raça Holandesa Vermelho e Branco na 3.^a Exposição. Puro por cruzamento. 11 meses. Pai: "Miltonia-Campeão", Mãe: "Serra-Pureza".
Fazenda da Serra, do Sr. Sebastião Rocha, Tombos.

e medidos em todas as minúcias os mais diversos fatores que pudessem influir na composição de um legítimo conjunto-família. Vencera o da Granja Regina, estava vitorioso o criador Jonas Esteves Marques com o seu harmonioso grupo, num cotejo dos de maior sensação na Exposição de Carangola, só comparável à disputa entre os touros "Zagal" e "Miltonia-Franz" no certame inicial, ganha pelo primeiro, e entre as vacas "GR-Aliança" e "Serra-Pureza", empatadas no término do concurso leiteiro de 1946.

Fatos como esses, além de cooperarem para a valorização dos rebanhos, dando excepcional relevo ao trabalho paciente e metódico do criador, concorrem ao nosso ver para o maior brilho das expo-

Em baixo, à esquerda: "Serra-Mocinha", a melhor fêmea da Raça Holandesa Preto e Branco na 3.^a Exposição. Pura por cruzamento. 23 meses. Pai: "Bozumer". Mãe: Serra-Pureza".
Fazenda da Serra, do Sr. Sebastião Rocha, Tombos. A direita: "Serra-Risada", Campeã da mesma raça na variedade Vermelho e Branco. Pura por cruzamento. 5 anos e 7 meses. Pai: "Negus". Mãe "Limoeiro-Pintasilha". Propriedade do mesmo expositor.



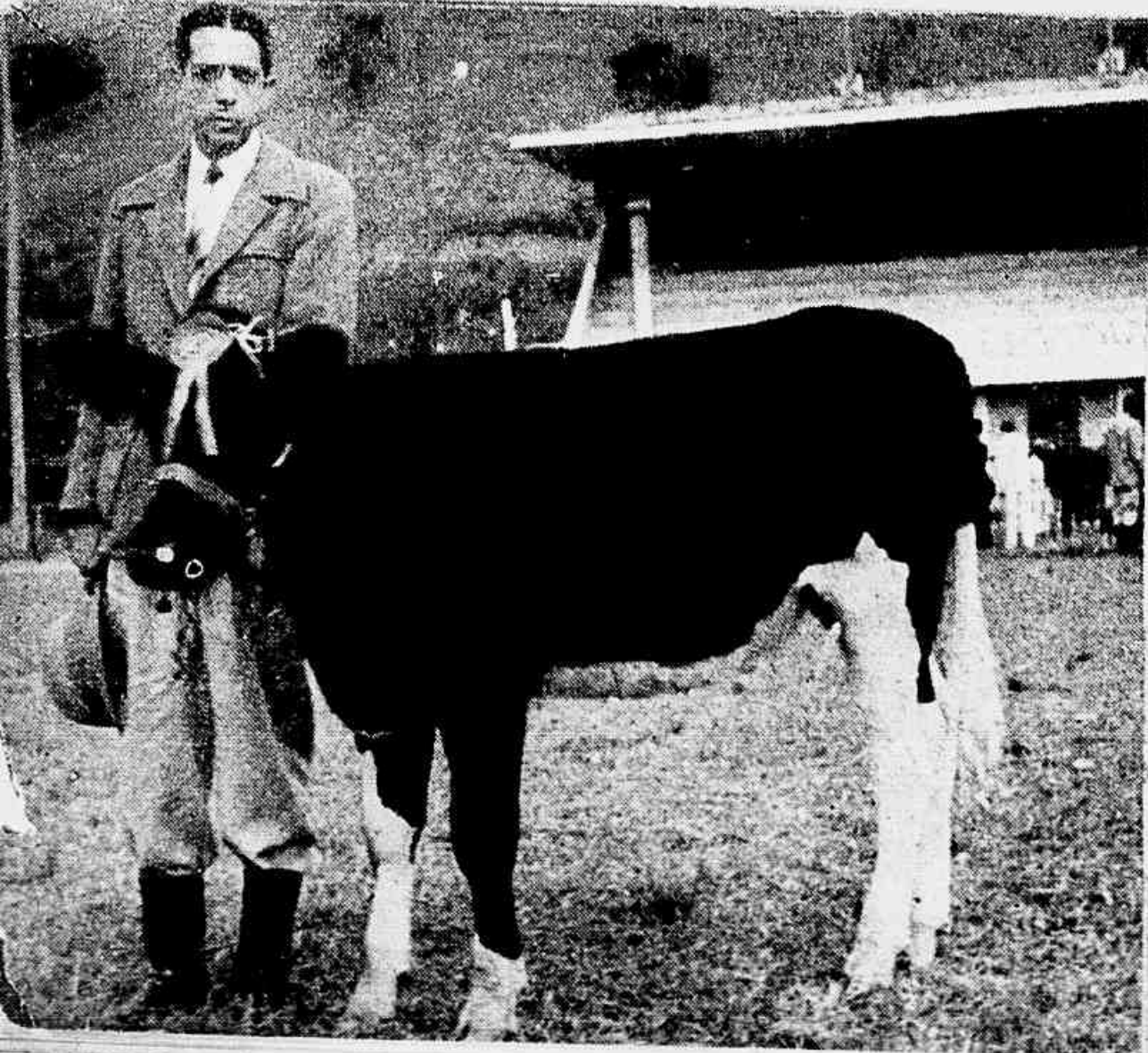
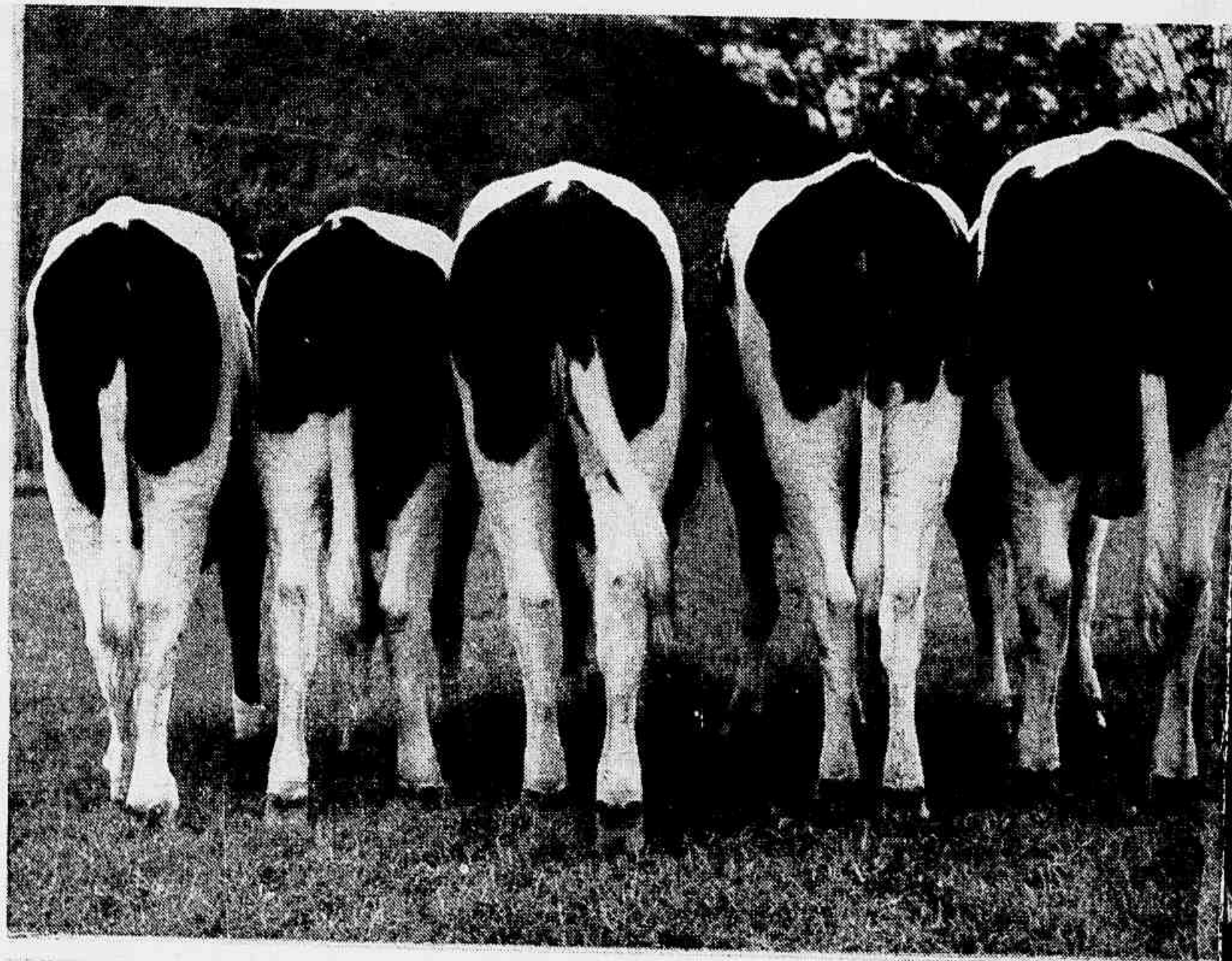
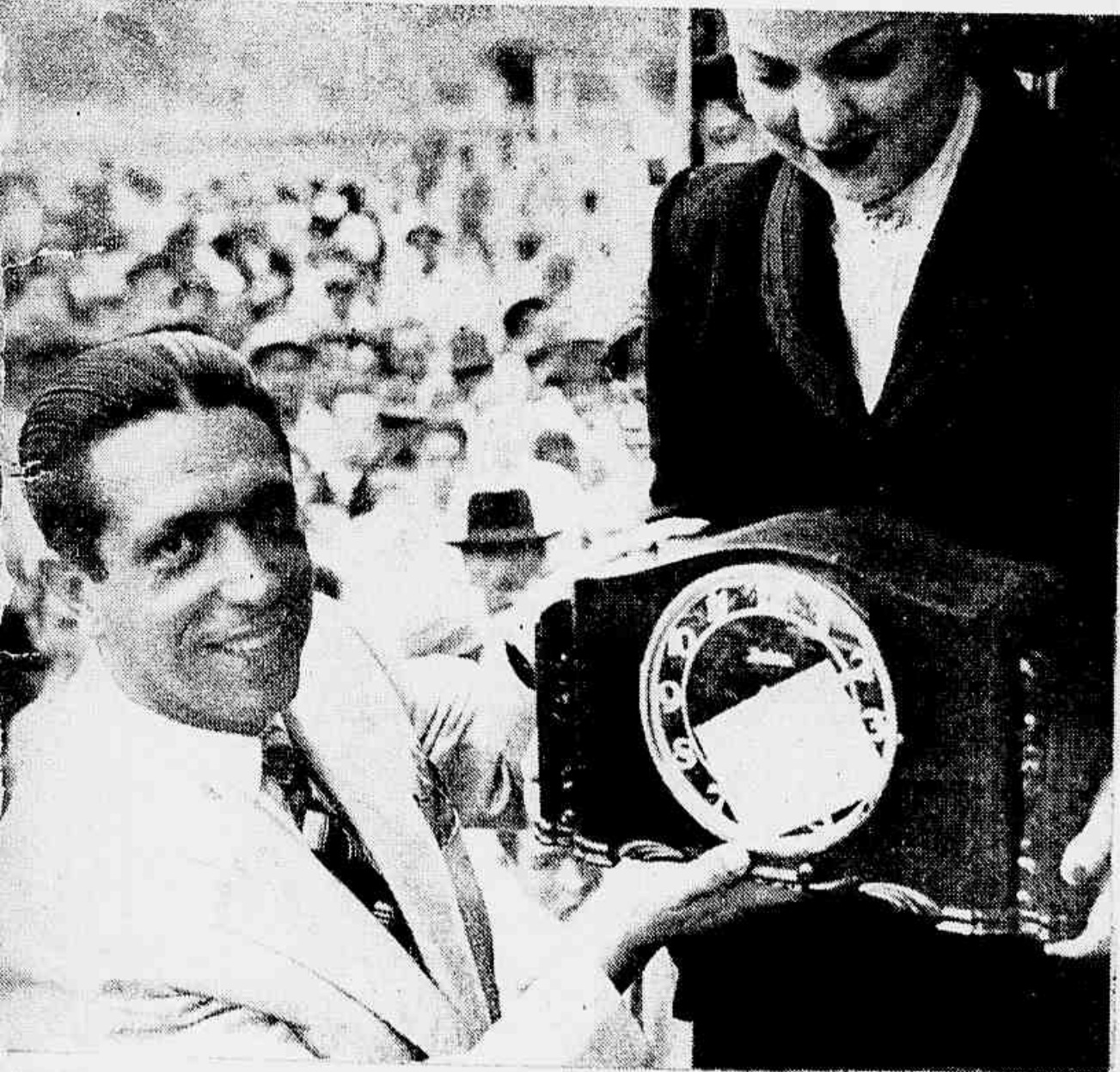


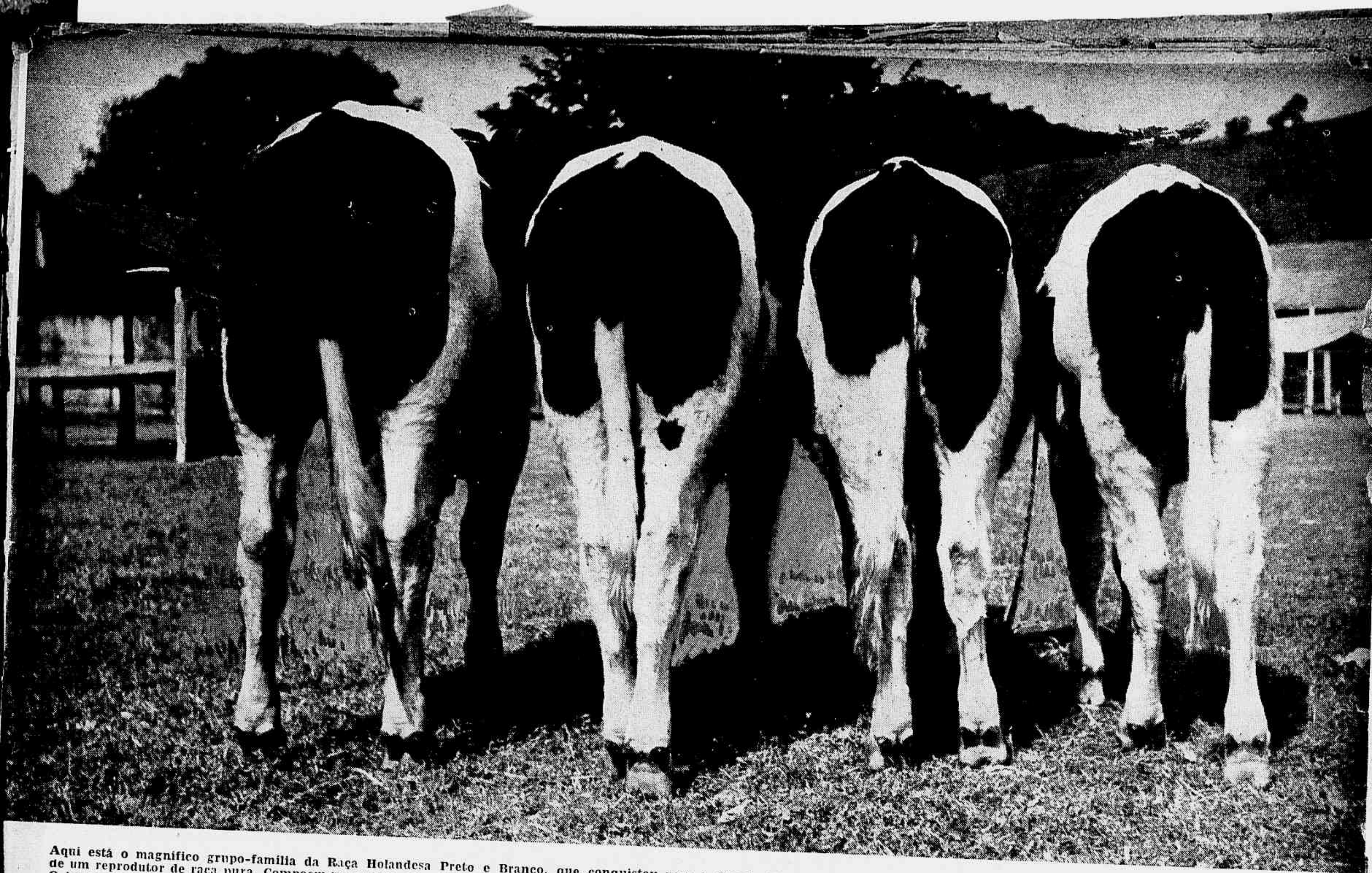
A esquerda: "Regina-Brasil", 1.º prêmio e Reservado-Campeão da Raça Holandesa Preto e Branco na 3.ª Exposição. Campeão Júnior na 2.ª Exposição. 18 meses. Puro por cruzamento. Pai: "Miltonia-Franz", Campeão da 2.ª Exposição. Mãe: "Regina Oceania", Campeã da 1.ª Exposição. Nascido e criado na Granja Regina, do Sr. Jonas Esteves Marques, Carangola.

sições, emprestando um vivo colorido ao seu desenrolar, assim processado em ambiente de permanente expectativa. E se por vezes a sentença produz compreensível amargor ou momentânea revolta trazendo no seu bojo não somente o jubilo dos vencedores mas a decepção dos vencidos, mais do que isso vale como poderoso estímulo ao trabalho que frutifica e recompensa. E tanto isto é certo que nada consegue aniquilar o entusiasmo nem quebrar o ritmo do sentimento fraternal que impera e sobrepõe-se aos arroubos e às reações enganosas e fugazes. Por isso mesmo nos é dado contemplar, quando os vinhos capitosos se espargem sobre os dorsos reluzentes, não só o batismo dos campeões mas principalmente a consagração do ideal que nivela os corações e robustece o animo para novas lutas, novas conquistas e triunfos.

Laureou-se a Granja Regina, além desse honroso título, com sete primeiros prêmios, entre os quais os dois componentes do grupo-família acima citados e mais "Regina-Janina", "Regina-Comadre", "Regina-Boneca", "Regina-Negrita" e a primeira classificação no conjunto da raça. Na raça Holandesa obtiveram ainda

Em baixo: Da esquerda para a direita, e de cima para baixo: O sr. Jonas Esteves Marques recebendo da artista Linda Batista um dos prêmios conquistados pelos seus produtos. — Grupo de raça, 1.º prêmio da Raça Holandesa Preto e Branco na 2.ª Exposição, constituído pelos animais "Regina-Brasil", "Regina-Janina", "Regina-Bailarina", "Regina-Campina" e "Regina-Caricia". — "Regina Comadre", 1.º Prêmio na 2.ª Exposição, 14 meses, 15/16 de sangue. Pai: "Zagal", Campeão da 1.ª Exposição. Mãe: "Leopoldina". — "Regina-Campina", 1.º Prêmio na 2.ª Exposição, 13 meses, 7/8 de sangue. Pai: "Miltonia-Franz". Mãe: "Regina-Serra". Estes animais pertencem à Granja-Regina, do Sr. Jonas Esteves Marques, que se vê segurando os dois últimos.



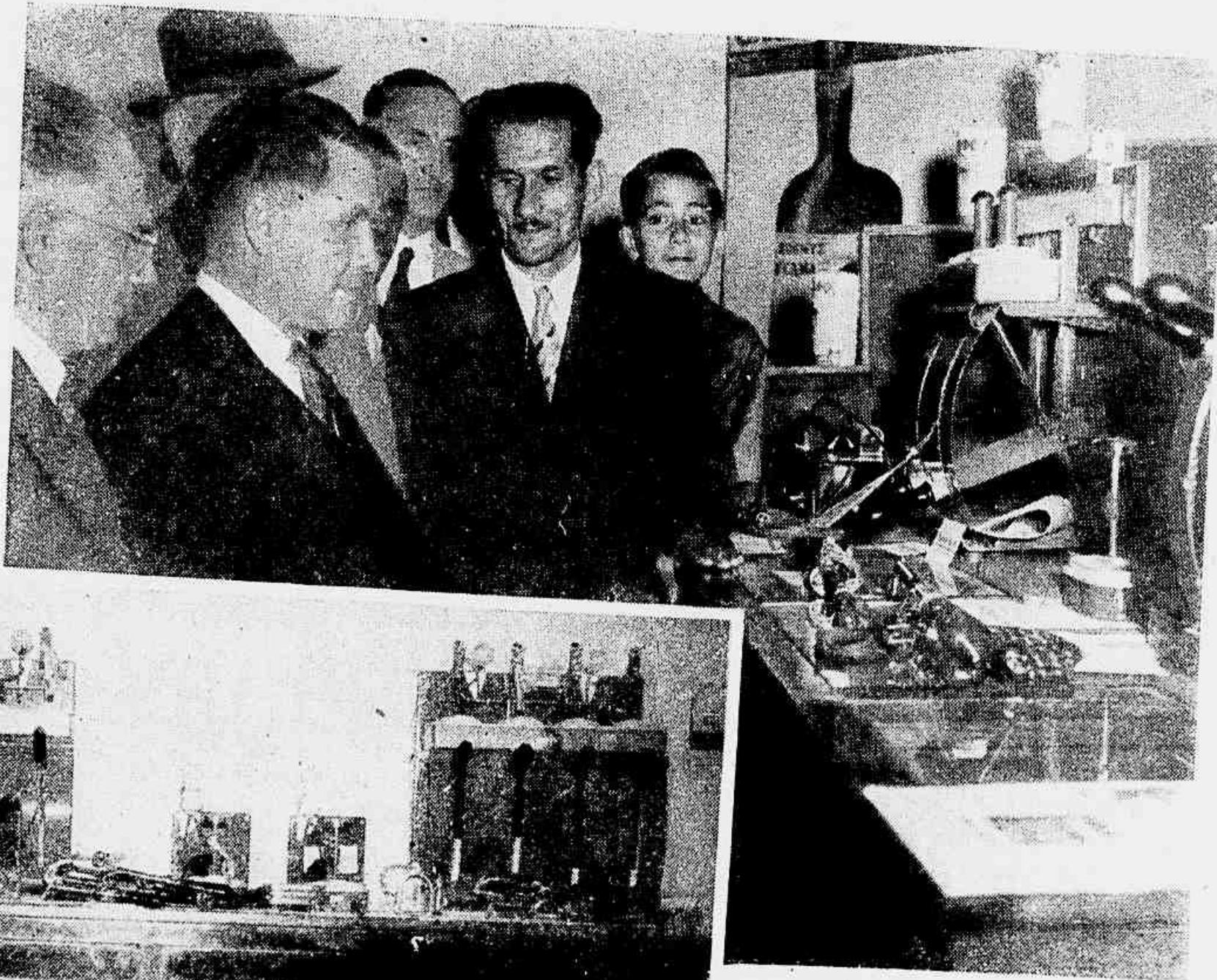


Aqui está o magnífico grupo-família da Raça Holandesa Preto e Branco, que conquistou para a Granja Regina o valioso prêmio oferecido pelo Ministério da Agricultura, constante de um reprodutor de raça pura. Compõem-no quatro animais portadores de perfeitas características morfológicas da raça, filhos do touro "Miltonia-Franz", Campeão da 2.ª Exposição. O harmonioso conjunto, que é formado pelos animais "Regina-Brasil", "Regina-Bailarina", "Regina-Campina" e "Regina Carícia", proporcionou ao criador Jonas Esteves Marques uma das mais altas recompensas já obtidas na Exposição Agro Pecuária de Carangola.

primeiras colocações: a Fazenda Cachoeira, de Gothardo Soares Gouvêa, de Tombos, com o touro "Miltonia-Filon", Campeão-Senior da 3.ª Exposição, e com "Vepê-Nativa"; a Fazenda Santa Terezinha, de João Pedro Magalhães Lourenço, com "Santaterezinha-Tanguarina"; a Fazenda General, de Carlos Hosken, com "General-Carícia"; a Fazenda Carangola, de Ignácio Luis da Silva Thomé, com "Vistalegre-Carioca", e a Fazenda Santa Clara, de Haroldo de Oliveira, com "Bozumer-Glostora".

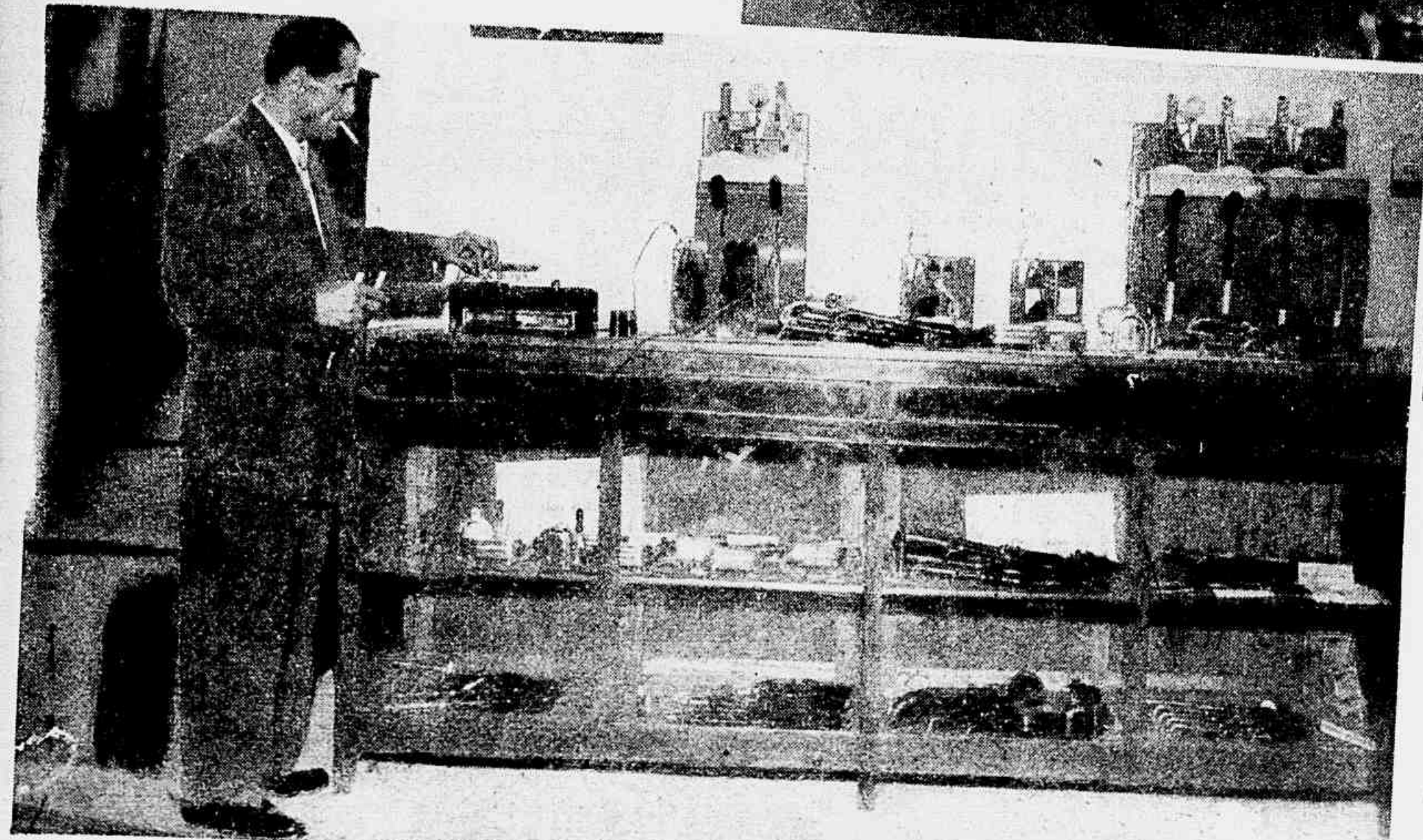
Na raça Guernsey voltou a brilhar a Fazenda Alvorada, de José Larivoir Esteves, conquistando três primeiros prêmios com os animais "Alvorada-Aliada", considerada a melhor fêmea da raça na 3.ª Exposição, "Alvorada-Namorada" e "Alvorada-Araponga", além de obter o primeiro lugar no conjunto da raça, com os

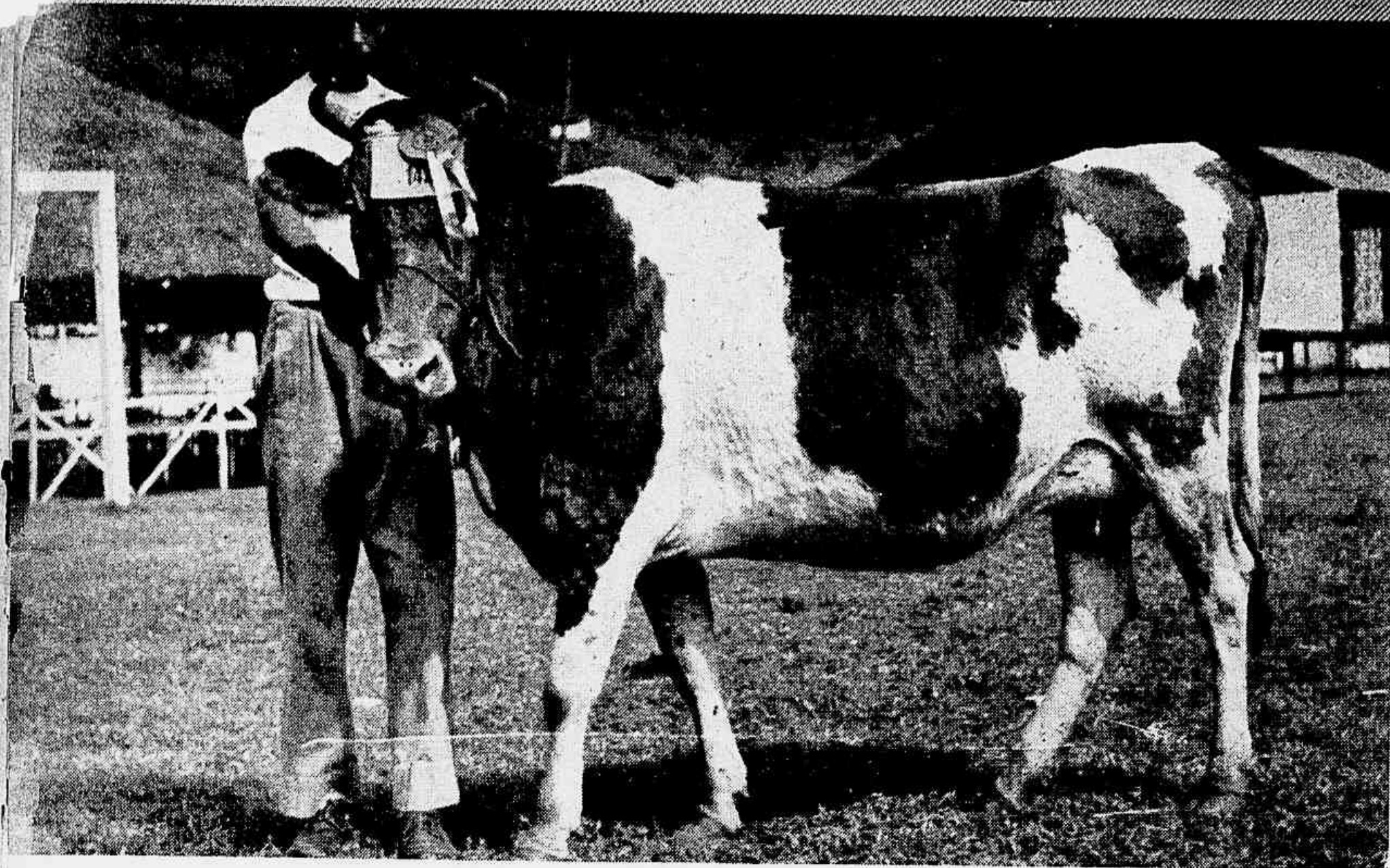
A direita: O ministro Daniel de Carvalho visitando o "stand" das Indústrias Elétricas Mussi, de Manhumirim, vendo-se o Sr. Elias Mussi apresentando informes a s. s. Em baixo: O mesmo "stand" visto de frente, e que foi uma das grandes atrações do Pavilhão das Indústrias.



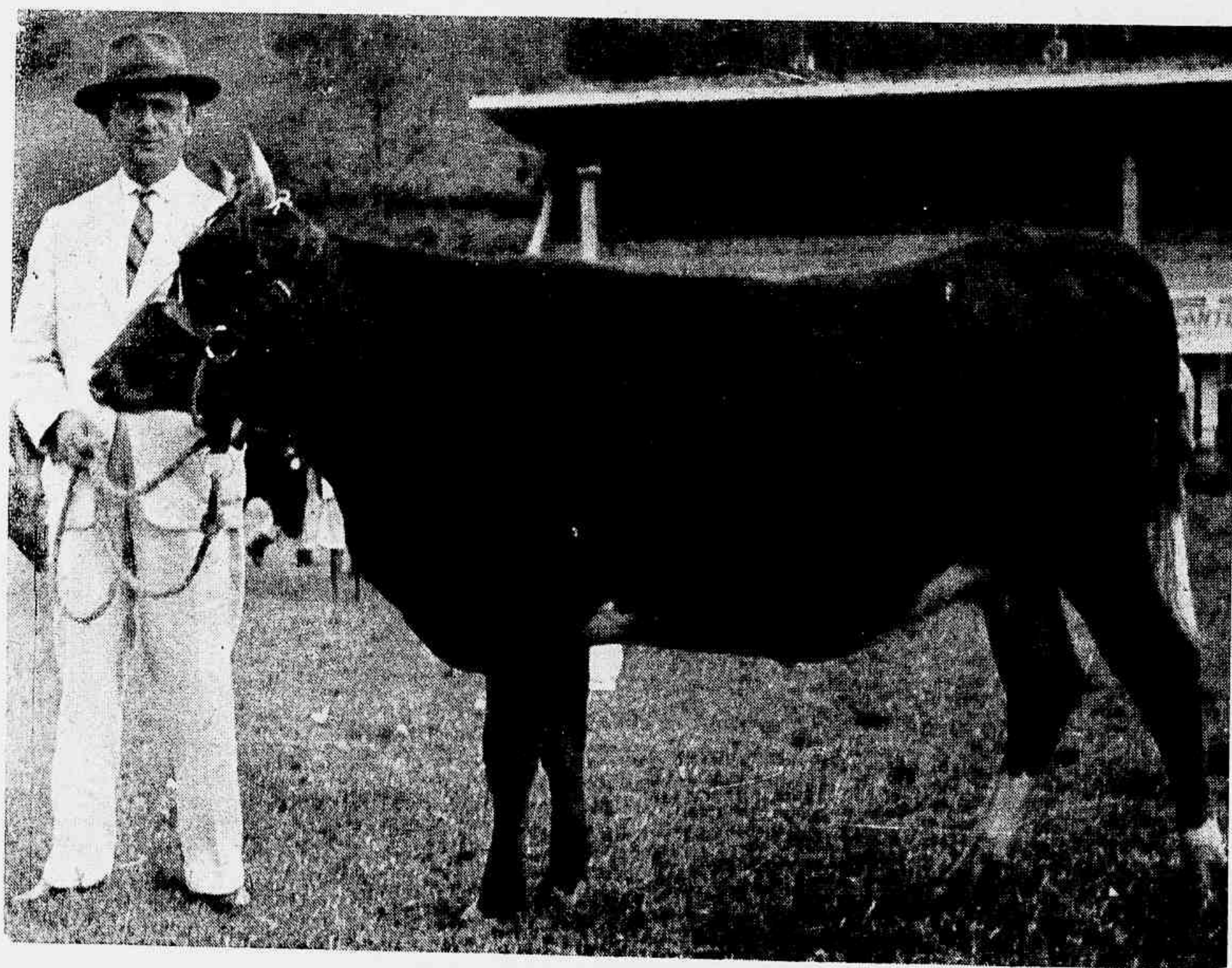
animais "Alvorada-Itatiaia", "Alvorada-Medalha", "Alvorada-Jupira", "Alvorada-Aliada" e "Alvorada-Europa". Nesta raça também foi distinguido com primeiros prêmios o criador João Nolasco Gomes da Silva, com os animais "Desengano" e "Preferida".

Ainda nas raças leiteiras, que constituem a quase totalidade da pecuária carangolense, novamente figurou destacadamente o criador João Bello de Oliveira Filho com o seu rebanho Jersey, obtendo quatro primeiros prêmios com os animais "Paraíso-Gaucha", considerada a melhor fêmea da raça na 3.ª Exposição, "Paraíso-Primavera", "Paraíso-Roletta" e "Paraíso-Ninfa". Na raça Schwyz a Fazenda General, de Carlos Hosken, obteve





A esquerda: "Alvorada Aliada", 1.º Prêmio na 3.ª Exposição, considerada a melhor fêmea da Raça Guernsey, 7/8 de sangue, 7 anos e 5 meses. Pai: "Abaiha-Alemão". Mãe: "Moeda". Fazenda Alvorada, do Sr. José Larivoir Esteves. Carangola.



dois primeiros prêmios, com os animais "General-Correta" e "General-Niagara", a Fazenda Palmeiras, de Nelson Hosken, também dois, com "Saude" e "Calcutá", e a Fazenda Glória, de João de Almeida, um com o animal "Candidato".

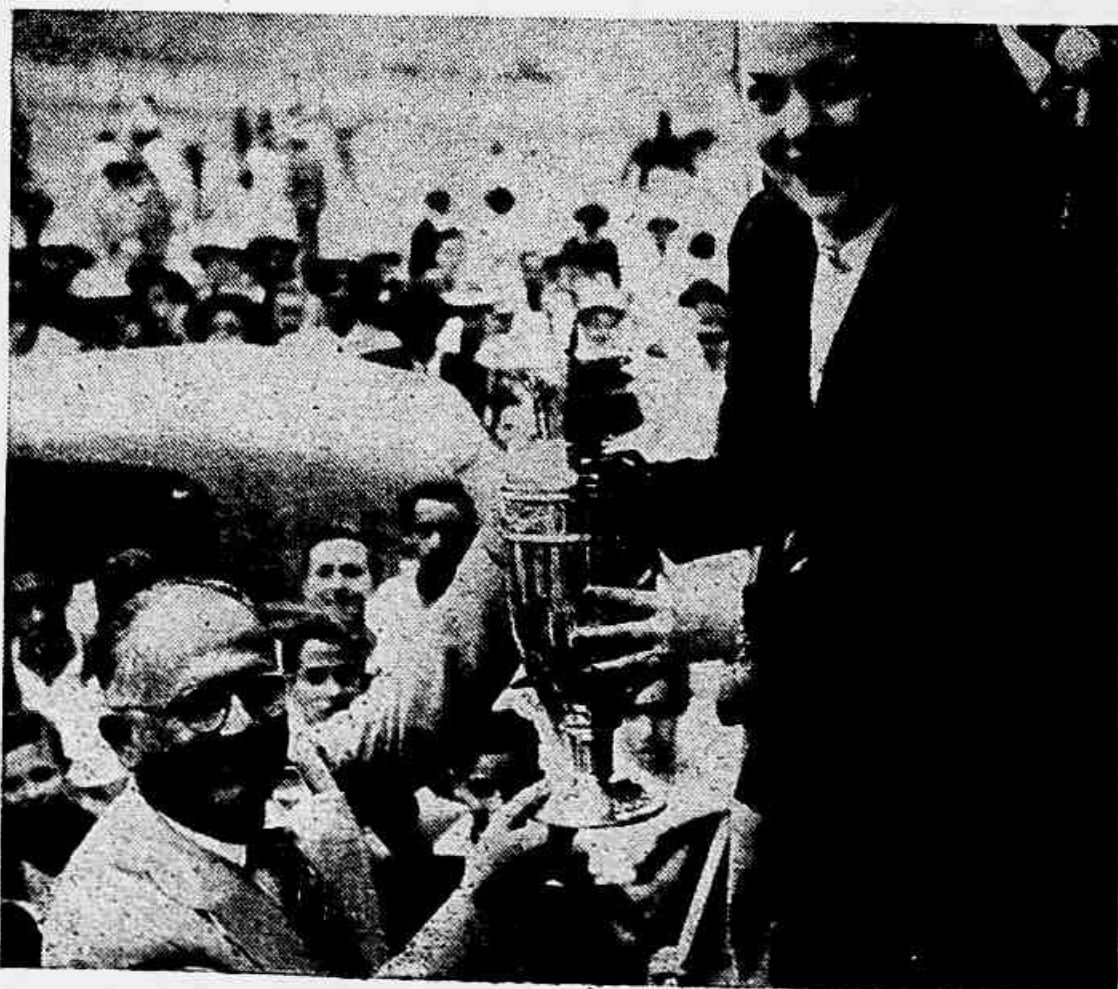
Essas as principais classificações conseguidas pela equipe de expositores da 3.ª Exposição, além das numerosas colocações secundárias, resultado auspicioso que a mostra Agro-Pecuária vem registrando e para o qual tem incontestavelmente concorrido, proporcionando aos criadores uma soma inestimável de conhecimentos, despertando-lhes o interesse pelas competições anuais, onde procuram apresentar produtos cada vez mais categorizados, possibilitando-lhes um melhor lugar na escala ascendente das classificações, o que, em suma, lhes dignifica e valoriza o trabalho. O número crescente de expositores, a boa qualidade sempre mais acentuada dos produtos expostos, de gado de raças puras nascido e criado nas fazendas da região, as vendas celebradas agora nesta 3.ª Exposição, de mais de duzentos mil cruzeiros a pecuaristas vindos de outros Estados atraídos pelos ecos do fenômeno renovador, comportam os comentários favoráveis que vimos desenvolvendo rigorosamente dentro da verdade dos fatos, sem exageros nem falsas conclusões, e justificam as nossas anteriores previsões otimistas.

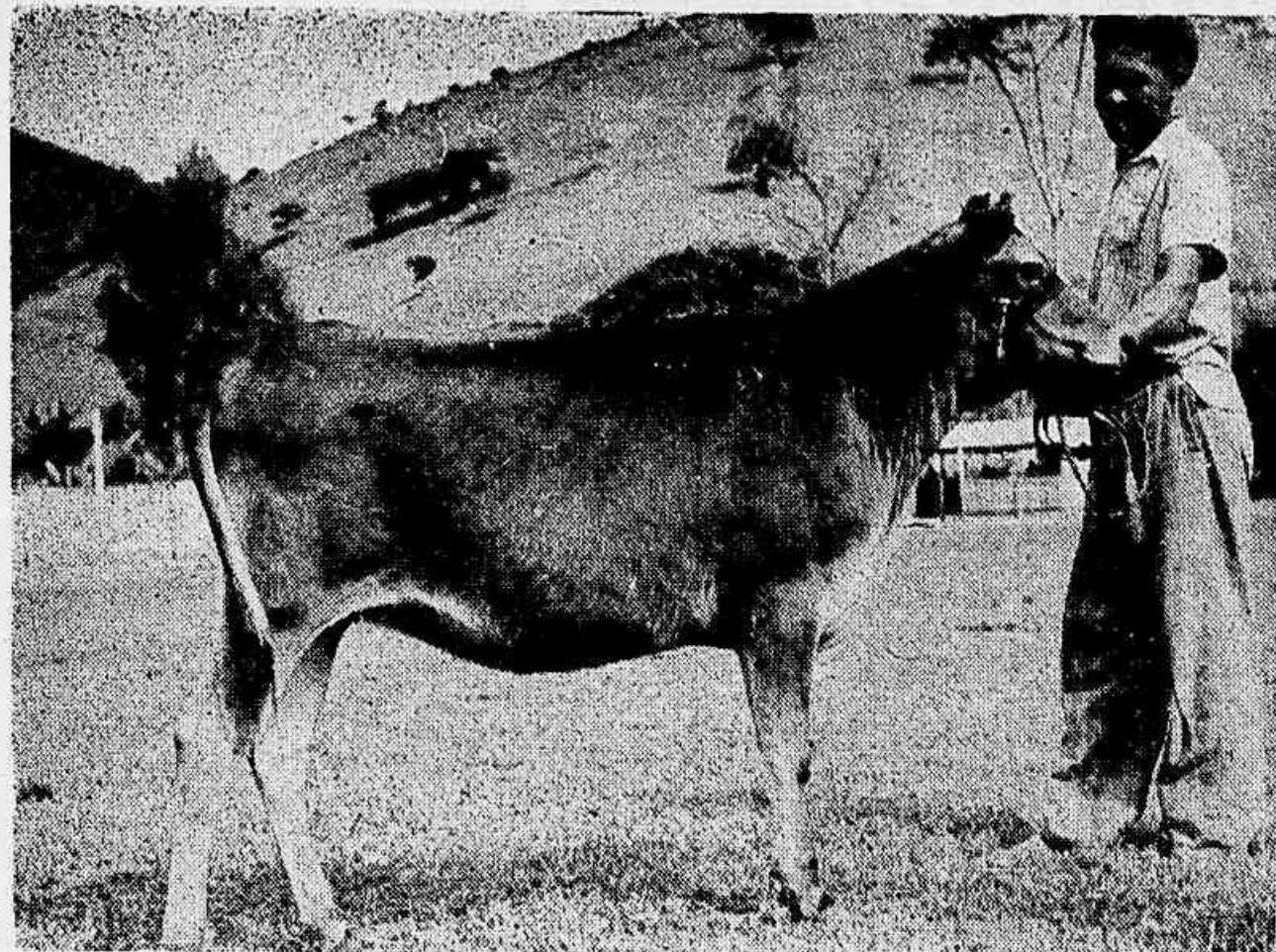
Ainda no setor da pecuária tivemos larga apresentação de equinos e assininos, estes com visível predomínio sobre aqueles, em quantidade como em qualidade. Belíssimo lote de muare foi muito apreciado na 3.ª Exposição, atestando o labor dos criadores dessa valiosa espécie destinada à tração e ao transporte em lugares desprovidos de estradas. Suínos e galináceos completaram a parte reservada aos animais, ponto alto da 3.ª Exposição Agro-Pecuária e Industrial de Carangola.

No setor agrícola verificou-se igual sucesso dos expositores dedicados às atividades agrárias, alinhando uma série de bons produtos, destacados aos olhos dos visitantes pela ótima qualidade ostentada. Ao ministro Daniel de Carvalho não escapou esse pormenor, detendo-se s. s. demoradamente no exame de um por um daqueles produtos. No setor industrial, o Pavilhão Antônio Marques apresentou diversos expositores de variadas manufaturas. Móveis finos, cerâmica, ferragens, eletricidade, laticínios, artigos de couro, sabões, assucar, etc., figuraram em artísticas arrumações, sendo mais uma vez notado o constante desenvolvimento da indústria local, num esforço digno da maior atenção e do maior apre-

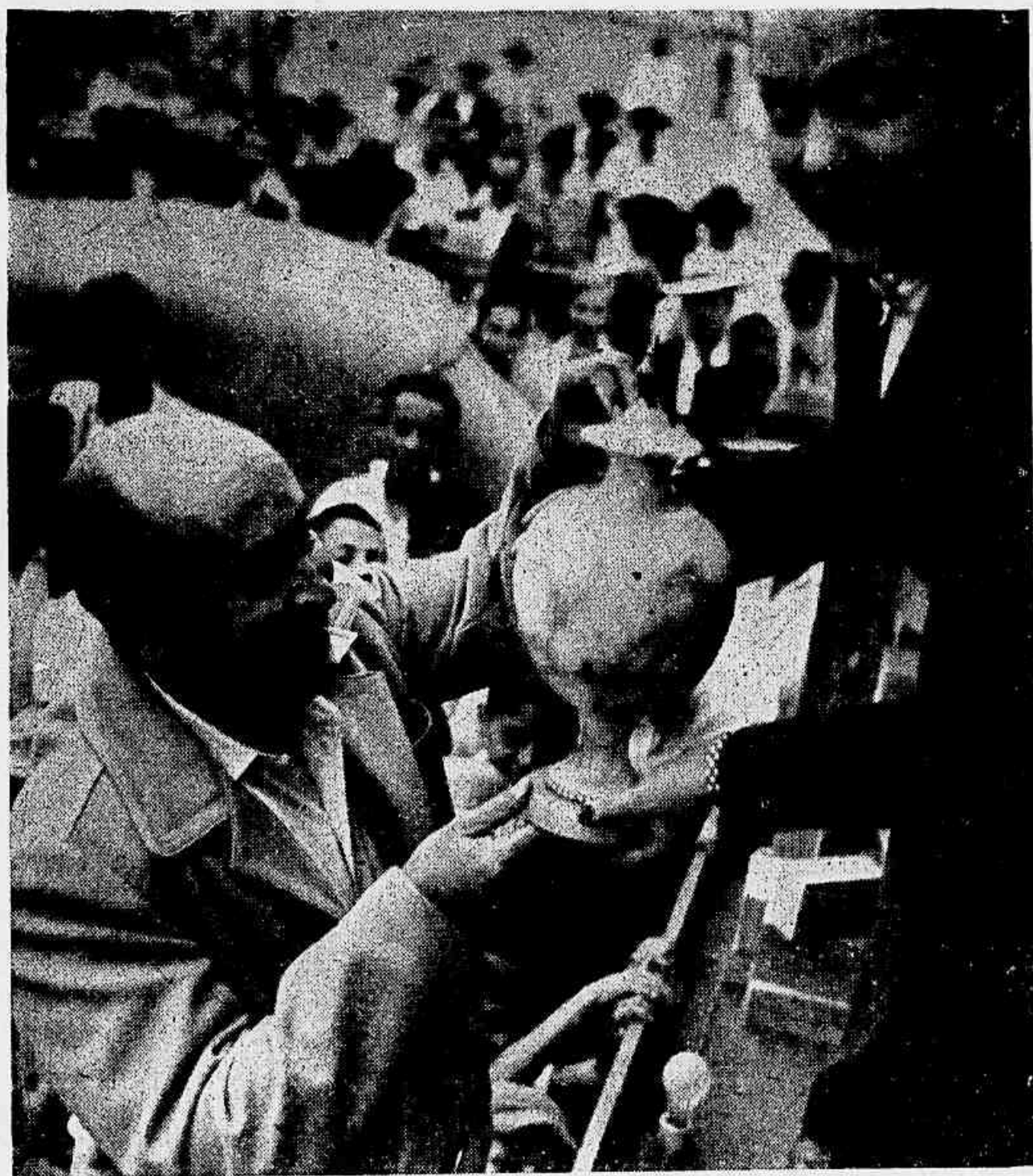
(Continúa na pág. 56)

Ao alto: "Alvorada-Namorada", 1.º Prêmio da Raça Guernsey na 3.ª Exposição, 3 anos, 7/8 de sangue. Pai: "Alvorada-Phebo". Mãe: "Cruzalta-Namorada". O referido animal está segurado pelo seu proprietário, dr. José Larivoir Esteves. Fazenda Alvorada. Em baixo, à esquerda "Alvorada-Araponga", 1.º Prêmio da mesma raça na 3.ª Exposição, 20 meses, 1/2 sangue. Pai: "Alvorada-Canadá". Mãe: "Alvorada-Serrinha". Fazenda Alvorada, Carangola. A direita: O Dr. José Esteves recebendo das mãos da Sra. Linda Batista um dos prêmios alcançados pelos seus animais Guernsey.

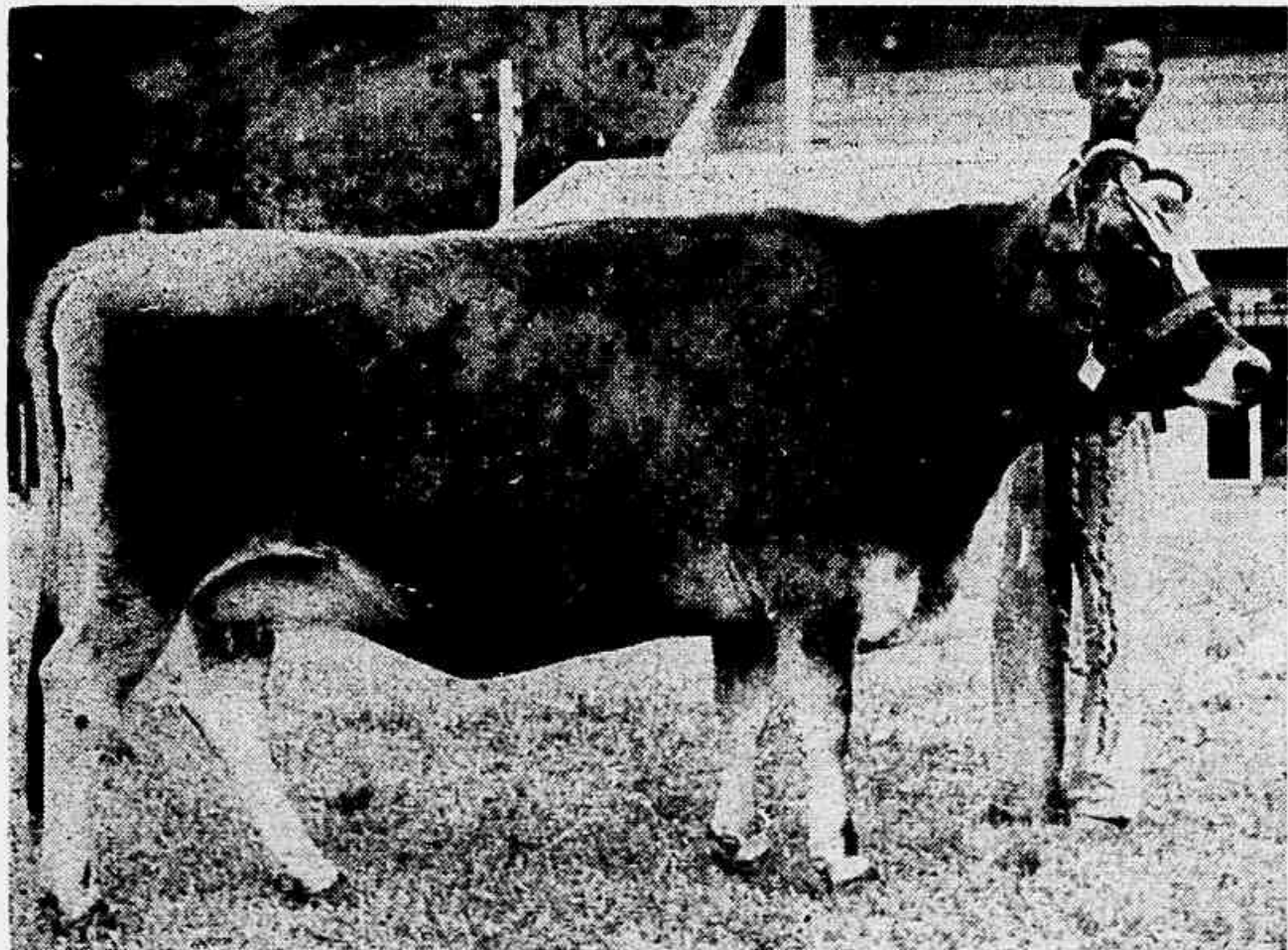




"Paraiso-Gaucha", 1.º Prêmio na 3.ª Exposição, considerada a melhor fêmea da Raça Jersey. Pura por cruzamento, 14 meses. Pai: "Folião de Jacarépaguá". Mãe: Tetéla, Fazenda Paraiso, do Sr. João Bello de Oliveira Filho. Carangola.



O Sr. João Bello de Oliveira Filho recebe da artista Linda Baptista, que gentilmente fez entrega de todos os prêmios distribuídos na 3.ª Exposição de Carangola, um dos que lhe couberam pela bonita "performance" das suas rezes Jersey. Em baixo: Do mesmo criador o animal "Paraiso-Primavera", 1.º Prêmio na 3.ª Exposição. Pura por cruzamento, 7 anos e 8 meses. Pai: "Galã". Mãe: "Primavera".



DEFEITOS QUE MOTIVAM TRIUNFOS

MUITO se tem escrito sobre os artistas que se tornaram famosos a despeito de possuírem certos defeitos, mas muito pouco se tem dito sobre aqueles que se valeram desses defeitos e os transformaram no motivo principal do seu triunfo. Para qualquer outra pessoa, um abcesso na laringe teria aniquilado para sempre a carreira de um cantor, mas isso não aconteceu a Bing Crosby e até lhe proporcionou esse feijão todo especial de cantar que tem servido de inveja e de modelo a uma infinidade de imitadores. Andy Devine conquistou um lugar de destaque entre os comediantes por causa da sua fala característica, decorrente de um r. al de garganta... A tonalidade nasal da voz de Fred Allen é consequência de um desvio do septo. Danny O'Neil ficou afônico durante vários meses em virtude de um acidente sofrido na Armada, mas ao recuperar a sua voz de tenor, ela havia conseguido elevar-se mais meia oitava... Ao ler estas considerações feitas por um cronista norte-americano, pensamos com os nossos botões: Estarão nesses casos alguns dos nossos artistas, como Aracy de Almeida, Jorge Veiga, Albenzio Perrone e outros?

F. Corrêa da Silva

MY ADOBE HACIENDA

Fox de Louise Massey e Lee Penn

In my adobe hacienda
There's a touch of Mexico.
Cactus lovelier than orchids
Blooming in the patio;
Soft desert stars
And the strum of guitars
Make ev'ry evening seem so sweet
In my adobe hacienda
Life and love are more complete

MALAGUENA

Son de Manuel del Rio

Que bonitos ojos tienes
Debajo de esas dos cejas,
Debajo de esas dos cejas
Que bonitos ojos tienes.
Ellos me quieren mirar
Pero si tu no los dejas
Pero si tu no los dejas
Ni siquiera parpadear

Malaguena salerona,
Besar tus labios quiero
A tus labios quiero
Y decirte nina hermosa
Eres linda y hech'era
Eres linda y hech'era
Como el candor de una rosa
Y decirte nina hermosa.
Eres linda y hech'era
Eres linda y hech'era
Como el candor de una rosa
Como el candor de una rosa

Si por pobre me desprecias
Yo te concedo razón,
Yo te concedo razón.
Si por pobre me desprecias
Yo no te ofrezco riquezas.
Yo no te ofrezco riquezas.
Te ofrezco mi corazón,
Te ofrezco mi corazón
A cambio de mi pobreza

FOR SENTIMENTAL REASONS

Fox de Deck Watson e William Best

I love you for sentimental reasons.
I hope you do believe me;
I'll give you my heart.
I love you and you alone were
meant for me.
Please give your loving heart to me
And say we'll never part.
I think of you ev'ry morning
I think of you ev'ry morning.
Dream of you ev'ry night.
Darling, I'm never lonely

Whenever you're in sight;
I love you for sentimental reasons.
I hope you do believe me;
I've given you my heart

*

VIDA MIA

Tango de Emilio e Osvaldo Fresedo

Siempre igual es el camino
Que ilumina tanto sol.
Si parece que el destino
Más lo alarga para mi dolor
Y este verde suelo
Donde crece el cardo
Lejos toca el cielo
Donde está mi amor.
Y de cuando en cuando un ruido
Para que lo envidie yo

II

Vida mia, lejos mas te quiero.
Vida mia, piensa en mi regreso.
Sé que el oro no tendrá tus besos
Y es por eso que te quiero más.
Vida mia, hasta apuro el aliento
Acercando el momento de acariciar
Felicidad.
Sos mi vida y quisiera llevarte
A mi lado prendida y así ahogar
Mi soledad

I (BIS)

Ya parece que la huella
Va perdiendo su color
Y saliendo las estrellas
Dan al cielo todo su esplendor.
Y de poco a poco luces que titilan
Dan severo tono mientras huye el sol.
De esas luces que yo veo
Ella una la encendió

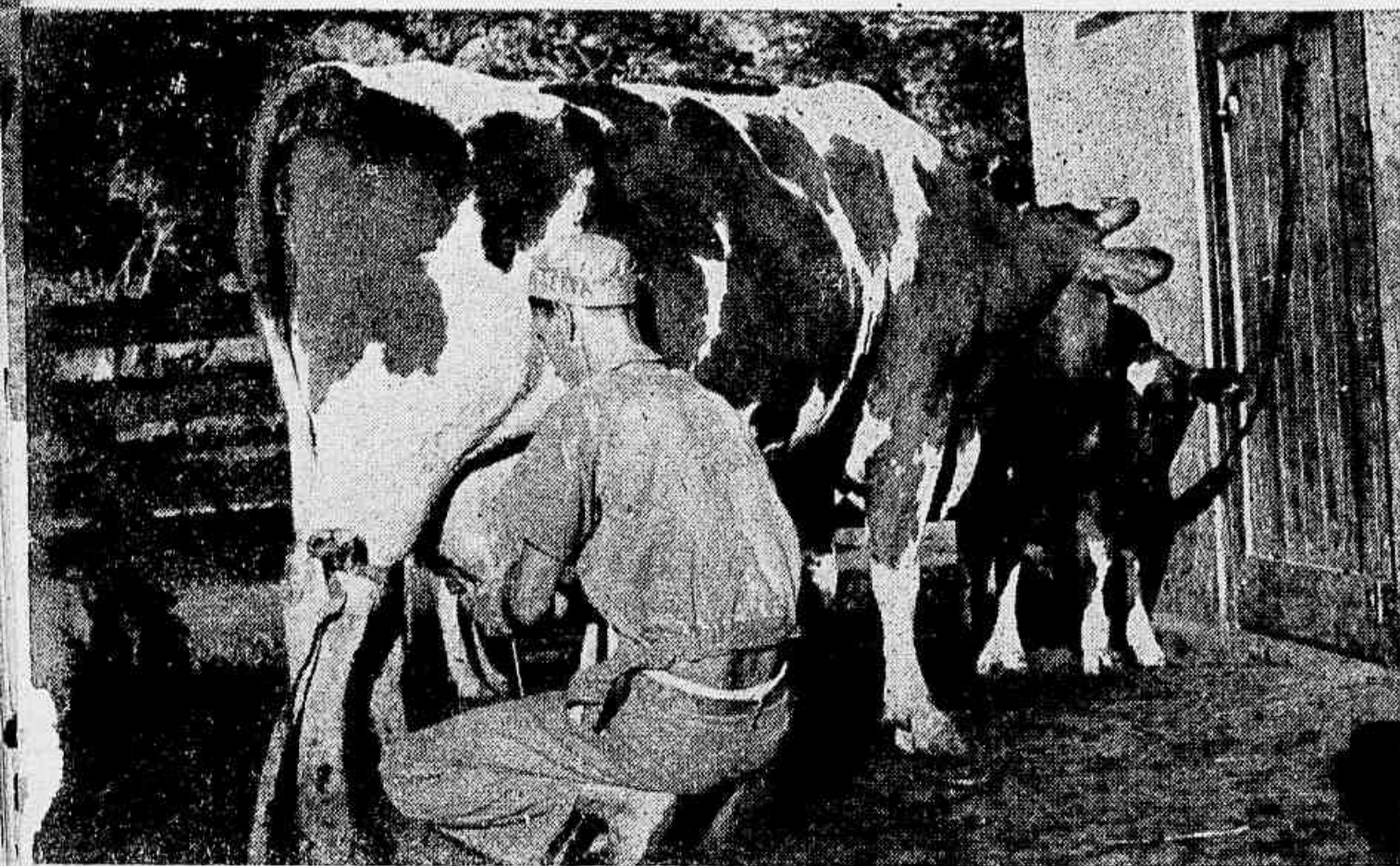
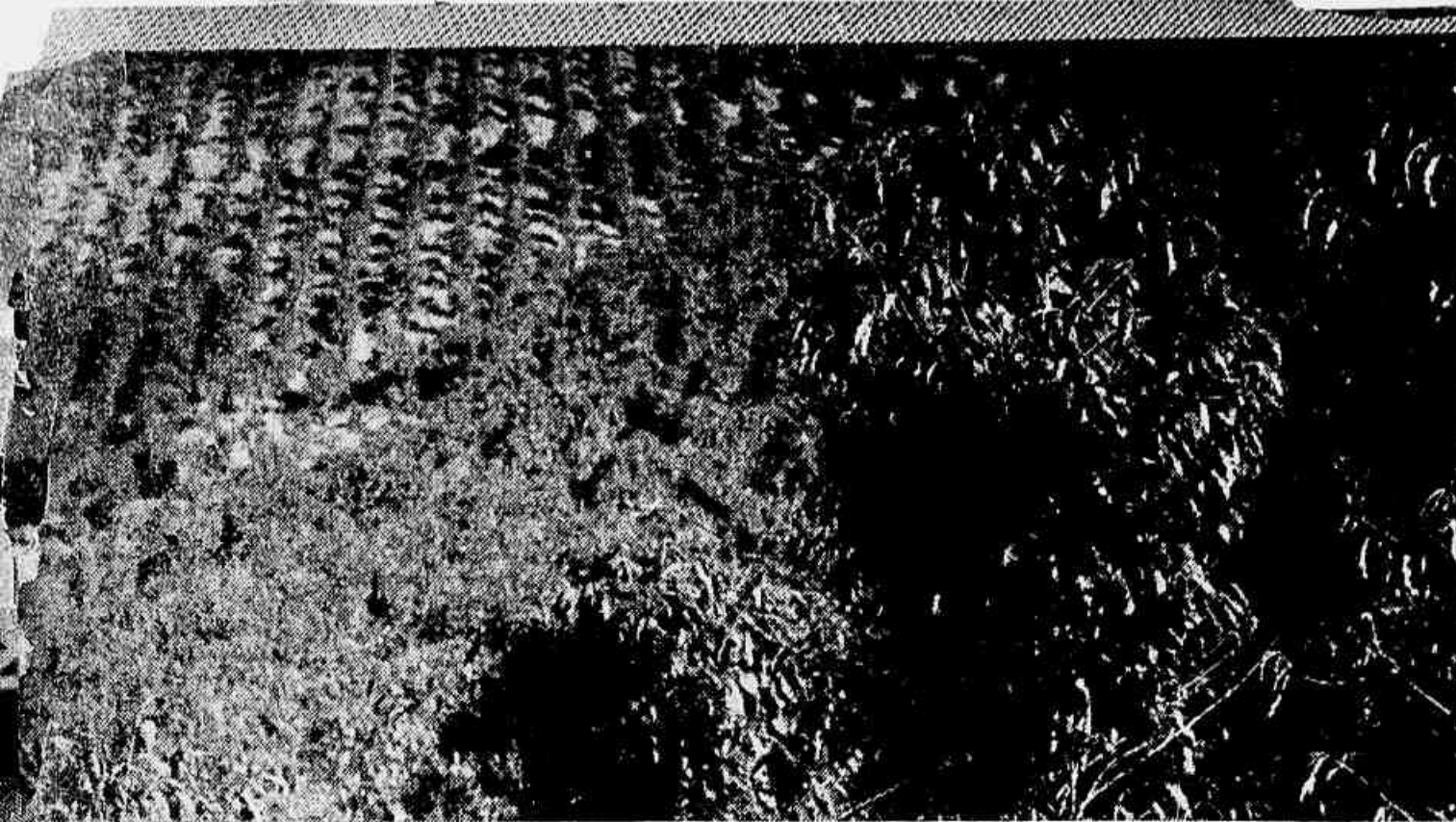
*

MARINA

Samba de Dorival Caymmi

Marina, morena Marina, você se
pintou
Marina você faça tudo, mas faça
um favor
Não pinte esse rosto que eu gosto
Que eu gosto e é só meu
Marina, você já é bonita
Com o que Deus lhe deu

Me aborreci, me zanguei, já não
posso falar
E quando eu me zango, Marina,
Não sei perdoar...
Eu já desculpei muita coisa
Você não arranjava outro igual
Desculpe Marina, morena.
Mas eu estou de mal.



O cafezal estende-se em fileiras uniformes, vestindo as terras magnificas. Nas cevas limpas e bem cuidadas os capados mal se mantêm de pé, gordos e saudios. E pela manhã bem cedo a primeira tirada do leite reúne mães e filhos, que se acariciam enquanto os vasilhames se enchem do precioso alimento. Começou a colheita do café. Homens, mulheres e crianças apañam os preciosos grãos, as peneiras fazem a primeira limpa. E o trabalho, é a vida na Fazenda da Serra, ou melhor, uma amostra do que é a vida na Fazenda da Serra.



Em cima: Uma agradável tarefa que é executada pela Sta. Yeda Quintão Rocha, filha do fazendeiro Sebastião Rocha — a colheita dos ovos que as incansáveis leghornes proporcionam diariamente. Em baixo: O belo conjunto que é a Fazenda da Serra, visto de frente. A impressão que nos deixa é de rara beleza e grandiosidade.

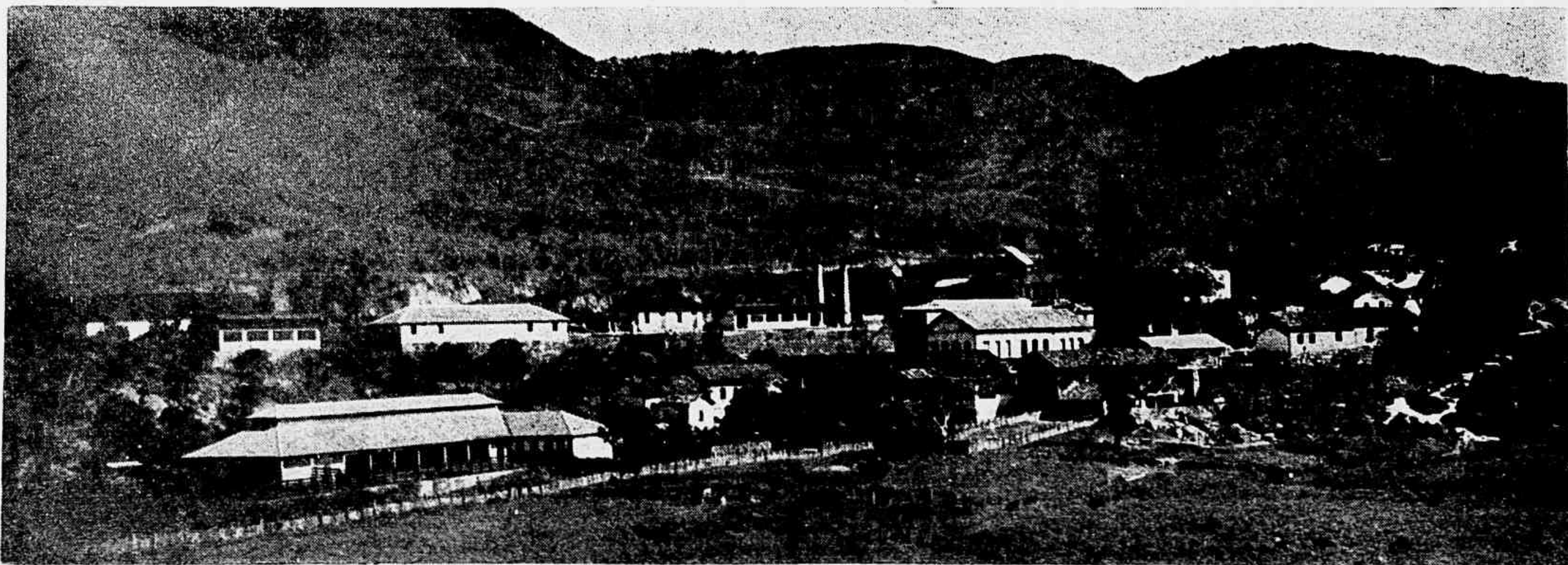
FAZENDA DA SERRA

A MARAVILHA DE TOMBOS

NOSSO imenso parque rural possui modelares organizações agrícolas e pecuárias, grandes fazendas que à primeira vista sugerem pequenas cidades, tais as suas proporções. E em verdade têm tudo o que uma boa cidade pode ter, como essa admirável Fazenda da Serra, encravada nas montanhas verdejantes da terra mineira e transformada num grande centro produtor em virtude da orientação progressista que lhe imprimiu seu proprietário, o Sr. Sebastião Rocha, tipo perfeito do moderno fazendeiro. Dotada com todos os requisitos e do bem estar que a vida das cidades proporciona ao homem, a Fazenda da Serra é um pequeno paraíso, onde o árduo labor campestre é suavizado pelo conforto do meio ambiente, que elimina a canseira e retempera as forças físicas. Naquele cenário encantador o trabalho se processa ao ritmo harmonioso da máquina perfeitamente ajustada e certa em seus movimentos, alimentada pela energia criadora do homem.

Percorramos a Fazenda da Serra, a começar pela imensa "casa grande", ou casa da sede, ampla e ensolarada, sólida construção erigida sobre a rocha viva,

como se fora feita para desafiar os séculos. Dentro, tudo é comodidade, bom gosto. Fora, belos jardins profusamente floridos a circundam, e em torno agita-se a vida do campo, em toda a sua beleza e vigor. Passemos agora ao grande estábulo modelo, construído para abrigar 46 vacas leiteiras, outros tantos bezeros e 2 reprodutores. E' madrugada e o pátio fronteiro ao mesmo está apinhado de vacas, mananciais inextinguíveis, aguardando a sua vez de contribuir para a produção diária de 700 litros de leite. Esse estábulo representa a soma de 220 mil cruzeiros, sendo um dos mais tecnicamente perfeitos, existentes nas fazendas mineiras. Já estamos na maternidade e na ceva dos porcos, povoadas por cerca de 200 cabeças. São os cachacos, os enormes capados, os leitões, os porquinhos gulosos sugando vorazes a seiva materna. Daí vamos ao moderno aviário, apreciar a colheita de ovos. As irrequietas leghornes estão na azafama da postura, vestindo de uma roupagem muito alva e bulhosa os arredores dos galinheiros. Fora dos setores destinados à criação, o trabalho multiplica-se em variados misteres. Na serraria, provida de modernas máquinas





A vista de conjunto acima estampada sugere perfeitamente uma pequena cidade, porém é apenas a Fazenda Serra, expoente do parque agro-pecuário de Minas Gerais. A esquerda, o grande estábulo, ao centro enorme terreiro de café e a sólida construção da confortável "casa grande". Em volta, as numerosas instalações da fazenda e a moldura verde das pastagens e variadas culturas.

para aparelhagem da madeira que a fazenda extrai em suas matas, no envenenamento de açúcar e aguardente de cana, nas máquinas de descascar e beneficiar café, no banheiro carrapaticida destinado à imunização do gado, no rancho para tropas de burros e carros de bois, nas tulhas para café e cereais, nos aviários, em toda a parte e em todas as horas.

A Fazenda da Serra, que está situada no município mineiro de Tombos, tem uma área de 330 alqueires. Desses, 80 se conservam em matas virgens contendo apreciável reserva de madeiras; 109 alqueires estão cobertos por cafezais, canaviais e outras culturas, de milho, feijão, arroz, etc., e 150 se estendem em

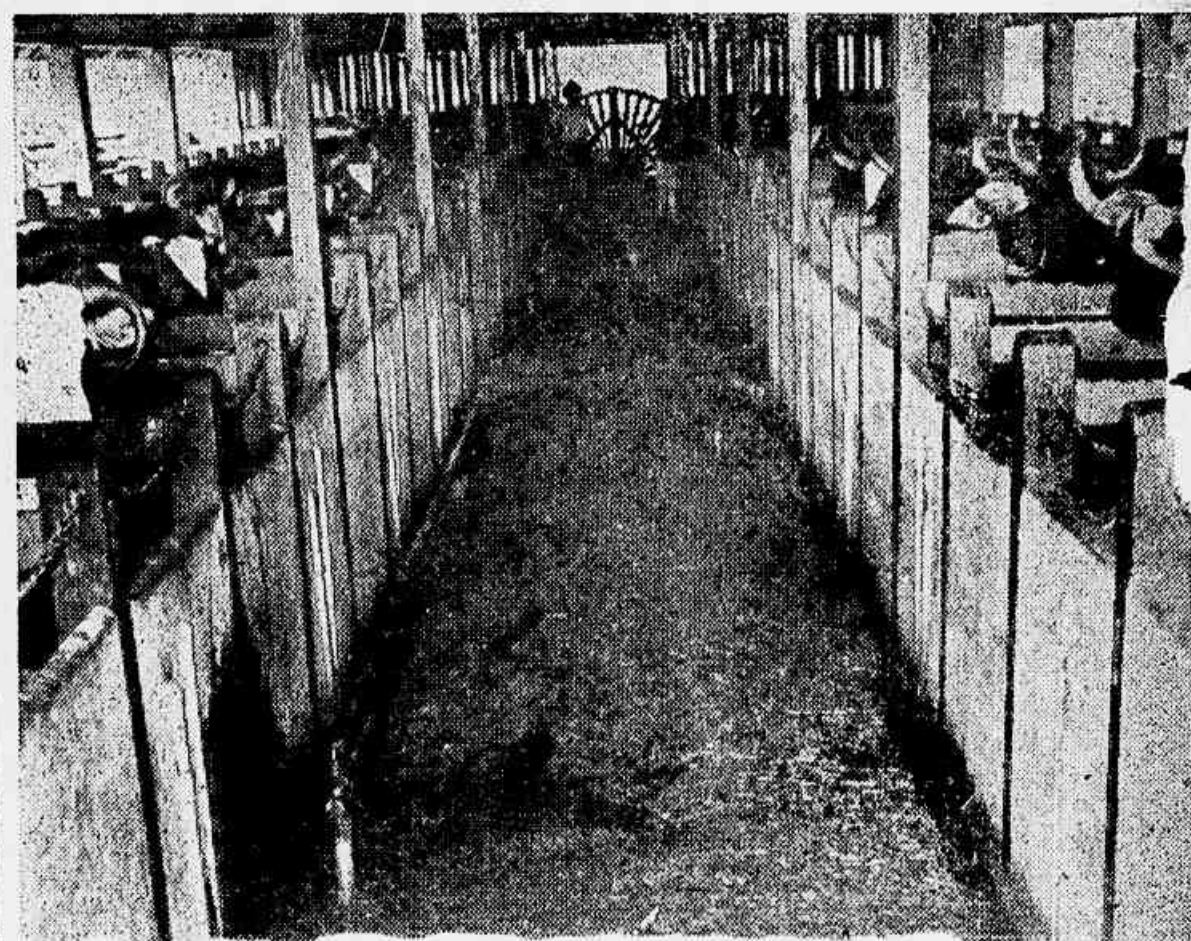
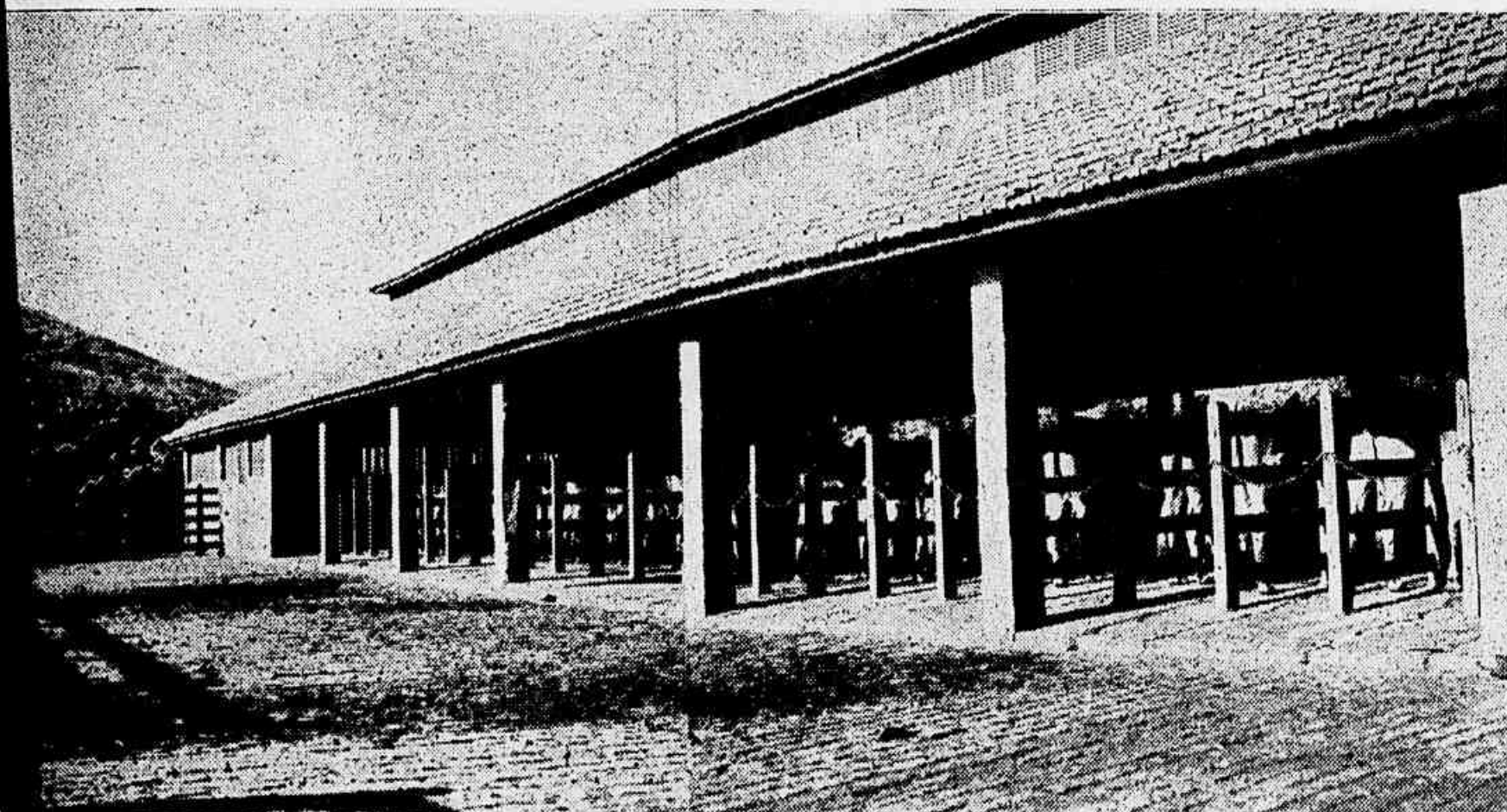
imensas pastarias de diversas espécies. Possui ainda a fazenda casa para administrador, cerca de setenta residências para colonos, energia elétrica própria produzida pela cachoeira vizinha à "casa grande", fornecendo luz gratuita aos empregados, armazém de gêneros alimentícios, fazendas, calçados etc. A grande estância é servida abundantemente de água, e é dotada de uma fonte mineral perene, cujo excelente líquido jorra das profundezas da rocha, inalteravelmente em todas as épocas do ano. Os cafezais produzem atualmente 5.000 arrobas, que se elevarão brevemente a 10.000 com a esperada produção de 150.000 pés novos.

A pecuária é a principal atividade da fazenda, cujo parque pastoril conta com cerca de 500 cabeças de gado bovino da raça Holandesa nas variedades Preto e Branco e Vermelho e Branco, e mestiças, dentre as quais a estância possui numerosos animais classificados campeões da raça na Exposição Agro-Pecuária de Carangola, entre eles os touros "Serra-Babalú" e "Miltonia-Campeão", atuais reprodutores servindo aos dois finos plantéis. Agora mesmo acaba a Fazenda da Serra de bater todos os records naquela Exposição, obtendo cinco campeonatos e treze primeiros prêmios das citadas raças.

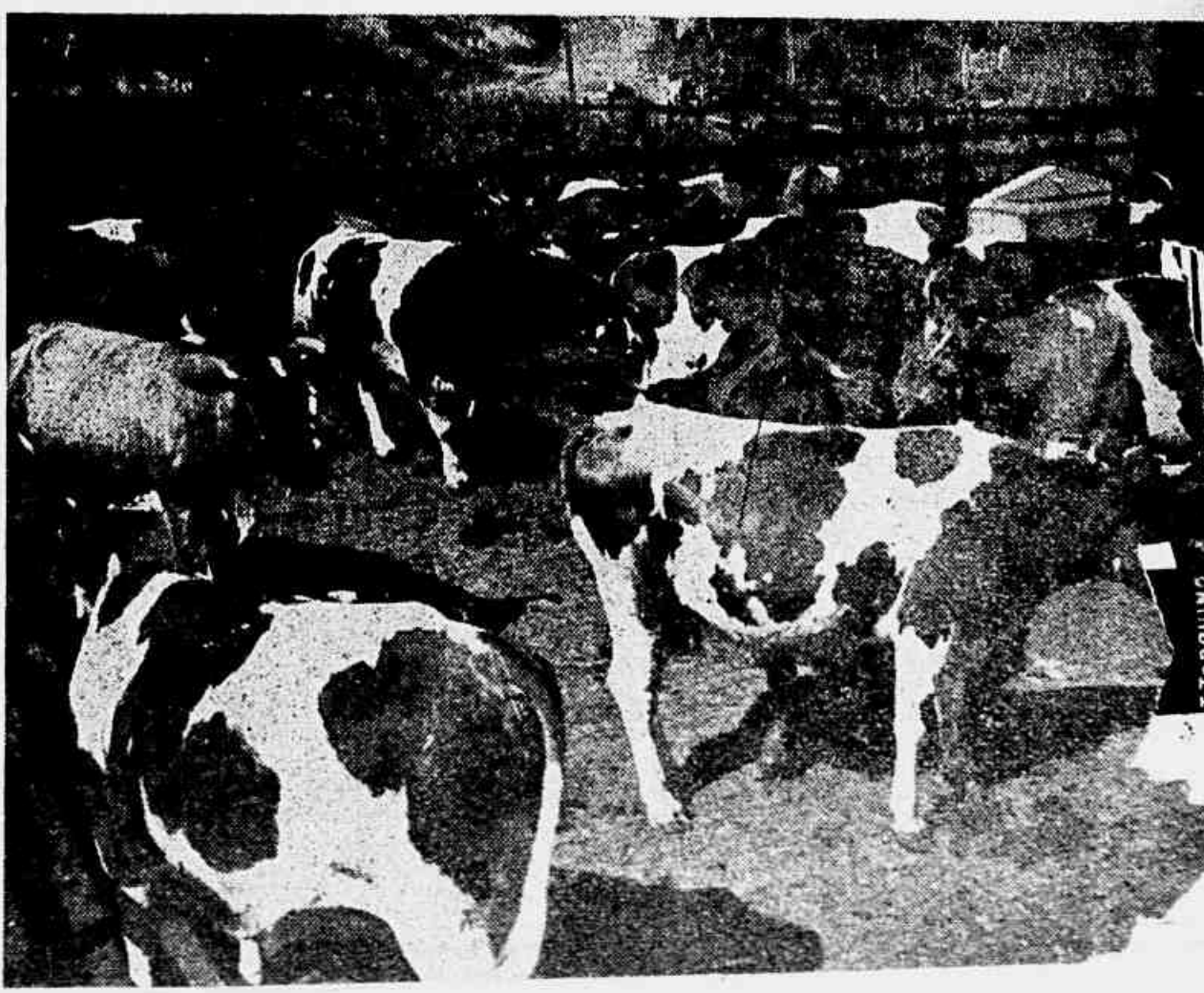
Isto é a Fazenda da Serra, isto é muito

mais, impossível de descrever em tão limitado registro. A ilustração fotográfica dará talvez uma ideia mais feliz que a parte descritiva, restrita como os dois dias que lá esteve o seu autor para conhecer e admirar incompletamente tanta beleza e tanto movimento, o trabalho vivificando searas e campos, aqui e ali, nas varzeas sem fim como nas elevações a perder de vista. O trabalho enchendo currais e cevas, movendo o carro de bois, acionando as rodas d'água, colhendo o café, produzindo energia, moendo a cana, distilando o álcool, enxertando no ventre da terra a semente que brotará viçosa,

(Continúa na pág. 56)



Ao alto: Dois aspectos do estábulo modelo para 94 animais, construído em obediência às mais modernas exigências da técnica e da higiene. Tem 46 boxes para vacas, 2 divisões para reprodutores e duas para 46 bezerros, todas providas de água corrente, casa para empregados, casa para forragens e dois pátios. Na foto à esquerda, uma visão lateral do estábulo, notando-se a sólida construção e o calçamento a paralelepípedos. Na da direita temos uma que pode formar uma ideia das suas proporções. Em baixo, à esquerda: Lote de rezes da raça Holandesa Preto e Branco. A direita: Outro lote da mesma raça na variedade Vermelho e Branco, reunido no pátio fronteiro ao estábulo. Dessa notável espécie leiteira é constituída a maior parte da criação.





Não ha escadas no céu...

N O dia seguinte o sacrifício seria repetido. Entraria aos empurrões no mesmo bonde, outro passageiro mal educado sopraria baforadas de charuto mal cheiroso à sua frente, aquele mesmo calinho redondo, por amor do qual cortara a botina, seria pisado sem piedade... Na repartição a politiquice dos colegas novos continuaria, o prestígio do chefe subiria mais um pouquinho e até, quem sabe, alguns seriam promovidos. Ele não. Ele seria sempre aquela má-quina precisa, entrando e saindo à hora certa, trabalhando sempre mais que os outros e sempre esquecido no seu canto. Esquecido, esclareçamos, nas épocas de promoção ou de distribuição de algum benefício. No mais, nunca funcionário algum seria tão lembrado. Redigia longos parceres que outros assinavam, resolvia os mais intrincados problemas dos colegas e ia vivendo. Todos subiam. Ele ficava. Antônio Benevides Machado Júnior era nome que não figurava nos processos mais importantes, apesar de em todos funcionar com o mais desinteressado dos anônimos. Era um degrau que todos

utilizavam. Ele sabia disso mas preferia calar, como se não se pertencesse, como se devesse viver para outrem, sem protesto. Rodava a cidade inteira à procura do tecido que a filha receberia com um muxexo, do objeto encomendado em que a mulher encontraria mil defeitos. Nada para ele. O tecido seria um vestido com que a filha deslumbraria o namorado, o objeto uma tetela desnecessária com que a mulher mataria de inveja a vizinhança bisbilhoteira. Feliz a seu jeito, gozava essa felicidade em períodos matematicamente fixados, das oito às onze de todos os domingos, sentado à sombra da laranjeira do quintal, na sua cadeira de lona multicolorida, dentro do seu pijama listadinho, e lendo os suplementos dos jornais, onde aprendia coisas que repetia nos momentos oportunos. Felicidade era aquilo. Um dia haveria de morrer, como todos, e estava certo de que iria para o céu com grandes azas de anjo adaptadas ao seu pijama de listas, e subiria serenamente, sem esforço, olhando piedosamente, através dos óculos grossos, a infeliz humanidade que ficaria

sofrendo. Tremia ao pensar que deixaria sem o seu auxílio o colega que não dispunha de tempo para ler as leis e os regulamentos, o chefe que não sabia redigir, com a clareza e a precisão necessárias, certos despachos importantes; a filha que não teria mais quem revolvesse os bazares da cidade à cata do tecido, da fita, ou da linha, exatamente na cor exigida; da mulher que não poderia, com o magro montepio, encher os olhos da vizinhança bisbilhoteira.

Antônio Benevides Machado Júnior saiu do bonde como um pouco de pasta dentífrica sai do tubo comprimido. Acertou o chapéu, a gravata, os óculos, e subiu ofegante as escadas da repartição. Sentia-se mal. Nunca pensara tanto em morrer e julgava-se o pior dos homens só por pensar nisso. Ele era o degrau de uma escada necessária a muita gente. Abriu a gaveta maquinalmente. Aquela indisposição talvez passasse. Retirou a papelada e começou a separá-la sem vontade, o pensamento cheio de escadas dos mais variados estilos e tamanhos, de mármore, de cimento, de ferro, de madeira,

umas grandiosas, iluminadas, outras estreitas e sujas, algumas com patamares majestosos, muitas em caracol, escadas, escadas, escadas... Gordos e magros, alegres e tristes, bons e maus, todos subiam, subiam, buscando um fim com que ele não atinava. Ele era um degrau de que todos se serviam sem agradecimento.

Subitamente parou, o olhar fixo num ponto vago. Rememorava capítulos de sua infância, de sua juventude, tudo em voz alta. E entre suas traquinadas de garoto, suas tolices de namorado, seus sonhos de noivo, aquela estranha sucessão de escadas, dos mais variados feitios, ligando episódios. Todo aquele desfile de pessoas, algumas falecidas, outras de que nunca mais tivera notícias, parecia não ter fim. E todas chegaram à fortuna ou à miséria, à glória ou à obscuridade, graças a ele, que era o degrau de uma escada cujo fim não conhecia. Se alguns subiram, gloriosos, ou se outros rolaram, desgraçados, de quem a culpa? Dêle, sómente dêle. Aquele famoso sanitarista, seria realmente famoso se não ingressasse na Faculdade de Medicina? Não, certamente. E quem o incentivara, quem o encorajara? Chico Navalhada cumpria seus trinta anos de prisão, por que? Porque, na escola, roubara, certa vez, uma caixa de giz, e ele, que tudo vira, e silenciara, estimulava-o a seguir, vida a fora, o caminho do crime, deixando de denunciá-lo. Se Navalhada fosse punido aquela vez, nunca mais, quem sabe, repetiria o crime, nem chegaria, no crescendo em

que foi, ao ponto a que chegou. E tantos, desfilando, desfilando...

Isaltino, o servente, era o único, além dele, àquela hora, na repartição. Veio chegando, com seu passo mole, seu jeito de eterno sonolento, e ficou ouvindo espantado.

— "Seu" Machadinho...

"Seu" Machadinho não percebia a sua presença. Agora, para ele, tudo era movel, deslizante. Parara de falar. Parecia-lhe tudo tão despreocupado do destino como folhas caídas no mar. Aquela ausência de ideal, de objetivos, era o resultado de aspirações agora conhecidas, impossíveis, depois de longas lutas inúteis, de inúteis noites insones, de desesperadas horas febris. Saturações, desânimo, e uma tardia convicção de que tudo tem seu rumo e é inútil fugir dele. O mundo que nos leva, como leva o mar a fôlha caída, como leva o vento a pluma solta. A vida tem misteriosos caminhos por onde a gente envereda, sem saber como acabará. Escolher, não adianta. Um dia chegaremos ao céu. E o céu deve ser amplamente azul, sem obstáculos, sem desvios, sem cruzamentos, tudo limpo, tudo plano e puro. Ninguém subirá nem descerá, não haverá esforço. O pensamento nos colocará onde quisermos, e nada nos magará...

Isaltino amparou-o, apavorado, quando ele, arquejando, inclinava-se como um fardo mole, e repetia murmurante:

— Não há escadas no céu... Não há escadas no céu...

JURE'

(Continuação da pág. 18)

Lavrei o auto-de-declaração que a vítima assinou, com dificuldade, na sua letra tremida. Em seguida, apressei-me a regressar. Queria voltar pelo mesmo atalho, ainda com a luz do dia. Deus me livrasse que anoitecesse em caminho!

Seriam 5 horas e pouco quando voltei a cavalo. O sol ia desaparecendo, mas eu contava dentro de meia hora ter atravessado o boqueirão do Jure. Franzó despediu-se, fez-me recomendações. Não me acompanhava, pois ia ficar em casa. Pús-me a caminho, sozinho.

A tarde escurecia rapidamente. Toda a minha pressa parecia inútil. Notava que as trevas se adensavam, rodeando-me. Quando cheguei ao trecho do arvoredo copado, quase voltei, de medo. As sombras das árvores turvavam a minha visão, toldando lugubrememente as tintas do lusco-fusco. O cavalo se espantou, não sei de que. Possivelmente algum galho retorcido. Fiquei de cabelos eriçados, apavorado, mas prossegui. Daí a pouco avistei o "passo-da-morte" e acelerei a marcha.

Ao aproximar-me, ouvi uma vez esquisita que parecia sair das entranhas da terra. "Nada, não seria nada" — pensei, reagindo ao medo. A voz continuou e fui ficando trêmulo. Que diabo seria aquilo? Bem que Franzó dissera... Como a voz se avizinhasse, o terror se apoderava de mim. "Que diabo! Seria covardia voltar daí. Coragem! Coragem! Não olho mais para trás". — E dei rédeas ao animal, disposto a atravessar a perigosa passagem.

Só então quis olhar para o despenhadeiro, a dois passos de mim, à direita. Tive a noção exata do perigo que me ameaçava. Olhei para os lados e — sem me poder conter — para trás também. A bruma enegrecia a paisagem, rolos de fumo acinzentavam o horizonte. Insondável, o abismo era a única realidade, realidade apavorante, além do medo, que era mais terrível na sua força indomável e invisível...

Agora se ouvia a voz mais distintamente. De onde e de quem partiria? Almas? Seria possível? Desconfiei que viesse do lado oposto. Apurei o ouvido para localizá-la. — Voz cavernosa, voz esquisita, num só diapasão. Que seria, meu Deus?

Fui controlando as forças, refazendo-me. O pavor atingira o auge. Depois, veio-me um desprendimento, até da própria vida. Já podia pensar e agir melhor, após o tumulto enervante dos primeiros momentos. Que seria aquilo? Já

ouvia as sílabas, que ecoavam na garganta da serra. Entendia uma palavra: Va...lente...Va...lente. O coração disparou. Alguém chamava "Valente".

— Arí Valente... ARI VALENTE!!!...

— Ah! chamando Arí Valente. Sim, um chamado. Agora se era a alma do seu assassino, chamando-o?

— ARI VALENTE... VAI GENTE... VAI GENTE... AQUI VAI GENTE...

— Ah! "vai gente"!

(Era costume — e eu não sabia — quando o cavaleiro fôsse atravessar o "passo", avisar que ia gente. Si alguém viesse em sentido contrário, estaria avisado, respondia e ficava esperando. Duas pessoas é que não poderiam cruzar a passagem, montadas).

Ao fazer a curva, deparou-se-me o homem. Ficou enraivecido e alarado. Entrou a investigar-me: — Se eu não estava doido? Se não o tinha ouvido? se queria morrer? Como havíamos de passar um pelo outro? Impossível uma curva ali. Só encontramos afinal uma solução: descer dos animais (com cuidado, para não cair no abismo) e a pé, puxando os animais, tentar o cruzamento.

xxx

Ainda hoje não sei como pude apertar-me sem perder o equilíbrio, e passar esguando-me, tremendo, pelo passo-da-morte, puxando o cavalo até o outro lado...

A VIDA DE HEGEL

(Continuação da pág. 20)

vista de nosso eu interior, mas devemos encerrar o nosso eu interior do ponto de vista do mundo. E' esta a suprema prova pela qual devemos passar se quisermos seguir as leis mais altas da razão. Devemos considerar a nós mesmos como completa objetividade, com nosso próprio oposto, ou antítese. E aí, então, estaremos preparados para a união mais alta, ou síntese, conhecida da experiência humana. Libertados dos mesquinhos preconceitos das percepções de nossos sentidos, podemos respirar, agora, o ar fresco da liberdade. Apartando-nos de nossa consciência imperfeita e frágil, conseguiremos lograr uma consciência muito maior, a sublime e perfeita consciência do Eu. E esse Eu, como então nos é dado compreender, é perfeitamente ciente de sua própria unidade orgânica e de sua própria força que abrange tudo. A Natureza eleva-se no homem à consciência de si mesma. E o Homem eleva-se à consciência de si mesmo na Liberdade.

IV

A liberdade humana emerge como produto da mais grandiosa luta entre as duas forças supremas — a natureza e o homem, o corpo e o espírito, a energia e a alma, o selvagem e o santo. E agora, transfere Hegel este princípio da síntese através da antítese, da unidade através da luta, do indivíduo para a massa, da contemplação do homem para a filosofia da humanidade. Hegel culmina o trabalho de sua vida com uma nova vista de olhos sobre a história.

O tema da história humana é o desenvolvimento da liberdade humana. A história principia ao amanhecer da consciência espiritual no homem.

Divide Hegel, em três fases, a sua perspectiva histórica. Cada fase representa um período do desenvolvimento na luta pela liberdade. A primeira fase apresenta o drama do mundo oriental — China, Índia e o Oriente Próximo — países em que principiou a nossa civilização. A segunda fase representa o mundo dos Estados gregos. A terceira compreende a época do Império Romano. Há um quarto estado, ainda por vir — e aqui, o teutão, em Hegel, emerge à superfície — o mundo germânico no qual "a idéia da liberdade atingirá a sua mais alta expressão".

O mundo oriental é o lar onde se passou a infância do homem. Na China, baseava-se a sociedade sobre a família e o

Estado. O modo de religião que prevalecia era o culto dos ancestrais. O governo era paternal. O imperador, o grande pai amarelado que governava seus filhos com punho de ferro. Toda punição era corporal. Todo habitante da China era menor perante a lei.

Ao passo que o espírito da China, declara o nosso filósofo, era o espírito de uma criança alerta, era o espírito da Índia o de uma criança sonhadora. A religião da Índia era sombria, panteísta abstrata. O seu deus, fantasma sonolento do Nirvana — o Nada. O indú levava uma vida estática, vegetativa. Física, política e socialmente não progredia.

Na Pérsia era diferente. Os persas tinham uma religião de luz. A sua deidade suprema era a energia solar. O sol põe em movimento todos os processos do crescimento orgânico. E' a força do bem lutando contra as forças do mal. E essa luta, observa Hegel, é a própria essência da vida. Enquanto o homem não despertar de seus sonos e não se capacitar de oposição entre o bem e o mal, nunca poderá ter consciência de sua missão de alcançar a liberdade espiritual.

No Egito — continua Hegel — torna-se o homem ainda mais ciente da luta dinâmica entre o bem e o mal. Os egípcios simbolizaram esse conhecimento no supremo enigma de sua arte nacional — a Esfinge. Luta o homem para emergir da fêra. Mas não o alcança ainda. Com efeito, a Esfinge é, a um tempo, homem e fêra, e ninguém é suficientemente sábio para adivinhar qual das duas naturezas predomina.

Seguem-se aos egípcios, os hebreus que marcaram grande transição na ética do homem e na história religiosa. A transição de uma concepção naturalista para uma concepção espiritual da moralidade. Até então haviam os homens adotado animais e estrelas. Os judeus adoravam o espírito de Jeová, o Deus único e absoluto.

Veio, depois, a segunda fase do desenvolvimento humano — a civilização dos Estados gregos. "A Grécia é a manhã fresca da história humana". A humanidade emergiu da infância para a mocidade. A arte, a religião, a filosofia e a política grega traduzem a ardente inocência do espírito moço. Os deuses dos gregos são eternamente belos e imortalmente jovens. São humanos em sua sabedoria e em sua loucura. São guias perfeitos para a humanidade que luta. Diz Schiller, o poeta alemão, "Quando os deuses eram mais humanos, os homens eram mais divinos". E os gregos eram uma raça divina, com todo o esplendor e toda a fraqueza de suas próprias deidades olímpicas.

Em Atenas, governavam-se os cidadãos, membros de uma comunidade democrática. Mas a humanidade não estava ainda, totalmente livre no mundo ateniense, pois, a maioria dos homens eram escravos. Até então, não surgira a idéia de liberdade como propriedade comum a todos os homens.

E depois o mundo progrediu para a terceira fase da história. O mundo grego cedeu seu lugar ao mundo romano. "Roma era o espírito prático da primeira varonilidade que esquecera, ou aprendera a desprezar, os sonhos felizes da mocidade". A primeira comunidade de Roma foi uma comunidade de saltadores. E "um estado alicerçado na força tem de ser sustentado pela força". A evolução da história romana é a transformação do saltador romano no soldado romano. Contudo, com o crescimento do Império, principiaram a surgir, para o bem da humanidade, certas forças essenciais. Estabeleceu-se um código universal de leis, o primeiro de sua espécie na história. O dever assim como as presas de guerra tornaram-se a máxima dos romanos. O indivíduo chegara, pela primeira vez, a uma auto-consciência de seus direitos aos olhos da lei — ao menos formalmente. Na realidade, o caso era diferente. Porque, a maioria das pessoas, estavam ainda escravizadas e, para elas, a lei era letra morta.

Alevantou-se, então, uma nova força — o Cristianismo. Esta religião, poderosa em sua humildade, apoderou-se das massas inferiores e deu-lhes um pai em Deus,

Mitigal



Acaba com as coceiras

CABELOS BRANCOS?

LOCÃO

Brilhante



VARIZES

E HEMORRÓIDAS

Hemo-Virtus

PETTMATI

USE A POMADA NO LOCAL E BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO

RUGOL

O CREME EMBELEZADOR DA PÉLE



NUTROGENOL

ELIXIR GRANULADO GOTAS

Tônico dos nervos Tônico do cérebro Reconstituente



Nem se pergunta*



Só uso Kolynos!
diz
Constance Moore

famosa estrela da REPUBLIC PRODUCTIONS que aparece em
"EARL CARROLL SKETCHBOOK"

Como todo mundo! É que Kolynos limpa profundamente os dentes, revela o alicerce natural do sorriso; Kolynos refresca a boca com sua abundante, suave e agradável espuma e deixa uma incomparável sensação de limpeza e saúde. Convença-se de que Kolynos:

limpa mais... agrada mais... rende mais!



Para sorrir como artista,
mostrando dentes divinos...
não se esqueça do dentista,
nem se esqueça de Kolynos!



* Faça como eu:
Use Kolynos duas vezes por dia

K-411 PH

McCann



um irmão em Cristo e um conhecimento do amor. E assim, a par da igualdade legal como a expunham os romanos, introduziu, o cristianismo, uma igualdade intrínseca — o valor inerente e infinito de todos os homens.

Graças à adoção do Cristianismo, a justiça triunfou a pouco e pouco sobre a injustiça, na luta histórica do homem pela liberdade. Os homens principiaram a enxergar, a princípio vagamente, mas cada vez de modo mais claro à medida que passava o tempo, a íntima relação existente entre a justiça e a misericórdia, entre a lei e o amor. O código legal dos romanos, que fôra idealizado para defender o forte contra o fraco, foi, passo a passo, transformado em novo código, destinado a proteger o fraco contra o forte. A monarquia absoluta cedeu o passo à monarquia constitucional, os direitos legais do povo foram ampliados em direitos políticos, e liberdade e democracia tornaram-se termos quase sinônimos.

Finalmente, ao trazer Hegel a história para a sua própria época, vê diante de si uma nova síntese de liberdade emergindo do tumulto e da confusão da rivalidade diplomática e militar. Essa nova liberdade, declara, surgirá na Prússia. Pois a Prússia "está criando, rapidamente, um poderio formidável. Em breve dominará todo o continente". A liberdade da Prússia a expensas do resto do mundo!

v

Hegel deixara Iena, ensinara por algum tempo em Heidelberg passara o resto da vida na Universidade de Berlim. Estava, agora, em excelentes relações com o governo prussiano, reacionário e absolutista. O estado prussiano sobrepujara todos os direitos do indivíduo. Hegel, contudo, eria ver nesse Estado, o tipo mais elevado da vida de "comunidade". O eu individual, declarava, precisa sacrificar tudo pelo seu eu "melhor", o Estado. A medida que Hegel envelhecia tornava-se ultra-conservador. Os seus primeiros dias como liberal já haviam ficado muito para trás. Emprestou o seu apoio moral a todas as medidas opressivas do rei prussiano. Horrorizou-o tanto a segunda revolução em França que derrubou Carlos de Bourbon, como o alegrara a primeira, quando plantara uma árvore da liberdade, saudando a queda de Luís XVI. Escreveu um artigo criticando a constituição inglesa, que apelidou "ímpia floresta". Ele substituiria o governo popular de Inglaterra pelas "instituições racionais" da

Prússia. Um governo, disse ele, não é obrigado a expressar a vontade do povo. "O povo que nunca sabe o que quer".

Tal foi o anti-clímax do homem. Tal foi a ironia, no vértice de seu grandioso pensamento político. Sucumbiu a um ataque de cólera, antes de conhecer como seria tratada a sua filosofia pelos seus discípulos. O destino dela foi notável. Por uma parte, os homens de estado, olhos fixos no passado, do austríaco Metternich aos czares russos, adotaram-na como justificativa para a sua tirania. Pois, de acordo com a dialética Hegel, todo Estado deve aceitar o direito divino da opressão que lhe pertence, como fase necessária na evolução do governo. Aqui, diziam os tiranos, está a clássica filosofia contra todas as evoluções. Por outra parte, todavia, viram os discípulos liberais, de Hegel, em sua filosofia, uma justificação para todas as revoluções. Não proclama, essa filosofia, o direito de contender toda força sobre a terra com a sua força contrária? Não sustenta ela a doutrina da mudança violenta por meio da contenda violenta? Dessa doutrina hegeliana derivou a teoria da luta de classe de Karl Marx, pai do socialismo moderno.



"Idalécia" é o título do magnífico óleo que estampamos acima, devido ao pincel de Hugo Benedetti, jovem artista de São Paulo que, depois de firmar-se como marinista e paisagista, se revela, agora, um excelente figurista com êsse e outros ótimos trabalhos destinados ao próximo salão.

TRATAMENTO DO ROSTO E DAS MÃOS

Por profissionais competentes. Os mais finos produtos de beleza:
 Creme, pó, rouge, água, pasta, etc.
 Rainha da Hungria

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA

Mme. CAMPOS

Uma organização tradicional através meio século

Rua Assembléia nº. 115-1.º — Fone: 22-4685

Tal foi a contribuição de Hegel para a história do pensamento. Graças a um francês que pedira ao filósofo alemão que expusesse a sua teoria, Hegel respondeu em dez livros. Mas quando se pediu a um antigo profeta que definisse a sua filosofia, este replicou numa única sentença: "Ama ao teu próximo como a ti mesmo". E muito tempo depois que a lógica dos dez livros se tornar apenas curiosidade morta, a lógica dessa simples sentença continuará a ser uma fé viva.

(Do livro "Vidas de grandes filósofos").

Braços para o Brasil

(Continuação da pág. 12)

italianos residentes no país e que conspiravam contra o nosso governo, ali estiveram enquanto os seus processos eram julgados pelo Tribunal de Segurança. Com a terminação do conflito a ilha voltou à sua finalidade primitiva e já cinquente-nária, a de receber imigrantes. Portanto, a fase durante a qual esteve convertida em presídio político foi um período de "imigração negativa", conforme a classificou o Dr. Martins de Almeida, diretor da HIIF, abreviatura oficial da Hospedaria dos Imigrantes da Ilha das Flores. Durante o tempo da ditadura getulista a ilha abrigava, periodicamente, principalmente próximo às datas alusivas à cria-

ção do Estado Novo, pelotões de trabalhadores pertencentes a sindicatos estaduais, vindos dos mais distantes pontos, com a incumbência de engrossar as famosas "paradas trabalhistas", onde se fazia o endeusamento do senhor Getúlio Vargas. Os soldados da borracha estiveram alguns dias naquele paraíso da Guanabara, antes de rumarem para o suicídio coletivo, no inferno verde da Amazônia.

A ILHA DE BABEL

..Quando a lancha nos deixou no cais da ilha, tivemos a impressão que pisávamos terra estranha, tal a algaravia das línguas faladas. Lituanos, estonianos, poloneses, iugoslavos, russos, búlgaros e nacionais, conversavam, davam ordens, cada qual no seu idioma. Quase todos eles, entretanto, têm na língua alemã um idioma comum. Deve-se isto ao fato de que viveram trabalhando como forçados, durante os anos de guerra, nas fábricas alemãs. O IGCR tem à disposição do Departamento de Imigração intérpretes excelentes, que na ilha auxiliam o trabalho das autoridades. Entre os refugiados existem alguns que falam bem o inglês, e encontramos um rapaz polonês que já chegou falando razoavelmente o português. O nosso Departamento de Imigração, que tanta coisa previu acertadamente, esqueceu-se de uma providência importantíssima. Não providenciou até hoje dicionários em alemão-português russo-português, etc. Enfim, em nenhum dos idiomas falados pela maioria dos imigrantes. Nem dicionários existem no mercado nas línguas alemã e portuguesa. Vários imigrantes correram as livrarias da cidade e nada conseguiram. Os vocabulários deveriam ser distribuídos nos portos de embarque para que, durante a travessia, eles viessem estudando as palavras e frases mais necessárias. Nota-se em todos uma vontade enorme de falar a nossa língua, coisa vital para eles, mas o governo se esqueceu desse detalhe importantíssimo. Uma família, não tendo conseguido um dicionário alemão-português, usou de um recurso singular para conhecer algumas das nossas palavras. Adquiriu dois dicionários: um, alemão-francês e outro, francês-português. Aproveitando os seus parcos conhecimentos da língua francesa, traduzem eles a palavra para esta língua e depois, manipulando o dicionário francês-português, procuram acertar com o significado nacional do termo. Este sistema de tabela é um verdadeiro quebra-cabeças e está sendo usado também com dicionários alemão-inglês e inglês-português. A pronúncia do vocábulo se transforma completamente. Um búlgaro querendo nos ser gentil pronunciou a última frase que tinha "matado" com o seu jôgo de dicionários: Disse-nos algo assim: "Ai no echijo". Isto para ele significava: — "Eu não exijo".

UM BARQUEIRO DO VOLGA

Todo o imigrante traz dentro de si uma história curiosa de aventura e de dor, quase sempre as duas ao mesmo tempo. Andrei Perwiju, com sua cara de mongol, seu metro e oitenta de altura, olhos amendoados e seu cabelo caindo escorrido sobre a testa, chamou-nos logo a atenção. Andrei fala somente russo. Frei Hilário, do convento de Santo An-

Senhorita Amélia Queiroz, da sociedade carioca, cujo casamento com o Sr. João Pereira, ocorreu no dia 3 de Maio passado nesta Capital.

PÓ DE ARROZ
ANTHÉA



nos deliciosos perfumes

HELIOTROPE
 VIOLETA CRAVO

apresenta-se em 6 tonalidades:

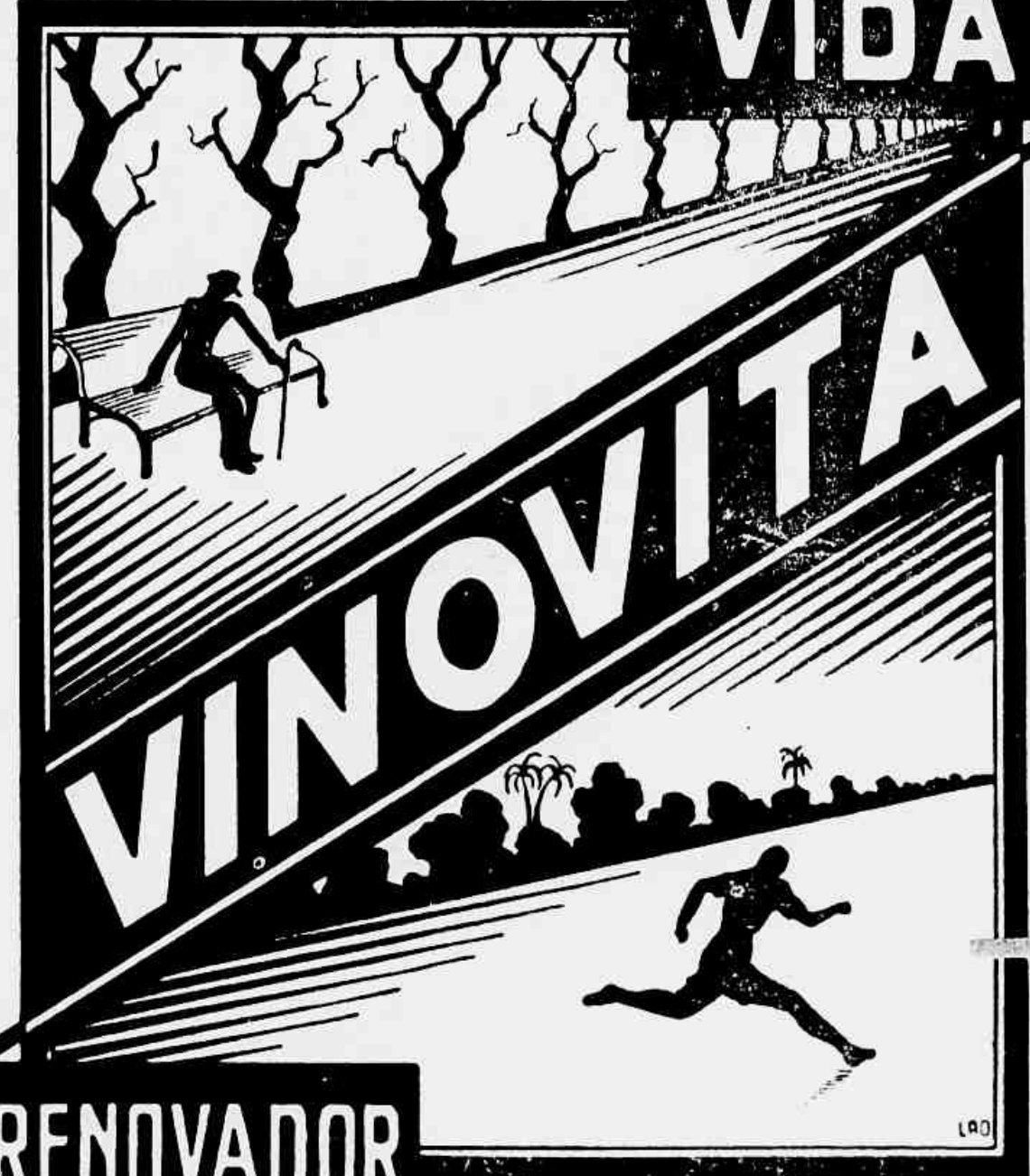
• BLANCHE • RACHEL •
 • OCRE • NATURELLE •
 • ROSE • PÊCHE •



ROGER & GALLET
 PARIS • RIO

*Contra o esgotamento
 físico e mental!*

**VINHO
 DA
 VIDA**



**RENOVADOR
 DAS
 FORÇAS**

Tônico poderoso

PRÍNCIPE DE GALLES

QUE CHARUTO DE GOSTO BOM!

MAS... PARA PESSOAS DE BOM GOSTO!

Produto COSTA PENNA BAHIA-BRASIL



O romance de

W. Somerset Maugham

O FIO DA NAVALHA

filmado pela 20th. CENTURY-FOX



Tyrone Power no papel de Larry Darnell... o homem que abandonou o lar, a posição, as riquezas e a mulher amada — em busca de paz para sua alma torturada... Jamais o autor de "Servidão Humana" escreveu a história de uma paixão mais avassaladora! Leia o livro: uma leitura empolgante! Veja o filme: um espetáculo arrebatador!

Leia o livro antes —
Veja o Filme depois!

Cr\$ 25,00. Edição da Livraria do Globo

Agência no Rio de Janeiro: — Alexandre Mackenzie, 1/7-B

Corta os resfriados

Instantina



Alivia as dores

tônio, que nos servia de intérprete, ficou impossibilitado de se fazer compreender na língua alemã. Socorre-nos um polonês que entende um pouco de russo. Andrei é um deslocado há muitos anos. Foi a Mongólia para a Rússia e durante muitos anos ganhou sua vida como barqueiro no Volga. Lutou contra os alemães em Stalingrado, onde foi feito prisioneiro. Passou a trabalhar para os nazistas como tratorista de estradas, consertando os estragos causados pelas bombas dos aviões aliados. Frei Hilário quis saber a sua religião. Com grande espanto do franciscano, depois de auxiliado pelo intérprete, ele respondeu:

— Budista.

Perguntamos se o gilyaz que marca a sua face esquerda era uma recordação da guerra passada. Ele entendeu a nossa inimica. Consultou um dicionário russo-português (o único existente na ilha) e nos respondeu, com grande esforço:

— "No" Cavallo.

O diretor da ilha declarou-nos que Andrei veio como experiência. Os técnicos observarão se a sua raça produz bons resultados em nosso meio.

— O custo médio da estadia de cada imigrante fica em doze cruzeiros por dia, aproximadamente. Andrei, entretanto, fica-nos mais caro. É preciso que os senhores vejam que ótimo garfo é este mongol.

UM IMIGRANTE QUE JA PERCEBE O CUSTO DA VIDA NO RIO

A primeira palavra que o imigrante aprende, depois de conhecer a pronúncia do nome do país a que se destina, é o nome do dinheiro em circulação. Todos lá na ilha já sabem dizer "cruzeiro" e estimam muito bem o seu valor. Um exemplo dessa realidade é a conversa que tivemos com um ex-estudante de arquitetura de uma universidade da Iugoslávia. Na capital desse país em Belgrado, soube da existência de nossa terra, por intermédio de uma casa brasileira, representante de firma exportadoras de café. Este é um fato excepcional, pois a quase totalidade dos imigrantes só teve conhecimento do Brasil alguns dias antes que eles para aqui embarcaram. E este conhecimento é muito vago. Ensina-mos-lhes que é uma terra muito quente, fracamente povoada e onde as bananas são baratíssimas. Nicola Belovodski casou-se na Alemanha com uma letoniana. Trabalhou numa fábrica de cimento perto de Hamburgo, onde adquiriu o novo ofício que vai utilizar agora como imigrado. Após sua chegada ao Rio teve uma oferta de uma firma nacional para trabalhar como desenhista, com o ordenado de mil e oitocentos cruzeiros. Diz-nos Nicola:

— Fui obrigado a recusar. Mil e oitocentos cruzeiros é muito pouco para viver com minha senhora nesta cidade.

E ante o espanto do reporter o imigrante continua:

— Vida no Rio muito difícil. Prefiro ganhar menos no interior.

LAVRADOR EM SÃO PAULO, UM EX-CORONEL DO CZAR

Estamos, agora, diante de um russo branco, velho soldado cuja luta começou há quase trinta anos, quando coronel do 1.º Corpo do Regimento do General Kraus. Seu regimento lutou até 1920

contra o comunismo e para evitar o aprisionamento pelas tropas vermelhas atravessou a fronteira da Tchecoslováquia, onde foi desarmado e internado. Mas o coronel não se deu por vencido e formou por sua conta um "corpo de libertação", que, no ano seguinte, incursionou pela Rússia. Tendo o movimento revolucionário vencido em toda a linha, viu-se obrigado a refugiar-se na Polónia, onde a segunda grande guerra o encontrou. Anti-comunista por índole, era também visceralmente anti-nazista. Acusado pela Gestapo de proteger os nacionalistas ucranianos, foi preso em 1943 e enviado para trabalhar como forçado nas turmas de reparos das rodovias bombardadas. Os comunistas de 1920 assassinaram-lhe dois irmãos, também oficiais do Czar, e duas irmãs. Vinte e três anos mais tarde, era a gestapo que trucidava seu último irmão e sua velha mãe.

— Quero estar bem longe de tudo quanto possa lembrar a existência de regimes totalitários. Sou emigrado político há quase trinta anos. Acho que só mesmo longe da Europa a gente pode pensar em Paz.

O ex-coronel permitiu que o fotografássemos, mas não quis declinar seu nome.

— Tenho ainda parentes na zona russa da Polónia e conheço bem o espírito vingativo da G. P. U. — Pelo retrato, nem minha própria família me reconhecerá. Os sofrimentos se encarregaram de mudar as minhas feições.

LAVOURA E INDUSTRIA

Os imigrantes do tipo do ex-coronel do Czar e do ex-barqueiro do Volga, sem descendência e de idade um tanto avançada, são casos excepcionais. A grande maioria é de famílias constituídas com dois, três ou mais filhos pequenos. Basta dizer que entre os oitocentos da primeira leva, trezentos eram crianças de menos de cinco anos de idade. Seus pais são jovens, com uma idade média de trinta e cinco anos. O nosso contrato com o Inter-Governmental Committee of Refugees estabelece que selecionaremos os nossos imigrantes numa percentagem de sessenta por cento de famílias constituídas e somente os quarenta por cento restantes poderão ser de mulheres ou homens solteiros. Os "avulsos" — como são designados os que não vêm com família — são geralmente ótimos técnicos fabris, grandes especialistas nas suas profissões. Nossa seleção nos campos da UNRRA faz-se numa base de escolha de setenta por

A Beleza e Obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é fêlo quem quer. Isso é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resaca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperidades e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva, cada volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas

próprio estado do sistema nervoso tem sido satisfatório.

A AMOSTRA APROVOU

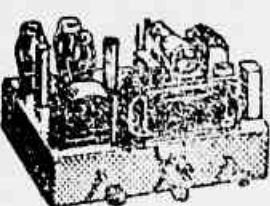
O estado físico, o tipo racial e tantos outros fatores favoráveis do primeiro contingente que aqui aportou impressionaram tão bem os nossos técnicos, que se chegou a dizer, por pilhéria, que essa primeira amostra não corresponderia aos outros quatro mil que estavam para chegar. A amostra estava "caprichada" demais. Mas a verdade é que o Brasil foi o primeiro selecionador que se apresentou nos campos da UNRRA e por isso nossa "chance" foi maior. Há especialistas notáveis dentre os que aqui chegaram. O mecânico Jan Hindrikson, estoniano, é um mágico em questões de automóveis. Com um amontoado de peças velhas reconstituiu um carro. Nos campos da UNRRA, com peças abandonadas pelos exércitos americanos, ele construiu

onze caminhões novos. Este e outros trabalhos lhe valeram um atestado elogioso do comando aliado, documento que Jan nos exibiu, orgulhoso. Arnolds Miglans, letoniano, era um dos melhores eletricitistas de Riga, sua terra natal. Um seu amigo confessou-nos que os nazistas o consideravam uma verdadeira notabilidade na sua especialidade, o que não impediu que o esbordoassem várias vezes, para amainar a sua rebeldia anti-fascista. A nossa impressão foi, de um modo geral, favorável, sob todos os aspectos, quanto aos nossos futuros compatriotas. A maioria declara-se apátrida, principalmente aqueles cujos países caíram sob o domínio moscovita. Eles preferiram perder a nacionalidade a serem repatriados para seus países e viverem debaixo de um domínio que abominam. Por isso a imprensa comunista desta capital os qualificou de fascistas potenciais. — "Como se uma pessoa não pudesse detestar, ao mesmo tempo, as duas doutrinas" — diz-nos o dr.

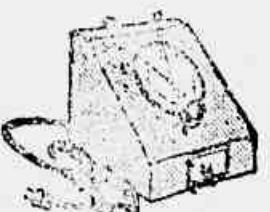
FAÇA SUA FORTUNA ESTUDANDO RADIO



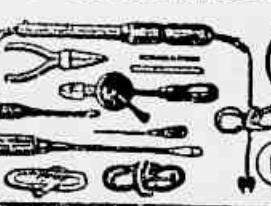
V.S. montará este maravilhoso Rádio de 8 válvulas.



Receberá um instrumento para medir resistências, condensadores, etc.



E também um jogo completo de ferramentas.



APRENDA EM SUA CASA nas horas de folga para ser um RÁDIO-TÉCNICO COMPETENTE

Com o novo e aperfeiçoado método prático de nosso INSTITUTO V.S. aprenderá todos os trabalhos manuais de um modo eficiente para montar e concertar RÁDIOS de qualquer marca, amplificadores, transmissores, equipamentos de Televisão, Line Sonoro etc. Poderá V.S. ganhar mais dinheiro do que o custo de seus estudos, logo após de iniciá-los. Duração dos estudos, 25 semanas. Mensalidades suavíssimas. Não é preciso ter conhecimento nem preparação especial. MANDE HOJE MESMO O COUPON ABAIXO DEVIDAMENTE PREENCHIDO.

INSTITUTO RÁDIO-TÉCNICO MONITOR
RUA AURORA, 1021 - SÃO PAULO

18

Sr. Diretor: Peço enviar-me GRÁTIS o folheto com as instruções como ganhar dinheiro no Rádio

NOME

RUA N.º

CIDADE

ESTADO

FEMININAS

EMPADINHAS DE QUEIJO

Amasse 7 colheres de farinha de trigo com 2 colheres de manteiga, 1 gema, e 1 colherinha de sal. Quando a massa estiver bem igual, estenda-a e, com ela forme pequenas formas untadas de manteiga. Leve ao forno. Dez minutos depois, retire-a. Encha-as com o seguinte creme de queijo: rale a quarta parte de um queijo de Minas, junte 1 copo de leite, 1 colher de manteiga derretida e 4 ovos. Deite outra vez no forno as empadinhas, agora recheiadas, por uns 15 minutos.

COCADAS SIMPLES

Misture meia lata de leite condensado com 2 colheres de coco picado em pequenas tiras. Junte 1 colherinha de essência de amendoas, misturando bem. Coloque, às colheradas, em um tabuleiro previamente untado de manteiga. Leve-as ao forno moderado por 10 minutos somente. Esta receita dá para 24 cocadas.

cento de agricultores e trinta por cento de especialistas para fábricas, minas de carvão, etc. Por isso, cento e quarenta e dois deles já foram enviados à CADEM, para trabalhos nas minas de carvão do Rio Grande do Sul. Dezoito — inclusive o atlético mongol — foram contratados pelo Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, para o serviço de abertura e conservação das nossas estradas no interior. Para as fazendas dirigem-se, via de regra, as famílias com filhos pequenos, onde terão mais facilidade de fixação. A procura dos braços estrangeiros para a nossa lavoura e para a nossa indústria ultrapassa de muito a nossa requisição inicial de cinco mil imigrantes. O estado físico que têm apresentado os imigrantes é excelente, segundo constataram os médicos da Ilha das Flores. Nenhum caso de moléstia contagiosa e o

Faça Bolos...

...E BRILHARÁ PERANTE SUAS AMIGAS!



BOLO OURO

6 colhs. (sopa) manteiga
1 1/4 xíc. açúcar
4 gemas não juntas
1 colh. (chá) essência de limão

1 1/2 xíc. farinha
1/2 xíc. araruta
1 colh. (sopa) Royal
1 colh. (chá) sal
2/3 xíc. leite

Amasse a manteiga até ficar cremosa. Incorpore o açúcar aos poucos. Junte as gemas uma a uma, batendo bem após cada, depois a essência. Peneire juntos 3 vezes a farinha, araruta, Royal e sal. Junte-os aos poucos e alternados com o leite, à massa. Bata bem. Use 3 formas baixas untadas. Forno regular 20 a 25 min. Deixe esfriar. **Recheio e glacê:** sobre fogo baixo, dissolva 1 1/2 xíc. de açúcar em 1/2 xíc. de água. Deixe cozinhar lentamente até o ponto de fio. Bata 2 claras em neve. Derrame a calda devagar sobre as claras, batendo sempre. Junte 1/2 colh. (chá) Royal e 1 colh. (chá) suco de limão. Bata até ter consistência para ser espalhado. Junte bananas picadas à parte do glacê que servirá de recheio. Cubra o bolo com o restante. Enfeite com rodela de banana, embebidas primeiro em suco de limão.

O bolo é um símbolo de hospitalidade. É a forma mais acolhedora, carinhosa e festiva de receber as suas amigas... E como sabem disso, elas ficarão encantadas, admiradas!... Vale a pena, portanto, fazer bolos! E desde que se saiba que eles não de elevá-la perante suas relações não há ditas especiais para fazê-los — todo o momento é oportuno. Naturalmente, para garantia do êxito, utilize sempre o Livro de Receitas Royal, usando o produto de confiança e de qualidade, famoso há 80 anos — Fermento Royal!

FERMENTO ROYAL

— a chave de mil e um pratos deliciosos!

PRODUTO DA STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC.
RIO DE JANEIRO



GRÁTIS!

Peça hoje ao seu fornecedor um "Catálogo-Royal" com as instruções para receber o famoso "Livro de Receitas Royal". Ou escreva para: Caixa Postal 3215, Rio de Janeiro.



Cuidado com a PIORRÉIA...

De cada 5 pessoas — 4 estão ameaçadas

Se as suas gengivas estão sensíveis e amolecidas, se sangram com facilidade ao escovar os dentes — acate-se! São sinais de alarma desta enfermidade — que encolhe as gengivas e afrouxa os dentes.

Comece logo a proteger as gengivas e os dentes contra a Piorréia com o método experimentado Forhan. Escove os dentes de manhã e à noite (fazendo, ao mesmo tempo, massagem nas gengivas) com Forhan's para as Gengivas — o único dentífrico que contém o adstringente especial do Dr. Forhan contra a Piorréia. Exames clínicos recentes provam que, no fim de apenas um mês deste tratamento, 95 % dos casos ameaçados de Piorréia apresentam notável melhora.

Vá ao seu dentista com frequência. Siga os conselhos dele. E para restaurar o brilho natural dos dentes... a firmeza e a saúde das gengivas... comece a usar *hoje mesmo* o dentífrico Forhan's para as Gengivas!

Escove os dentes com **Forhan's**



AME. ZULEIDA GUERRA
PARTEIRA
Diplomada pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro
R. S. Francisco Xavier, 258 - Fone: 28-0439

Martins de Almeida, que os tem estudado diariamente. Um técnico que viajou ao nosso lado, de volta da ilha, observou: — "É possível que esses milhares de braços, que parecem vir dispostos a trabalhar durante, ajudem-nos a minorar a miséria que se aproxima de nós a passos largos, agora que o reverso da medalha da situação inflacionista está chegando".

(Continuação da pág. 46)

co. Novamente obtiveram grande sucesso os aparelhos elétricos da fabricação do técnico electricista Elias Mussi, de Manhumirim, cuja perfeição e eficiência atingiram o mais alto grau exigível. Despertou particular interesse entre os visitantes o seu aparelho de eletroterapia, que propiciou experiências a centenas de pessoas. Foi uma autentica atração, o stand do renomado técnico.

★

No terreno social e artístico a 3.ª Exposição de Carangola assinalou êxito inconfundível, a começar pela visita do ministro Daniel de Carvalho, especialmente feita para presidir à cerimônia inaugural. A afluência de visitantes de todos os municípios da Zona da Mata e de outros mais distantes, dos Estados do Rio e Espírito Santo e da Capital da República, fez-se notar sem interrupção, o que, aliado ao interesse popular pelo certame, manteve em permanente movimentação todas as seções da 3.ª Exposição, principalmente nos últimos quatro dias. O elemento local deu, como sempre, uma esplendida contribuição às reuniões ali verificadas. Lá estavam as figuras simpáticas e cavalheirescas dos carangolenses, animando com o seu entusiasmo sem par os dias e as noites da Exposição, ou culminando em gentilezas para com os rasteiros semana. Lá também se encontravam forasteiros que compartilhavam da sua grande semana. Lá também se encontravam em todos os momentos a graça e o sorriso da mulher carangolense, flores da virtude e da bondade, dando mais uma vez demonstração dos seus aprimorados dotes de espírito e coração, trabalhando incessantemente nos dois bars da Casa de Caridade e do Instituto S. José, orientadas pelas incansáveis senhoras Yolanda Marques Esteves e Genny Souza, que tão bem simbolizam os excelsos atributos morais das suas conterrâneas.

Neste ano, os promotores da 3.ª Exposição propiciaram ao público mais um motivo de atração e sucesso, fazendo exibir um interessante "show", enriquecido nos dois últimos dias com a presença dos afamados artistas Linda Batista, Alvaren-

ga e Ranchinho, Oswaldo Elias e Jorge Veiga, que se fizeram ouvir em aplaudidos numeros do seu repertório. A artista Linda Batista, que conquistou, além dos aplausos, a unanime simpatia da sociedade carangolense, foi especialmente convidada a fazer a distribuição dos prêmios na cerimônia de encerramento do certame, tendo ainda, em companhia do sr. Manoel de Sousa Dantas, do nosso alto comércio, ambos para esse fim convidados pelo sr. Jonas Esteves Marques e senhora, batizado o conjunto-família da raça Holandesa que conquistou para a Granja Regina o prêmio do Ministério da Agricultura.

Do baile realizado nos salões do aristocrático Clube Carangola, em homenagem aos visitantes que acorreram a prestigiar com a sua presença a importante mostra agro-pecuária, e que foi uma parada de elegância e beleza, às tardes e noites dançantes no recinto da Exposição; dos rodeios e concursos hipicos às provas esportivas realizadas no magestoso Estádio Municipal; do banquete ao ministro Daniel de Carvalho aos almoços e jantares havidos, estabeleceu-se uma sequência de brilhantismo inalterável, como a indicar que a Exposição Agro-Pecuária e Industrial terá vida longa e radiosa, reflexo da grandeza econômica e elevado nível social de Santa Luzia do Carangola.

(Continuação da pág. 49)

cambiando-se em flores e em frutos, o trabalho e o homem numa só força indivisível e insuperável, na ância incontida de criar, de produzir. Isto é a Fazenda da Serra.

E quando morre o dia e a estância adormecida gosa a pausa da noite tranquila, é chegada a hora dos serões na "Casa Grande" confortável e acolhedora. Lá fora, os alto-falantes retransmitem para o pessoal em descanso a voz das metrópoles. Conversa-se. Brinca-se. E o som das águas encachoadas domina com o seu murmúrio cadenciado a amplidão da noite quieta. E a vida segue, incessante, feliz, na Fazenda da Serra.

Publicidade para a **REVISTA DA SEMANA**

em São Paulo:

Tratar com

JARBAS DE FREITAS GALVÃO

RUA BRIGADEIRO TOBIAS, 613

2.º AND. SALA 217

FONE — 6-6718

Aos srs. distribuidores e assinantes desta revista

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.

CUTIS CANSADA



e sem viço

As pérfidias rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379-S. Paulo



Agência Zambardino
Rua Capitão Salomão, 67
Distribuidora desta revista na capital de São Paulo.

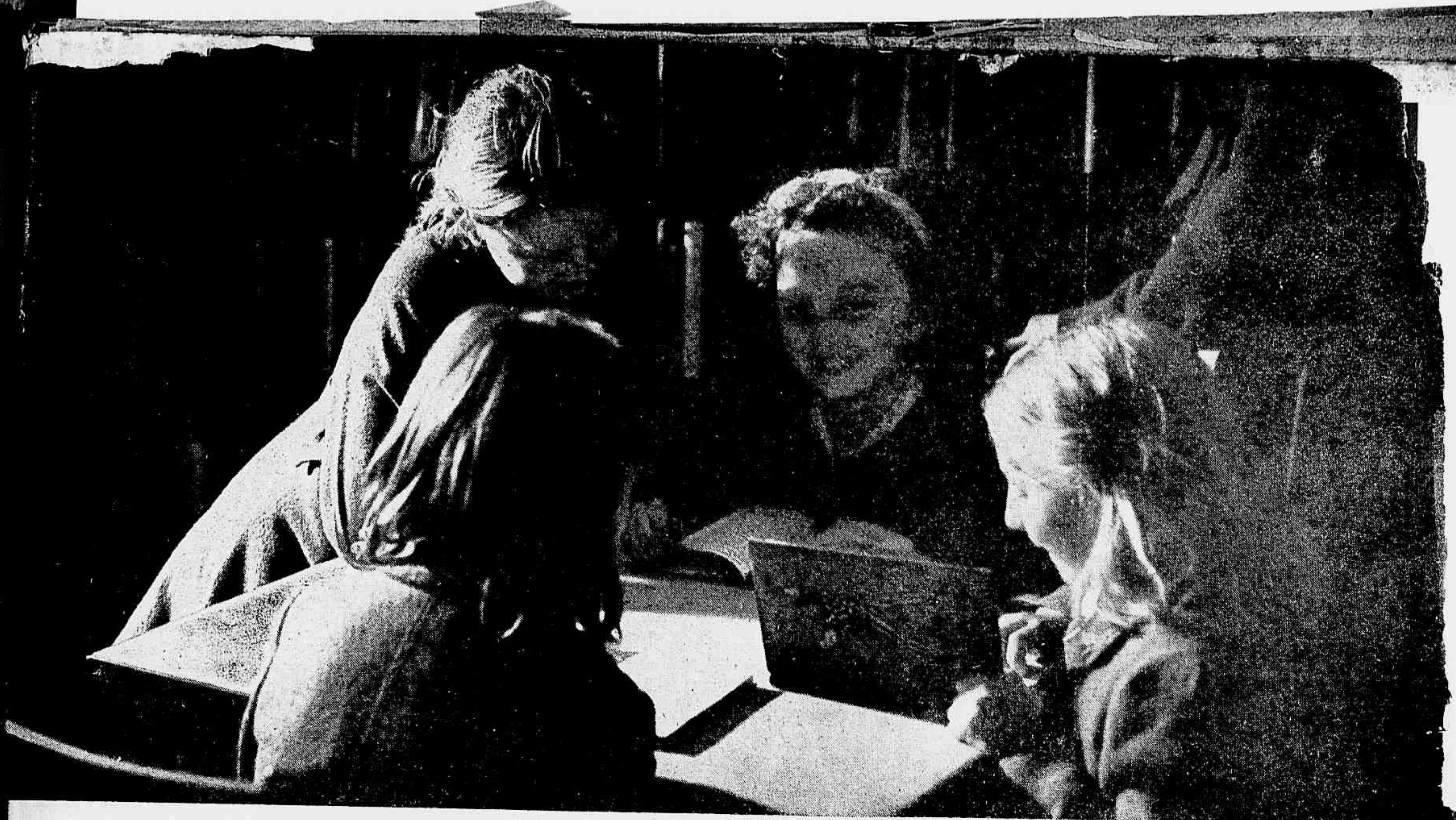
Realce seu Encanto
embelezando

seu Cabelo



Para realçar a beleza do seu rosto e aumentar seu encanto pessoal, proporcione aos cabelos a vitalidade e o brilho que lhes assegura o Tricófero de Barry. Famosa loção rejuvenescedora, Tricófero de Barry vem sendo usado, com pleno êxito, há mais de um século, por todos os que desejam eliminar a caspa, evitar a queda e o embranquecimento prematuro dos cabelos, e as afecções do couro cabeludo. Adote Tricófero de Barry — e verificará, por si mesma, o acerto da sua escolha.

Tricófero de Barry
EM USO DESDE 1801



Crianças londrinas comentando sorridentes, na sala de leitura de uma das bibliotecas infantis da capital britânica, as histórias de livros cuidadosamente selecionados.

LONDRES, junho — Uma garotinha, com passo indeciso, se acercou da mesa e com seu rostinho inundado de rubor e vergonha e uma vozinha trêmula, perguntou: "Posso olhar os livros?"

"Passa para o outro lado, onde estão os demais meninos" — disse a bibliotecária carinhosamente, e acrescentou: — "Mostra tuas mãos àquela senhorita, para que veja que as tens limpas, e ela te dirá onde estão os livros". A menina deslizou para o lugar indicado e sua timidez se converteu num ar de segurança em si mesma ao se encontrar numa fila impaciente de gente miúda.

A cena descrita ocorreu na Biblioteca infantil de Highgate, pertencente ao Distrito londrino de St. Pancras. Está situada num edifício alegre, de numerosas janelas, luz abundante e que, afortunadamente, não sofreu grandes estragos durante a guerra. Foi construído durante a década de 1930. Não é fácil de ser encontrado, e, antes de dar com seu paradeiro, tive que andar através de um labirinto de ruas tristes e cheias de ruínas, recordação trágica da barbárie nazista. Mas todas as mães e crianças que vivem nos arredores da Biblioteca sabem sua direção e, graças a elas, logo consegui meu objetivo.

Ao penetrar-se no edifício encontra-se em primeiro lugar a biblioteca, com numerosa coleção de livros fáceis de alcançar situados em estantes baixas perfeitamente adequadas às crianças. Depois vem a sala de leitura com carteiras, poltronas e bancos de todos os tamanhos.

Nas estantes podemos ver livros de todas as espécies, desde obras clássicas como "Alice no País das Maravilhas",

A BIBLIOTECA INFANTIL DE LONDRES

De KATHLEEN A. REED

Especial para "REVISTA DA SEMANA"

"David Copperfield" e "Histórias de Shakespeare, de Lamb", até autores modernos como Enid Blyton e Arthur Ransome. Existem igualmente grande número de enciclopédias e livros de consultas; textos de engenharia e jardinagem; livros de box e navegação, de desenho, etc. Enfim, livros e textos de tudo quanto possa interessar uma criança.

Meus olhos se detiveram numa criança que teria de cinco a seis anos. Estava sentada numa poltrona junto à lareira, gozando a cálida carícia do fogo, e em suas mãos tinha volumoso livro de contos de fadas que absorvia avidamente. A menor poltrona era demasiado grande para ela. A essa biblioteca têm acesso crianças desde os oito anos de idade, porém qualquer criança menor que demonstre que sabe e goste de ler pode igualmente frequentá-la.

Durante a guerra, as atividades dessa biblioteca foram restringidas por um conjunto de circunstâncias. Muitas crianças foram evacuadas, as horas de frequência foram reduzidas devido aos bombardeios, os livros eram difíceis de ser substituídos e o pessoal empregado foi chamado às fileiras.

A princípio, as crianças ajudavam nas várias tarefas da biblioteca, sendo isso considerado como parte do programa da mesma. As crianças maiores prestavam sua ajuda colocando o carimbo da entrada e saída nos livros e arrumando-os ordenadamente nas estantes. Assim seja possível, as crianças serão estimuladas a assistirem em todas as tarefas da biblioteca. A opinião geral é a de que essas atividades servem para desenvolver seu entusiasmo e lhes dá a sensação de que a biblioteca é algo verdadeiramente seu.

A esquerda: Satisfeitas, estas crianças deixam a biblioteca infantil com destino a seus lares, sobraçando os livros que ali foram tomar emprestados. À direita: Duas meninas londrinas aprendem geografia através de sugestivo mapa pregado nas paredes de uma biblioteca infantil de Londres.

A atuação da biblioteca não se restringe a ceder livros. Durante muitos anos vem organizando conferências para crianças em colaboração com as autoridades docentes da localidade. No princípio do curso as escolas do distrito recebem um programa de conferências a fim de que possam escolher aquelas a que desejam enviar seus alunos.

Entre as conferências que terão lugar esta estação figuram uma pelo famoso ator britânico Robert Speaight sobre a arte de trabalhar em cena, uma por Helen Henchel sobre música; outra sobre o tema "Na Europa", por Bernard Newman; outra sobre "A transmissão do ponto de vista do locutor", a cargo de um membro da BBC, outra com o título "Como se fazem os livros" e finalmente outras sobre "A vida na China", "A vida na Rússia", "Os indígenas da Nova Zelândia, sua história e canções", e "A juventude e as escolas nos Estados Unidos".

Durante essas conferências as crianças podem fazer perguntas, e, como disse a bibliotecária, "Vocês se assombrariam com as perguntas que os meninos fazem". Um garoto de onze anos perguntou a Robert Speaight a diferença entre a pantomima e a representação teatral séria.

Logo se reiniciará a leitura das crianças, sob a direção da bibliotecária. Serão de um só ato e hoje em dia a fecundidade literária inglesa pôde produzir grande número de obras dessa espécie. As meninas demonstram grande entusiasmo por essas tarefas teatrais. Os meninos tendem a ser um pouco orgulhosos e a considerar essas funções como algo um tanto feminino. (Copyright do B. N. S.)



REGULADOR XAVIER

** O remédio de confiança da mulher **
DUAS FORMULAS DIFERENTES PARA DOIS MALES DIFERENTES:
N.º 1 Regras Abundantes - Hemorragias
N.º 2 Falta ou Diminuição de Regras

O milagre da Fenix Judaica

(Continuação da página 32)

instantes calado, como se tantasse decifrar no nosso olhar a nossa identidade e depois perguntou:

- Com quem tenho o prazer de falar?
- Sou jornalista.
- De que jornal?
- De vários órgãos da imprensa brasileira.
- Jornais da direita ou da esquerda?
- Nem da direita, nem da esquerda.
- São porta-vozes da democracia. Serve?

— Serve, em parte. É questão de mentalidade. Nós, europeus, depois da tremenda catástrofe que nós atingiu, dividimo-nos em dois grupos: homens de boa vontade, que lutam por um mundo melhor, e outros, reacionários, que, em seus próprios interesses, procuram manter os povos num estado que precipitou a humanidade na maior das guerras de todos os tempos. Dessa lição, nós, judeus, aprendemos algo, que agora nos indica o nosso caminho certo — a Palestina! Queremos ser um povo como qualquer outro, que conta menos almas que o nosso, como a Grécia, a Suíça e outros pequenos Estados. Queremos ter um lar, um pedaço de terra que seja "nosso" da mesma forma que os demais, que têm a "sua" terra. É um direito que nos cabe e por esse direito lutaremos até vencer!

— E quais são as perspectivas dessa luta?

— Várias. Se não conseguirmos a Palestina para "nós", isto é, para a geração presente, então lutaremos para que a nossa antiga pátria seja dos nossos filhos. El-los! — disse apontando para os pequerruchos que mamavam no colo das emigrantes — lutamos por nós, lutamos por eles e, se preciso for, serão eles que prosseguirão essa luta para os seus filhos. E um dia, a Palestina será um Estado judaico, independente, com um povo constituído como outro qualquer, com embaixadores em toda parte do mundo, para proteger os judeus que hoje se encontram dispersos, sem proteção alguma. É isso que nós queremos. Pode dizer isso nos seus jornais!

"SINÃO AGORA, ENTÃO QUANDO?"

Um funcionário da "Hias", aproximando-se do grupo, comunicou que dentro de alguns minutos seriam chamados os passageiros para subir na escada do navio. O tumulto foi enorme. A tremenda confusão reinante, a mescla de línguas que soavam ao nosso ouvido, reproduziu fielmente o quadro bíblico da construção da Torre de Babel. Falavam, gesticulavam e chamavam os seus em polonês, hebraico, russo, rumeno, alemão e alguns em idiomas que não conseguimos identificar. Assim mesmo, tiveram tempo para uma demonstração patriótica. Moças e moços, formando um semi-círculo, de braços dados e fisionomias alegres, cortaram repentinamente aquela algazarra, iniciando uma canção hebraica, das quais destacamos esta frase: "Se não agora, então quando?"... Refiriram-se à luta pela libertação da Palestina. Minutos depois, embarcaram. Um apito ensurdecedor do transatlântico, lenços brancos que se agitavam qual gigantescas borboletas, e o navio partia, distanciava-se cada vez mais, levando aquelas poucas dezenas de judeus que mais uma vez se viram obrigados a andar pelo mundo, a errar por este imenso mundo que Deus criou para todos os homens sem distinção de cor ou credo, mas que não oferece um pedaço do seu imenso chão para o que, no concerto dos povos, representam sempre tão pequena parcela...

DEUS não castiga...

(Continuação da pág. 23)

até que um dia cheguei aí nesse alto e encheriguei a casa da estância. O patrão nem me deixou falar. Foi logo gritando que não me chegasse, que ficasse aqui nesse umbú, que não tinha lugar nas casas nem nos galpões. Ora, se não ia haver um cantinho prá mim! Eu bem que compreendi que ele não queria saber de mim, que tinha até medo que eu fosse um ladrão e um bandido. E aqui estou, miserável, que se minha mãe soubesse, muito havia de chorar. Mas a vida é assim... madrastra sempre!

José quiz dizer alguma coisa que o consolasse, mas as palavras não saíram de seus lábios. Disse muito, mas tudo em silêncio. Era ouro ouvir um guri de quinze anos falar nessa vida má, cusca, que traz tanta coisa ruim para uma criança, que amadurece bruscamente um espírito infantil que ontem ouviu histórias de taperas e dinheiros enterrados

o que hoje está matando gente nos campos de batalha, embrutecendo por dentro.

Deram-se as mãos e aquilo foi muito mais do que as palavras poderiam dizer.

E o José continuou a desobedecer as ordens do patrão, afrontando seu ódio, para ir todas as noites falar com o "bicho do mato". Mas um dia ele machucou um terneiro fino com a argola do laço e o Belisário se chegou aos gritos, sacudindo um rebenque no ar, e deixou-lhe duas marcas vermelhas no rosto quase imberbere. Nessa mesma noite ele e o Lulu não dormiram na estância dos Marmeleiros. Fugiram! Saíram a caminho por aí, ao Deus dará, tomaram o corredor de Alegrete e lá pelos lados do Posto do Angico os dois se empregaram.

— Mas tu sabe, Mita, que um desses gurisotes que chegaram na semana passada, vai ser um domador e tanto? E' aquele mais alto. Puls si eu te digo que ele deu uma sovada naquela bagual tostado que o Pio meteu no palanque um dia destes e não conseguiu domar? Contando tu não me acredita, mas é bem verdade!

Enquanto José domava, o Lulu ia aprendendo a ler com uma das filhas do patrão e cuidando o touro fino da cabanha. Quando o velho saía para alguma parte não o esquecia nunca, que o gurisote já estava mostrando que sabia apartar com cuidado. Estava lhe saindo um sorriso, o tal guri!

E os dois foram se aquereciando à estância, que o trabalho ali não era abaixo de rebenção e gritaria e o velho Inácio nem era patrão, era pai.

Lulu estava lá dentro da cabana dando farelo para o touro novo, quando chegou um dos peões aos gritos por ele.

— Lulu! Lulu! Diabo, onde é que tu te meteu? O José está quase morrendo!

Ao ouvir, Lulu deixou cair o saco de farelo que se esparramou pelo chão e ficou olhando estupidamente para o homem que estava ali na porta. O José? Mas não podia ser! Caramba, se há pouquinho ele tinha vindo do galpão e o José estava lá, de risada com o velho Inácio!

— Lulu! Homem de Deus! Apura!

E ele saiu de seus pensamentos com o puchão forte que o rapaz lhe deu no braço.

— Levou uma rodada bem feia daquele tubiano que o patrão quiz que ele domasse! Tá botando uma sanguêra pelo nariz e pela boca que até chega a dar uma tristeza na gente!

Ao ouvir falar em sangue Lulu desandou a correr. Só foi parar lá no meio do quadro onde estava o pessoal reunido procurando uma forma de salvar o José.

— Não adianta! Se machucô por dentro, patrão! dizia um. Eu conheci o Fermiano que era um domador de fato e ele morreu bem assim, se finando aos poucos, botando sangue que era uma barbaridade!

— Deixa de dizer besteira, rapaz! O José não morre! Para com o agouro dessa tua história.

Lulu não falava. Estava olhando o rosto ranco do amigo e suas roupas lavadas em sangue. Por que? Por que morrer desse jeito, estupidamente? Morrer assim, sem a gente poder fazer nada, mas nada mesmo? Ah! Ele não aguentava ficar ali, vendo o amigo se acabar lentamente, numa agonia dolorosa, mas não podia deixar de satisfazer o pedido ansioso que estava tendo de olhos quase apagados. Um pedido simples e chelo de angústia de um homem que vai morrer e que quer levar como última lembrança da terra o rosto do amigo em que se resume toda sua família.

— Depois tu val embora... pareciam dizer os olhos amortecidos, mas agora fica aqui comigo. Eu estou só. Essa gente que está aqui está sofrendo tanto quanto sofrem no momento de carrear uma ovelha. Não tenho pena de morrer, que eu já sofri tanto que depois é bem sentir que tudo acaba. Só o que peço é que tu esperes um pouco. Fica aqui. As vezes o sofrimento da gente diminui quando se vê que alguém está sofrendo mais.

Quando a cabeça do José pendeu frouxa sobre o braço do velho Inácio que o estava amparando, Lulu saiu a correr para as casas, juntou o que era seu e desapareceu da estância.

Tempo depois, muito tempo depois, um homem de meia idade passou pela estrada de Alegrete e reconheceu de longe a estância da Arvore. Quem estaria morando lá? De certo alguma das filhas do seu Inácio... Não chegou mas se lembrou perfeitamente do José, do lugar onde ele havia caído, daquele único amigo que um bagual matara, e de mistura com as recordações veio uma dos Marmeleiros e de um guri sujo que todos desprezavam. A recordação foi tão viva que ele chegou a olhar para as botas reluzentas, para a fazenda cara das bombachas, para os apêros de prata, para o cavalo vermelho com sua marca e a assombrar-se de estar bem vestido em vez de ter o corpo mal coberto por farrapos e estar percorrendo as

estradas com os pés machucados sentindo o pedregulho do chão.

Quando o sol ia descambando ele chegou ao alto onde havia um pé de eucalipto e de onde, um dia, encherigara a estância grande dos Marmeleiros. Os olhos surpreenderam-se... Mas... e as casas de teto vermelho? E o galpão de pedra? E o banheiro de gado? Onde estava tudo aquilo? Teria errado o lugar? Não! Era ali mesmo, tinha certeza! Era ali, mas só o que havia ficado de toda aquela riqueza era o pé de umbú.

Deu de rédeas no cavalo e foi andando. A noite calma vinha enchendo os baixios, as várzeas, as canchadas, com punhados de sombra, e subindo pelas coxilhas acima, estendendo-se, alongando-se preguiçosamente pela terra silenciosa.

Uma lua muito grande e clara vinha saindo por traz de um mato ralo e um curujão qualquer largou um grito demorado. Talvez fosse esse grito agudo e persistente que despertou Lulu. As longas tropeadas pelos corredores lhe haviam ensinado a cochilar no lombo de um cavalo, mas estava tão cansado que desejava era espichar-se ainda que fosse no chão puro. Quem sabe encontrasse um rancho por aí? E nessa idéia ele apressou o cavalo com um estalo de rélho e foi andando para a frente.

De longe encherigou um luz fraca e depois que veio chegando, a lua encheu de claridade o corredor limpo onde se via um pobre rancho. Corredor é terra de ninguém e quem faz um rancho em plena estrada é só quem não tem mais força para trabalhar de posteiro numa estância, que rancho bom os patrões estão fazendo todo o dia para os empregados.

Lulu apressou mais. Pela altura do Cruzeiro estava certo que a meia noite não tardava. Quando chegou na frente do rancho nenhum cachorro gritou. Só um que outro quero-quero. Tudo era silêncio.

Apeou e, sem saber por que, foi entrando pelo rancho quase desfeito. Ali dentro um velho de cabeça branca olhava para a chama da vela que morria aos poucos e perto dele uma velhinha magra suspirava. Ao ver o recém-chegado os dois tiveram um gesto de surpresa e de medo.

— Quem é o senhor? Nós somos uns pobres velhos que não temos nada. Se é para roubar que o senhor chegou, eu já lhe digo que nem o que comer nós temos hoje.

Havia tal miséria na voz da velha e tal humilde, que Lulu sentiu um aperto por dentro e demorou um pouco a falar.

— Não quero nada, minha gente, a não ser um pouso. Venho por bem. Cheguei porque estou muito cansado e o cavalo quase não aguentava mais.

— Então fique, mas não tenho nada para lhe dar. Se fosse noutro tempo...

— Não se incomode, que eu trago um pedaço de carne. Aqui por perto não há nenhuma venda?

— Só uma aqui nos fundos, mas a gente não tem dinheiro...

— Deixe isso por minha conta. Olha! Tome aqui! disse ele virando-se para o velho. Pegue esse dinheiro e o meu cavalo, vá na venda e traga bastante coisa de comer. E não esqueça a erva!

O velho saiu tropegamente murmurando algumas palavras.

— Não sei o que foi isso, disse a velhinha numa voz trêmula. Talvez fosse um castigo de Deus, porque o Belisário era mau, mas de um dia para outro tudo o que se tinha começou a sumir. O gado morreu, a seca matou as plantações e sem saber como e por que, tivemos de vir morar nesse rancho. Eu me acostumei, mas ele ainda pensa naquela vida de antes, quando ele era o patrão e tinha dinheiro. Tudo mudou e hoje, se não fosse o senhor, não se ia comer nada.

Lulu escutava a voz da velha e pereceu-lhe por momentos, que já a conhecia. Aqueles olhos também lhe eram familiares.

— Como é mesmo o nome de seu marido?

— Belisário. Ele era dono da estância dos Marmeleiros. Nunca ouviu falar? Era um estabelecimento muito grande e bonito... agora... até o galpão que era de pedra, se desfez.

Então eram eles? pensou Lulu e por instantes o seu próprio nome esteve por saltar-lhe dos lábios num ímpeto de vingança. Mas... eram tão velhos os dois! E afinal, para que? Que sabor a vingança feita assim, para duas criaturas que morriam de fome e de velhice? Entreabriu os lábios para falar, mas cerrou-os novamente. Para que dizer e para que vingar-se? Era demasiado tarde!...

Quando acordou, noite escura ainda, foi lá dentro e deixou sobre a mesa um punhado de dinheiro. Depois saiu em silêncio para ensilhar o cavalo. Já estava de pé no estêibo quando chegou o velho ao seu lado.

— Muito obrigado, senhor!

E pela voz apagada e pelo movimento de ombros, Lulu viu que o velho chorava...

SOFRE DO FIGADO?

TOME

BIO-HEPAX
produto do laboratório da GUARAMIDINA



Living-Room
e Hall

O modelo que acima estampamos é composto de móveis de pau-
marfim com poltrona em tecido verde e um amplo sofá em
damasco de seda, verde e branco. Paredes brancas, piso de mármore,
com tapete de lã, liso de cor verde água. Escada com passadeira
de lã bordeaux.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

RAO TEM MAIS ANEXO SEM FIM

Hollywood



CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz

© 1950 Souza Cruz
F. R. C.